

A RETIRADA DA LAGUNA

*Alfredo d'Escragnolle
Taunay
(Visconde de Taunay)*

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

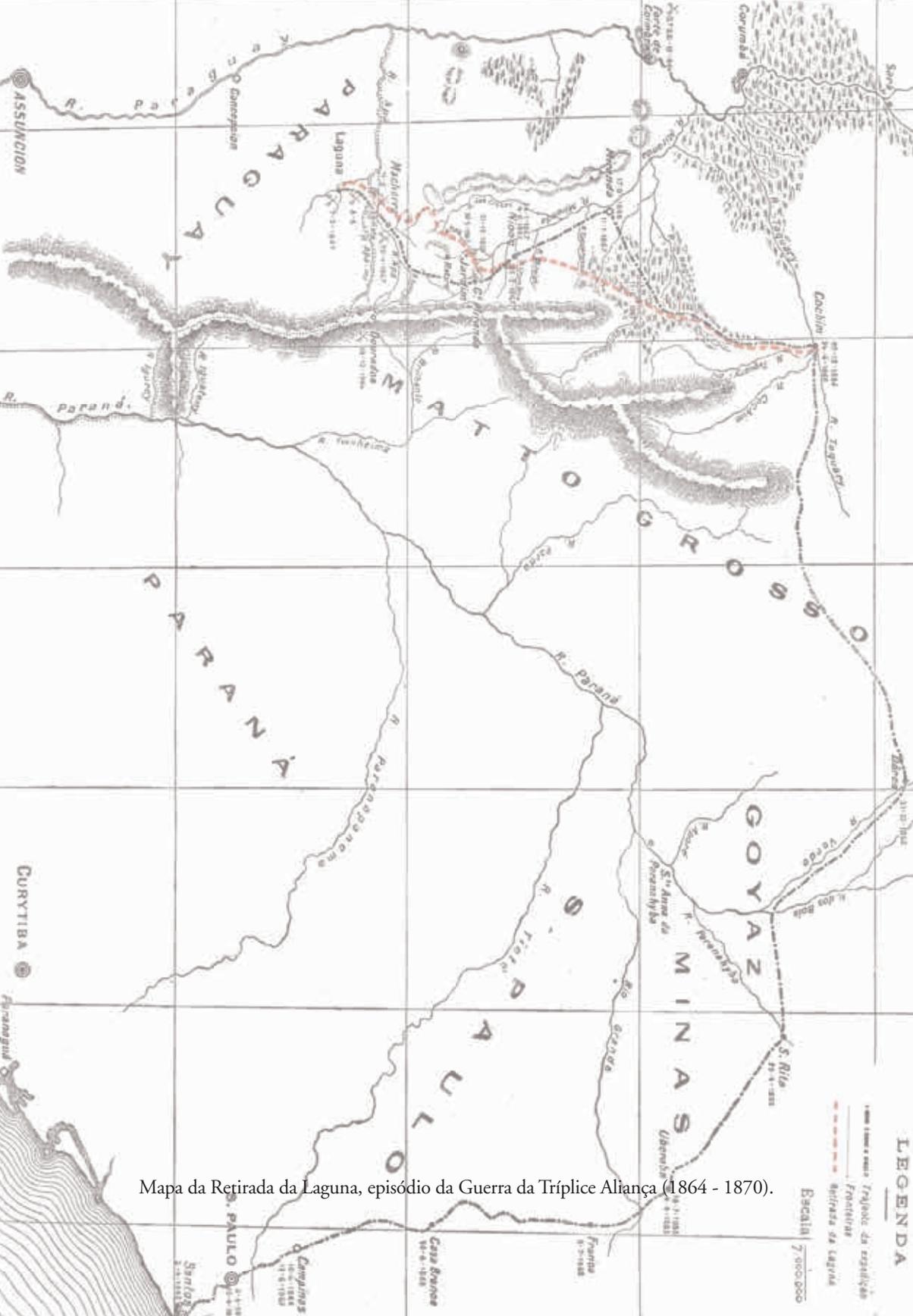
Volume 149

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

R*ecordações da Campanha di Paraguai*, de José Luís Rodrigues da Silva, é a historiografia sobre a Guerra do Paraguai ainda é escassa entre nós. Nada mais oportuna a publicação deste livro que retrata o maior e mais sangrento conflito armado ocorrido na América Latina. Na guerra envolvendo a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai, houve grandes perdas humanas para as partes envolvidas, e pesou drasticamente sobre os destinos do país vizinho. O interesse maior é que foi escrita por um general brasileiro que participou do conflito.

R*ecordações de guerra e de viagem*, Autor de *Inocência*, um dos mais importantes romances da literatura brasileira, o Visconde de Taunay (1843-1899), com o mesmo estilo simples e encantatório, recolhe nestas páginas impressões da Guerra do Paraguai e das viagens que fez mundo afora. As reminiscências da campanha da Cordilheira (1869-1870) representam uma parte pequena na composição geral do livro. Predominam as impressões de viagem. Aqui estão suas anotações sobre Paris e a vida cultural (Louvre, Exposição Universal, o Salão de 1878, Versalhes), Estrasburgo e sua Catedral, o Museu de Dresden, Veneza e a escola veneziana, os pintores Rafael e Urbino, Florença e o Renascimento e muitos outros temas mais. Ao final, anseia pela volta à pátria e escreve o “Futuro que ao Brasil se antolha”. Esta é uma compilação de artigos publicados na imprensa na época de Taunay. Outras narrativas são inéditas, recolhidas por Afonso Taunay para a feitura da primeira edição. Este volume é uma especial curiosidade para aqueles que se interessam por conhecer melhor quem foi um dos nossos homens públicos mais influentes e que nos legou uma obra imortal.

V*Viagem ao rio da Prta e ao Rio Grande so Sul*, publicado em 1835, esta obra de Arsène Isabelle vem somar-se à bibliografia dos viajantes estrangeiros. Desta vez é o Rio Grande do Sul, tendo o Uruguai e a Argentina como parte de suas anotações. O estudioso desta região do país encontrará aqui material abundante sobre o Brasil e o Cone Sul da América Latina. Mesmo nas observações sobre o Brasil, nem sempre lisonjeiras, observa-se, contudo, um atento cronista e homem envolvido com as questões humanas e políticas. Arsène estava mais preocupado com o homem e a organização social do que com o elemento natural. Este, que lamentava a extensão de terra não cultivada no Rio Grande quando operários franceses morriam de fome, posteriormente emigra para o Uruguai. Diz o tradutor: “Um tema que o apaixona e absorve é o da colonização destas vastas regiões por elementos europeus selecionados, à base das observações que recolhera em sua viagem à Província do Rio Grande.” Pouco se sabe sobre Arsène Isabelle, além de ter sido colaborador no jornal de exilados *Patriote Français* e agente consular da França. Seu livro teve boa repercussão na França e mereceu citações em outros trabalhos sobre o mesmo assunto. Este livro não é um simples relato de viagem, mas um conjunto de notas relevantes sobre a geografia, economia, a formação geológica e sociológica das regiões por onde Arsène empreendeu sua viagem.



Mapa da Retirada da Laguna, episódio da Guerra da Tríplice Aliança (1864 - 1870).

.....

A RETIRADA DA
LAGUNA



Mesa Diretora

Biênio 2011/2012

Senador José Sarney
Presidente

Senadora Marta Suplicy
1º Vice-Presidente

Senador Wilson Santiago
2º Vice-Presidente

Senador Cícero Lucena
1º Secretário

Senador João Ribeiro
2º Secretário

Senador João Vicente Claudino
3º Secretário

Senador Ciro Nogueira
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Gilvam Borges
Senadora Maria do Carmo Alves

Senador João Durval
Senadora Vanessa Grazziotin

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 149

A RETIRADA DA LAGUNA

Alfredo d'Escragnolle Taunay
(Visconde de Taunay)

Oficial superior do Exército brasileiro,
senador do Império do Brasil,
da Academia Brasileira

Traduzida da 3ª edição francesa pelo
profº B. T. Ramiz Galvão



Brasília – 2011

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 149

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto
© Senado Federal, 2011
Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF
CEDIT@senado.gov.br
[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)
Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-347-7

.....

Taunay, Alfredo d'Escagnolle Taunay, Visconde de, 1843-1899.
A retirada da Laguna / Alfredo d'Escagnolle Taunay ; traduzida da 3. ed. francesa pelo profº B. T. Ramiz Galvão. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

178 p. : il. – (Edições do Senado Federal ; v. 149)

1. Retirada da Laguna (1867). Título. II. Série.

CDD 981.0434

.....

.....

Sumário

INTRODUÇÃO

pág. 15

AO LEITOR

pág. 23

DEDICATÓRIA

pág. 31

PRÓLOGO

Da primeira edição

pág. 33

CAPÍTULO I

Formação dum corpo de exército destinado a manobrar pelo norte
no Alto Paraguai. – Distâncias e dificuldades de organização.

pág. 35

CAPÍTULO II

Miranda. – Partida da coluna. – De Miranda a Nioac.

pág. 38

CAPÍTULO III

Nioac. – O coronel Carlos de Morais Camisão.

pág. 43

CAPÍTULO IV

Marcha para a fronteira do Paraguai.

– Conselho de guerra

pág. 48

CAPÍTULO V

Reconhecimento. – Rebalte falso.
– Volta de prisioneiros escapos do poder
do inimigo. – O guia Lopes e seu filho. – Avante!
pág. 52

CAPÍTULO VI

Em marcha. – Disposição de coluna.
– Avista-se a fronteira.
pág. 56

CAPÍTULO VII

Passagem do Apa. – Primeira escaramuça. –
Ocupação de Machorra.
pág. 60

CAPÍTULO VIII

Ocupação de Bela Vista. – Os paraguaios tudo devastam em torno.
– Tentativa de uma conferência. – Aborto dela. – Escassez de víveres.
– Marcha para Laguna.
pág. 66

CAPÍTULO IX

Ordem de marcha e disposição do corpo expedicionário.
– O mascate italiano. – O comandante Gonçalves.
– Surpresa e tomada do acampamento paraguaio da Laguna.
pág. 72

CAPÍTULO X

Volta sobre o Apami. – Escaramuça e combates com a cavalaria
paraguaia que cerca por todos os lados o corpo de exército.
pág. 78

CAPÍTULO XI

Rebate falso. – Derradeiras ilusões. – O tenente Vítor Batista.

– Passagem do Apa. – Entrada no território brasileiro.

pág. 85

CAPÍTULO XII

Vigorosa investida do inimigo. – É repelida, mas o gado estramalha-se com o fragor do combate. – Cenas do campo de batalha.

– A preta Ana. – O ferido paraguaio. – Não faltar víveres.

pág. 91

CAPÍTULO XIII

Delibera-se que caminho devíamos seguir.

– Primeiro incêndio no campo.

pág. 97

CAPÍTULO XIV

Prossegue a marcha. – O inimigo toma a dianteira. –

Novo sacrifício de bagagens. – Faltam os víveres. –

Incêndios e borrascas. – Incessantes escaramuças.

pág. 102

CAPÍTULO XV

Incerteza do caminho. – Novo incêndio, novo ataque dos paraguaios.

– É repellido. – Nudez da coluna. – Acha-se outra vez o caminho. –

Passagem do rio das Cruzes. – Recomeça a marcha.

– Outra passagem de rio. – A fome aparece.

– As mulheres que acompanham a coluna.

pág. 109

CAPÍTULO XVI

Lampejo de esperança que rápido se esvaiu. – A cólera-morbo. –

Reaparece o inimigo. – Sempre o incêndio. –

Recrudescer a cólera. – Um repouso, os palmitos. –

Terrível passagem dum brejo. – O tenente Sousa Santos.

– Acampamento; consegue-se acender fogo.

pág. 116

CAPÍTULO XVII

Chegada aos limites da propriedade do guia Lopes. – Passagem do Prata.
– O inimigo acompanha sempre, mas ataca frouxamente.- Devastações da cólera. – Hesitações do coronel Camisão. – Abandono dos doentes. – A separação.- O tenente-coronel Juvêncio e o coronel Camisão atacados por sua vez. – Morte do filho de Lopes.
– Continua a marcha. – Chegada à estância.
– Lopes morre ali de cólera. Seu túmulo.

pág. 124

CAPÍTULO XVIII

Chegada às margens do Miranda. – Põe-se o inimigo a distância para evitar o contágio da epidemia. – O Miranda não é vadeável.
– Alguns homens atravessam-no a nado e trazem a boa notícia de um laranja carregado de laranjas maduras. – Os caçadores têm ordem de tentar a passagem. – Conseguem-no. – Morte do tenente-coronel Juvêncio. – Morte do coronel Camisão.
– É substituído no comando por José T. Gonçalves. – Arma-se um vaivém sobre o rio. – Chegam laranjas em abundância.
– Seu efeito benéfico sobre os famintos e coléricos.

pág. 132

CAPÍTULO XIX

Renasce a confiança. – Restabelece-se a disciplina.
– Passagem do Miranda. – Os canhões. – Ainda o inimigo.
– São-lhe tomados alguns bois, que nos trazem grande recurso.
– Marcha forçada. – Andamos sete léguas! – Canindé.

pág. 139

CAPÍTULO XX

Marcha para Nioac que está apenas a duas léguas de distância.
– O inimigo rodeia constantemente a coluna.
– O mascate italiano Saraco.

pág. 145

CAPÍTULO XXI

Nioac. – Decepção; foi saqueada, incendiada e quase destruída pelos paraguaios. – Infernal ardil de guerra. – O inimigo desaparece de vez. – Chegada tranquila do Corpo de exército.
– Ordem do dia sobre a campanha de 35 dias.

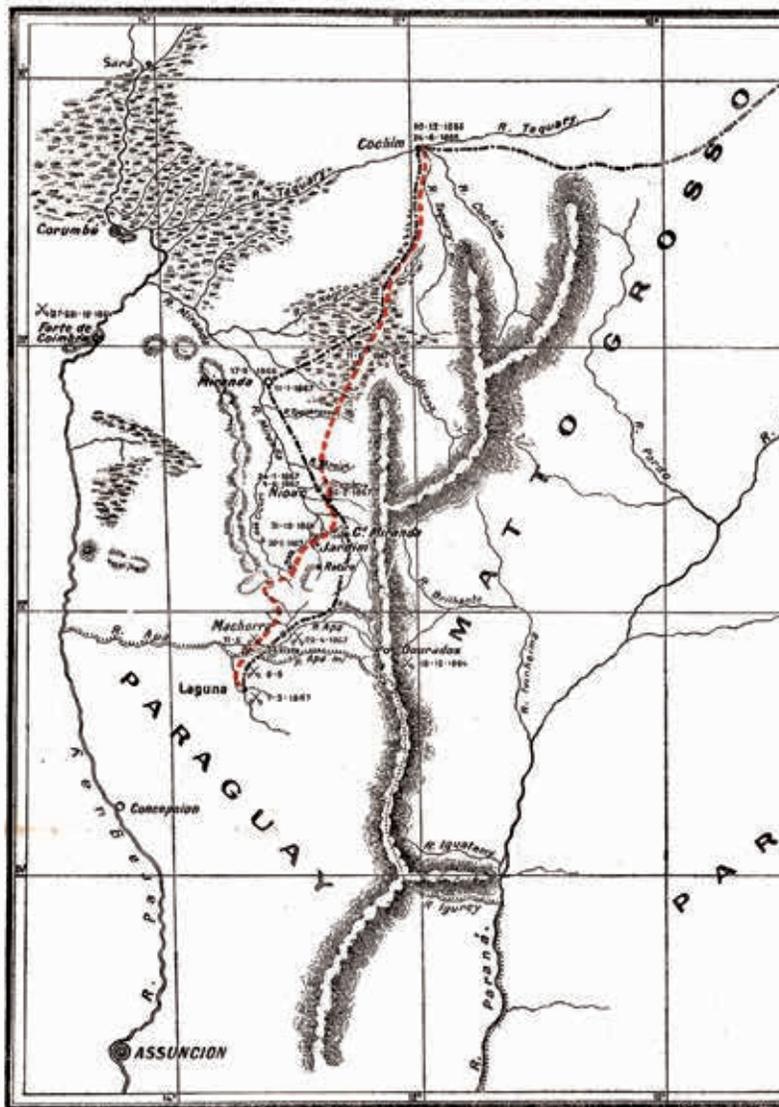
pág. 150

ANEXO

pág. 157

ÍNDICE ONOMÁSTICO

pág. 173



.....

Introdução

ATHOS EICHLER CARDOSO
Coronel de Infantaria Ref QEMA
Acadêmico correspondente da
Academia de História Militar do Paraguai

AUTOR de *A Retirada da Laguna*, *Alfredo Maria Adriano d'Escragnoille Taunay*, mais conhecido como *Visconde de Taunay*, nasceu no Rio de Janeiro em 22 de agosto de 1843.

Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, engenheiro militar, sua última designação foi a de lente de História Natural na Escola Militar da Praia Vermelha, atividade que deixou em 1872 para encetar brilhante carreira política. Deputado por Goiás em duas legislaturas, senador por Santa Catarina, presidente das Províncias de Santa Catarina e do Paraná.

Como parlamentar defendeu os interesses dos soldados com grande competência propondo e conseguindo aprovação nas leis referentes ao aumento do soldo, apoio financeiro às viúvas e contagem em dobro do tempo de serviço em campanha.

Em 1885, ao despedir-se do Exército, foi homenageado pelos companheiros de todas as graduações, que em comovente cerimônia, presentearam-no com seu retrato, de corpo inteiro, pintado por um afamado artista francês.

Faleceu diabético em 25 de janeiro de 1899.

A Retirada de Laguna não foi sua única obra de tema militar. Publicou outras narrativas de guerra passadas no Mato Grosso e no Paraguai na forma de memórias, depoimentos pessoais e autobiografia.

Professor de conhecimentos enciclopédicos, produziu biografias, trabalhos sobre a história, natureza, corografia e etnologia brasileira.

Cultor das artes, colaborou na imprensa com críticas literárias e artísticas. Escreveu peças de teatro, composições musicais e traduções.

Escreveu vários romances, desses, Inocência, considerado sua obra-prima, traduzido para o francês, inglês, alemão, italiano e espanhol.

Aluno da Escola Militar em 1859, alferes aluno em 1862, segundo-tenente em 1864, major em 1874, participou em dois períodos distintos da Guerra do Paraguai.

No início da Guerra as forças paraguaias invadiram o Mato Grosso em duas colunas. Uma delas, comandada por Barrios, ocupou o Forte Coimbra em 29 dezembro de 1864 e Corumbá em 4 de janeiro de 1865. A outra, sob o comando de Resquim, ocupou Colônia Miranda e Dourados em dezembro; Nioac em janeiro e Coxim em 1865.

Contando com apenas 1.000 soldados, os brasileiros tiveram que evacuar o sul da Província, organizando a defesa próxima

a Cuiabá. Obedecendo a ordens superiores, abandonaram Corumbá ao invasor sem oferecer resistência.

A retirada revoltou a opinião pública e o nome do cel. Camisão e de outros oficiais foram alvo de versos depreciativos que circulavam pelo Mato Grosso criticando essa atitude. Esse estigma causou uma forte pressão psicológica no Cel. Camisão, prejudicando a avaliação correta da situação que enfrentaria no futuro quando comandante da coluna brasileira que invadiu o Paraguai.

A invasão paraguaia de Mato Grosso levantou em todo o Império imensa comoção. Ordenou-se a convocação de 12.000 homens da Guarda Nacional para socorrê-la. Esse corpo de exército que deveria repelir os paraguaios do sul do Mato Grosso e invadir o Paraguai pelo norte nunca se organizou. Em vez dele enviou-se uma coluna expedicionária de São Paulo, composta basicamente de militares de infantaria e artilharia que, partindo em julho de 1865, só chegou ao teatro de operações em janeiro de 1867. E, mesmo assim, muito reduzida pelas doenças ocasionadas pela inclemência do clima e do terreno pantanoso durante uma marcha de 2.200 km.

Em janeiro de 1867 apenas 1.300 homens chegaram a Nioac, abandonada pelo inimigo, para escreverem a mais gloriosa página de nossa História Militar: a Retirada da Laguna.

Taunay, em 1865, aos 24 anos, ainda na Escola Militar, fazendo o curso de artilharia, foi chamado para integrar a Comissão de Engenheiros e acompanhou a marcha dessa expedição, de Miranda à fronteira paraguaia, sob o comando do coronel Camisão quando este empreendeu a temerária invasão do território inimigo. Desempenhando a função de secretário militar, redigiu a maior parte do expediente do comando, conhecendo as motivações pessoais e táticas das ordens dele emanadas. Por outro lado, é evidente

que participou muitas vezes como combatente, quer no interior dos quadrados que defendiam a coluna dos ataques da cavalaria inimiga, quer no controle das chamas dos incêndios provocados pelos paraguaios. Baseado no que viu e ouviu, registrado nas suas anotações pessoais, escreveu o único livro que relata, em detalhes, os acontecimentos que desencadearam a retirada, desde Laguna, no Paraguai, até o rio Aquidauana, no Brasil.

Designado para levar um relato do sucedido ao governo imperial, ali permaneceu.

Sua presença pela segunda vez no sangrento conflito sucedeu em contingências bem melhores.

Com o afastamento por motivo de saúde do Duque de Caxias, o imperador nomeou o genro, Conde d'Eu, como seu substituto no comando das tropas aliadas e Taunay foi convidado, início de 1869, para acompanhá-lo como secretário do seu Estado-Maior. Assistindo as sangrentas batalhas de Peribebeú e Campo Grande, permaneceu no Paraguai até a morte de López em inícios de 70. Nomeado para redigir o Diário de Campanha, devemos a ele a quase totalidade da documentação histórica desse período.

A Retirada de Laguna narra a epopeia realizada pela coluna brasileira, comandada pelo cel. Camisão que se internou por território paraguaio, tentando alcançar a cidade de Concepción, a meio caminho entre o rio Apa e Assunção. Por falta de planejamento, suprimentos, informações e forças de cavalaria necessárias para explorar o terreno e enfrentar a cavalaria inimiga, foi obrigada a iniciar uma retirada a partir de Laguna.

Em estilo romântico, o livro descreve as causas da retirada e os erros que motivaram seu fracasso anunciado. Entre eles a situação psicológica do cel. Morais Camisão, valente, mas atormentado entre os valores de honra e glória, um binômio emblemático perma-

nente do imaginário militar, que prejudicou a avaliação correta da situação que enfrentava.

Em 4 de março já na antiga colônia militar de Miranda, a doze quilômetros do rio Apa, que fazia a fronteira com o Paraguai, sem a vantagem do fator surpresa, uma vez que os paraguaios acompanharam a aproximação dos brasileiros. Camisão, face às precárias condições de gêneros alimentícios, baseados praticamente na carne bovina, titubeou na sua ideia de avançar e reuniu a comissão de engenheiros para um conselho de guerra.

Naquela época o conselho de guerra equivalia, em termos, ao chamado estudo de situação de hoje, em que depois de ouvir o seu Estado-Maior, o comandante decide executar uma das linhas de ação que lhe são apresentadas.

Após acalorado debate, decidido que a coluna não poderia avançar sem víveres, apareceu o guia da expedição, José Francisco Lopes com um rebanho de gado no acampamento.

O Conselho assinou uma ata reconhecendo a temerária viabilidade da invasão concluindo o primeiro ato da tragédia.

Em vez de manter o terreno conquistado, querendo provar sua bravura espicaçada pela opinião pública, o cel. Camisão, amparado pela decisão, resolveu prosseguir com o objetivo de atacar Bela Vista internando-se por terra inimigas até Concepción.

Tomada Bela Vista e, como o guia Lopes informasse que na fazenda de Laguna encontrava-se outro rebanho bovino que daria sustento à expedição, Camisão continuou aprofundando-se em território inimigo. Em lá chegando e nada encontrando, voltou pelo mesmo caminho e daí retornou a Nioac por outro, sempre perseguido e fustigado pelos paraguaios.

O leitor lerá A Retirada de Laguna sem interrupção, não só pela sua brevidade como pelo estilo simples e direto que prende a atenção do leitor e prenuncia o futuro romancista de Inocência.

Tratando-se da obra mais editada e lida sobre operações na Guerra do Paraguai, ela vem sendo adaptada desde a década de 30, na forma de histórias em quadrinhos, nas várias revistas, livros e álbuns do gênero para a juventude que marcou o período. Ela serviu para ilustrar exemplos de valores como persistência, abnegação, amor à pátria e coragem, e tem sido tema recorrente, até hoje, para vários artistas brasileiros que já immortalizaram cenas suas em quadros épicos.

Até um trecho de sua história foi filmada no próprio local dos acontecimentos no início dos anos 30, num filme intitulado Alma do Brasil.

Foi erguido no Rio de Janeiro, na Praia Vermelha, um “Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados”, trabalho do escultor Antônio Pinto de Matos, feito no bronze e no granito em que está immortalizado, além do coronel Camisão, o guia Lopes. Este era um homem do campo, que prestou inestimáveis serviços à coluna durante a retirada. Seu conhecimento da região e a sua dedicação foram muito importantes para que a tropa não fosse totalmente exterminada.

Neste momento, nada mais oportuno do que esta edição de A Retirada de Laguna que aborda um dos feitos mais heróicos do Exército Brasileiro, caracterizado pela constância e valor dos combatentes que sofreram as cargas de cavalaria, as chamas dos capinzais incendiados pelo inimigo, a devastação do cólera e que, apesar de tudo isso, retornaram às terras brasileiras com todos os seus canhões e bandeiras.

O Brasil, como integrante do BRIC e cada vez mais relevante no cenário internacional, possuidor de vasto território que abriga grande parte da reserva de selva equatorial e reserva de água potável do Planeta, importantes recursos como invejável produção agrícola, campos de petróleo e minérios estratégicos, começa a preo-

cupar-se neste ano de 2010, com o problema de reunir condições de enfrentar os desafios que estão, por natureza, ligados a essa situação de destaque. O governo, setores acadêmicos e a imprensa começam a atentar e discutir seriamente a segurança da soberania e a integridade do patrimônio nacional. Com a segurança e a liberdade de quase 200 milhões de brasileiros para as quais é preciso contar com um poder de dissuasão mínimo.

É preciso ler e lembrar a retirada da Laguna para compará-la com a guerra atual e perceber que em vez de cavalos, que faltaram naquela época, precisamos hoje de carros de combates e helicópteros. Saber que os canhões estão sendo substituídos por mísseis de alcance de finalidades variadas numa época em que cada vez mais submarinos e, na maioria das vezes, superioridade aérea decidem as guerras.

Em vez das informações sobre o terreno, concentradas na cabeça do guia Lopes e seu filho, precisamos de analistas de inteligência, auxiliados por satélites, aviões espiões e computadores.

Em vez de comandantes heróicos, mas inseguros, como o cel. Camisão, precisamos também de comandantes decididos, escolhidos por suas características de liderança, profissionalismo e coragem moral que mantenham as nossas forças armadas e reservas atualizadas, adestradas, competentes e responsáveis por um planejamento que tanto faltou à coluna que demandou a Laguna, na invasão do Paraguai.

Precisamos nunca negligenciar a lição enfatizada por Napoleão Bonaparte em uma de suas máximas: “Os exércitos marcham sobre os estômagos.”

O planejamento logístico falho como aconteceu na Campanha do Mato Grosso e nas fases iniciais da Guerra do Paraguai, em Canudos e no Contestado não podem tornar a acontecer.

Que tudo isso é caro, muito caro, em termos financeiros para o Brasil, está chegando ao conhecimento de todos. Assim, tor-

na-se oportuno lembrar o que alguém já escreveu: “Se é costume nos países democráticos deplorar os gastos com armamento como conflitante com as necessidades sociais é preciso lembrar que o mais importante dos serviços que um governo pode fazer pelo seu povo é conservá-lo vivo e livre.”

Tanto os militares como os civis precisam ler e reler A Retirada de Laguna.

O embaixador Marcos Azambuja, brilhante representante de nossa diplomacia, conhecido pelas sucessivas aparições em debates na TV, em recente artigo para a revista DaCultura, considera A Retirada da Laguna e Os Sertões “os dois grandes textos épicos, de temática militar, produzidos no Brasil”. E conclui que “embora a obra de Taunay e a de Euclides da Cunha sejam certamente clássicas, seria uma pena que esse rótulo afastasse e intimidasse novos leitores. Os dois livros são clássicos apenas porque permanecem sempre atuais e, creiam-me, absolutamente fascinantes”.

Aos militares de todas as forças armadas brasileiras o livro serve como uma fonte de reflexão e ensinamentos sobre uma operação de guerra desastrosa em que faltaram informações, planejamento e logística e só não se consumou em total tragédia pelo heroísmo de seus remanescentes, soldados e civis que tudo compensaram com coragem e estoicismo acima do dever.

É um livro indispensável à crescente parcela da população brasileira, hoje interessada na temática da segurança nacional, para que tenha em mente a sabedoria contida na frase latina que merece ser lembrada: Si vis pacem parabelum.

Se queres a paz, prepara-te para a guerra.

.....

Ao leitor

NADA é possível acrescentar aos altos louvores com que esta obra de Taunay foi recebida no Brasil e nos países cultos estrangeiros, ao ser dada à estampa a sua edição original em francês no ano de 1871. Mais duas edições na mesma língua vieram a lume em 1879 e 1891, e em 1874 incumbiu-se o Sr. Salvador de Mendonça, ilustrado patricio e homem de letras, de trasladá-la para português.¹

Não estão esquecidos os gabos que mereceu de autoridades da maior competência, já como narrativa militar propriamente dita, já como obra literária, que o é sem dúvida, e de finíssimo quilate. Os juízos de Cuvillier Fleury, do conselheiro Schneider, do general Ambert, de Xavier-Raymond e Ernesto Aimé, de Pinheiro Chagas, de Carlos Koseritz, Joaquim Nabuco, Azevedo Castro, José Veríssimo e tantos outros dispensar-nos-iam certamente de emitir qualquer parecer sobre a Retirada da Laguna, que está julgada. Mas traduzindo-a por nossa vez, queremos trazer à memória que-

1 Há uma quarta edição francesa de 1913.

rida do seu autor o tributo sincero dum velho amigo e admirador e quase contemporâneo de estudos, a quem foi dado poucas vezes significar a profundíssima estima em que tinha esse brasileiro, digno entre os mais dignos servidores da pátria, ilustres entre os mais ilustres servidores da cultura nacional.

Este livro é talvez sem igual nas letras antigas e modernas; a Anábasis, do famoso ateniense; que se compara sempre, ainda lida no original grego, não tem nem o colorido de critério, nem a emoção que palpita a cada página do nosso Xenofonte. A simplicidade encantadora do seu estilo, a nobreza de sentimentos, o comedimento dos juízos, a bondade, a resignação e a meiguice d'alma que transpiram de toda essa dolorosa e sincera narrativa de infortúnios, são predicados que elevam Taunay à primeira linha dos escritores.

Está dito algures que Cipião o Africano lia de contínuo a Anábasis, e que Dião Crisóstomo tinha por essa obra uma admiração entusiástica. O certo é que a sua tradução pelo conde de la Luzerne em fins do século passado foi dada como um livro de grande ensinamento aos alunos das escolas militares da França.

Por que se não fará o mesmo no Brasil à Retirada da Laguna de Taunay, que é um compêndio de heroísmo e o quadro mais vivo das altas qualidades do soldado brasileiro? Onde aprender melhor a excelência da disciplina, os frutos abençoados da resignação no sofrimento, os deveres de submissão aos chefes e de sacrifício pela honra do estandarte nacional?

Mais felizes sim, porém não mais gloriosos foram os vencedores de Tuiuti, Lomas Valentinas ou Campo Grande, do que esses 700 mártires que, da Laguna ao Aquidauana, tudo afrontaram e a tudo souberam resistir para salvar o nome da Pátria. Abençoada a pena que os immortalizou!

Da vida de Taunay, que poderemos dizer nos apertados limites de um prólogo, quando ela reclamava um alentado volume? Militar, professor, parlamentar, publicista, administrador, cultor d'arte em todas as suas manifestações, romancista, historiador e biógrafo, – todos os campos da atividade humana roteou esse espírito privilegiado e raro, e em todos se cobriu de glória, realizando o célebre conceit: nihil tetigit quod non ornavit.

Algumas notas fugitivas, eis tudo o que é possível consignarmos aqui, como lineamentos de uma biografia, que mais tarde se há de compor forçosamente, em satisfação de dívida sagrada.

Nasceu Alfredo d'Escragnolle Taunay no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1843. Filho do barão de Taunay e de sua esposa D. Gabriela d'Escragnolle, teve por avós o ilustre pintor barão Nicolau Antônio de Taunay e o conde d'Escragnolle – descendentes de duas famílias nobres de França, e duas vezes nobres: pelo brasão e pelo mérito.

Bacharel em letras pelo antigo Colégio Pedro II (hoje Ginásio Nacional) em 1858, graduou-se, cinco anos depois, em matemática e ciências naturais pela então chamada Escola Central (hoje Escola Politécnica).

Tendo assentado praça no exército em 1861, seguia o curso de artilharia em 1865 na Escola Militar, quando as urgências da guerra do Paraguai o chamaram ao campo da peleja. De 1865 a 1867 foi membro e secretário da comissão de engenheiros dessa infeliz expedição de Mato Grosso, que acabou pela célebre retirada da Laguna, magistralmente descrita por ele próprio neste livro. Em 1869, já capitão, acompanhou o príncipe conde d'Eu ao Paraguai, ao seu lado militou com brilho, e com ele assistiu à gloriosa conclusão da campanha. A promoção a major conquistou-a em 1875;

mas desde o ano anterior regia já na Escola Militar a cadeira de Mineralogia, Geologia e Botânica.

Uma vez restituído aos labores da paz, seduziu-o a política – campo largo onde podia dar expansão ao seu belo talento, batendo-se por idéias adiantadas e reformas que lhe pareciam indispensáveis ao progresso do país. Não foi para isso custoso encontrar o amparo dos chefes políticos, e particularmente o do imortal visconde do Rio Branco, que lhe conhecia de perto o valor. Na Câmara dos Deputados representou em duas legislaturas a província de Goiás, e a de Santa Catarina elegeu-o senador em 1886.

Quer numa, quer noutra casa do Parlamento, a palavra de Taunay foi sempre uma arma poderosa de combate contra os erros administrativos do governo d'então, ou a favor de um corpo de reformas liberais que destoavam do programa do seu partido, mas eram o ideal de uma coorte brilhante de brasileiros patriotas: a emancipação, o casamento civil, o registro civil, o imposto territorial e a lei Torrens, a secularização dos cemitérios, a grande naturalização, a revogação da lei odiosa de locação de serviços.

Tivera ocasião de presidir a província de Santa Catarina em 1876, e ali o estudo consciencioso das colônias alemãs convenceu-o dos imensos benefícios, que ao Brasil adviriam do braço inteligente e industrioso do imigrante estrangeiro que se prendesse ao solo pela propriedade e por outros laços poderosos; daí a sua grande campanha nos últimos anos de vida pública, daí esse entusiasmo febril pelo problema da colonização, que ele discutiu a peito descoberto na tribuna, na imprensa e afinal na Sociedade Central de Imigração, da qual foi alma e vida, com robusto talento, rara convicção e inabalável constância.

Pouco depois, em 1886, ao reger os destinos do Paraná, mais se lhe radicaram no espírito essas idéias, para cuja conquista

ta abriu pelo menos caminho na opinião pública. A maior parte delas, entretanto, só o novo regime logrou incorporar à legislação brasileira.

A verdade é que Taunay em política se adiantara muitos anos à geração de seu tempo.

Os sucessos de 1889, que implantaram a República no nosso país, fecharam esta fase de sua existência; o senador do Império manteve-se fiel às suas tradições e recolheu-se desde então à vida particular.

Resta-nos acentuar a larga produção literária que legou à posteridade nos 30 anos de indefesso trabalho, que decorreram de 1868 até sua morte. Estreiou-se Taunay naquele ano com as Cenas de viagem, composição que lhe abriu as portas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; em 1898 deu á estampa o romance No Declínio – canto de cisne do poeta, sem a deliciosa frescura das obras anteriores, mas ainda cheio de páginas magistrais. Entre um e outro livro, porém, que massa extraordinária de composições de todo gênero, que labores finos, que variada e interessante galeria de tipos, que riqueza de cenários!

Destaca-se entre todas a Inocência e fale por nós o aplauso unanime que este romance colheu pelo mundo, alcançando o raro privilégio de traduções em várias línguas estrangeiras.

Grande amador e conhecedor de música, Taunay foi ainda neste ramo d'arte, se não notável porque decerto lhe faltou vagar para estudos especiais, pelo menos estimado autor de composições que têm algum mérito. Essa nova face de seu talento deu-lhe ensejo para mais uma obra patriótica – a reivindicação da glória do padre José Maurício, cujo nome jazia esquecido pela nossa geração, e que ele fez ressurgir com as obras quase perdidas do famoso compositor sacro brasileiro.

Movido por este mesmo gosto artístico, foi devotado amigo de Carlos Gomes e contribuiu não pouco para o justo renome conquistado pelo autor do Guarani.

Em uma palavra, poucos homens tiveram neste país uma existência mais cheia de trabalho útil, mais devotada ao engrandecimento da pátria e mais digna da admiração da posteridade.

Alfredo d'Escragnolle-Taunay desposou em 1874 a Exma. Sra. D. Cristina Teixeira Leite, filha do barão de Vassouras (comendador Francisco José Teixeira Leite).

O Império conferiu-lhe várias ordens honoríficas e medalhas de campanha, e agraciou-o mais tarde com o título de Visconde de Taunay.

Já em dias da República, organizando-se a Academia Brasileira, os homens de letras foram buscá-lo à sua tenda modesta de trabalho e ofereceram-lhe uma cadeira naquele areópago, que ele honrou até morrer.

Como um verdadeiro crente, exalou o último alento no dia 25 de janeiro de 1899.



Alfredo d'Escagnolle Taunay – Visconde de Taunay
*Rio de Janeiro: *22 de fevereiro de 1843. † 25 de janeiro de 1899.*

A S. M. O IMPERADOR DO BRASIL

Senhor,

Inaugurou V. M. na América do Sul, por ocasião da tomada de Uruguaiana, a guerra humanitária, a que poupa e salva os prisioneiros, a que se desvela pelos feridos inimigos como pelos compatriotas, a que, considerando a efusão do sangue humano como deplorável necessidade, não impõe aos povos senão os sacrifícios indispensáveis à sólida garantia da paz.

É principalmente por isto que ousou julgar-me autorizado a pôr sob o augusto patrocínio imperial a singela narrativa da Retirada da Laguna; neste feito militar, obra de constância e disciplina, os oficiais de V. M. tendo que defender no meio de obstáculos de todo gênero as bandeiras e os canhões que lhes haviam sido confiados, não cessaram, quanto foi possível, de conter a legítima vindita de valentes soldados exasperado pelo furor do inimigo, e de impedir a crueldade tradicional de aliados indígenas que só respiravam vingança.

Este reflexo dum grande ato de iniciativa soberana é a mais bela recordação que poderemos a todo tempo invocar entre camaradas; tenho a honra de dedicá-la a V. M.

*De Vossa Majestade Imperial,
servidor e vassalo muito
humilde e obediente,*

ALFREDO DE ESCRAGNOLLE TAUNAY

.....

Prólogo

Da primeira edição

O ASSUNTO deste livro é a série de provações que a expedição brasileira, em operações ao sul da província de Mato Grosso, teve de suportar desde Laguna, a 3 ½ léguas² do rio Apa, fronteira do Paraguai, até o rio Aquidauana³ no território brasileiro, ao todo 39 léguas percorridas em 35 dias de dolorosa memória.

Devo esta narrativa a todos os meus irmãos de padecimento, aos mortos ainda mais do que aos que sobreviveram.

Em todos os tempos se ligou vivo interesse às retiradas, não só porque é esta uma operação de guerra tanto ou mais árdua e perigosa do que qualquer outra, mas também porque os que a executam, já sem entusiasmo e sem esperanças, entregues muitas vezes ao pesar, ao arrependimento de um erro ou duma série de erros, têm de pedir ao próprio ânimo assim preocupado os meios de arcar com

2 A légua brasileira é de 6.600 metros.

3 Afluente do rio Miranda (V. a carta)

a sorte, que a cada momento os ameaça com os seus rigores. Em tais lances extremos requer-se o verdadeiro homem de guerra; sua característica é esta: — a inabalável constância.

Vive na memória de todos a Retirada dos Dez Mil, que elevou Xenofonte à categoria dos primeiros cabos de guerra. Outras há não menos belas nos tempos modernos: a de Altheim, pelo marechal de Lorge, depois da morte de Turenne seu tio, a qual disse o grande Condè que invejava; a de Praga, que deu brilhante nomeada ao conde de Belle-Isle; a de Plaffenhoffen, por Moreau, considerada como um dos mais belos feitos de armas que depois de Turenne se realizaram; a de Talavera, que levou lorde Wellington como triunfador a Lisboa; a que honrou a funesta volta de Moscou, e onde rivalizaram de heroísmo o príncipe Eugênio e o marechal Ney; a de Constantina, pelo marechal Clausel; e outras menos célebres, mas que ainda atraem a atenção da história pela diversidade dos perigos e dos sofrimentos.

Resta-nos pedir toda a indulgência para uma narração que não pretende outro mérito além do que reside nos próprios fatos narrados: tiramo-la do nosso diário de campanha. Encontrar-se-ão nela muitas incorreções, demasias, repetições: supomos poder deixá-las tais quais; são sinais de que fala a verdade.

A.d'E.-T.

Rio de Janeiro, outubro de 1868.

.....

Capítulo I

FORMAÇÃO DUM CORPO DE EXÉRCITO DESTINADO
A MANOBRAR PELO NORTE NO ALTO PARAGUAI. –
DISTÂNCIAS E DIFICULDADES DE ORGANIZAÇÃO.

PARA ter-se idéia aproximada dos lugares onde se deram, em 1867, os acontecimentos que vamos narrar, é mister lembrar que a República do Paraguai, o estado mais central da América do Sul, tendo atacado e invadido simultaneamente o Império do Brasil e a República Argentina pelos fins do ano de 1864, se achava, dous anos depois, reduzida por sua vez a defender seu território, invadido, pelo lado sul, pelas forças reunidas das duas potências aliadas, às quais se juntara um pequeno contingente de tropas mandado pela República do Uruguai.

Ao sul, o grande rio Paraguai, um dos afluentes do rio da Rata, oferecia mais fácil acesso até à fortaleza de Humaitá, a qual por sua posição especial se constituíra chave de todo o país, e assumira, nesta guerra encarniçada, a importância de Sebastopol na guerra da Criméia.

Ao norte do lado da província de Mato Grosso, eram infinitamente mais difíceis as operações, não só porque milhares de quilômetros a separam do litoral do Atlântico, onde estão concentrados quase todos os recursos do Brasil, mas ainda por causa das inundações do rio Paraguai,

que, atravessando na sua porção setentrional regiões planas e baixas, transborda todos os anos e alaga trechos extensíssimos.

O plano mais natural de investida consistia portanto em subir o Paraguai pelo lado da República Argentina, até ao centro da República do Paraguai, e pelo lado do Brasil, em descê-lo, partindo de Cuiabá, capital da província de Mato Grosso, que os paraguaios não tinham ocupado.

Esta combinação de dous esforços simultâneos teria impedido, sem dúvida, que a guerra se prolongasse por cinco anos consecutivos; sua realização porém era extraordinariamente difícil, em consequência das enormes distâncias que havia para vencer: far-se-á idéia disso, olhando para um mapa da América meridional e para o sertão em grande parte desabitado do Brasil.

No momento em que começa esta narrativa, a atenção geral das potências aliadas dirigia-se quase exclusivamente para o sul, para as operações bélicas iniciadas em torno de Curupaiti e de Humaitá. O plano primitivo, esse estava quase posto à margem, ou pelo menos só tinha de servir para submeter às mais duras provanças um pequeno corpo de exército quase perdido nos vastos sertões desertos do Brasil.

Em 1865, ao começar a guerra que López, presidente do Paraguai, só por ambição pessoal suscitou na América do Sul, tomando o fútil pretexto de manter o equilíbrio internacional, o Brasil, obrigado a defender sua honra e seus direitos, dispôs-se resolutamente para a luta. A fim de reagir contra o inimigo em todos os pontos em que era possível fazê-lo, acudiu naturalmente a idéia de invadir o Paraguai pelo norte, e projetou-se a expedição.

Infelizmente esse projeto de diversão não foi realizado nas proporções que a importância dele reclamava; para maior infelicidade ainda, os contingentes acessórios com que contara para engrossar o corpo de exército expedicionário, em sua longa marcha por S. Paulo e Minas Gerais, falharam em grande parte, ou desapareceram, graças a uma epidemia cruel de bexigas e pelas deserções que ela acarretou. Avançou-se lentamente: a demora dependia de muitas causas e sobretudo da dificuldade do fornecimento de víveres.

Só em julho (tendo partido do Rio de Janeiro em abril) o corpo expedicionário pôde organizar-se em Uberaba,⁴ no alto Paraná, elevando-se

4 A 594 quilômetros do litoral do Atlântico.

todo o seu efetivo a cerca de 3.000 homens pela junção de alguns batalhões, que o coronel José Antônio da Fonseca Galvão trouxera de Ouro Preto.

Não bastando esta força para tomar a ofensiva, o comandante Manuel Pedro Drago dirigiu-a para a capital de Mato Grosso a fim de aumentá-la ainda. Neste intuito, avançara para noroeste até às margens do rio Paranaíba, quando lhe chegaram avisos do governo dando a ordem formal de marchar em direitura do distrito de Miranda, ocupado então pelo inimigo.

Esta ordem expressa, no ponto em que se estava, tinha por consequência forçada obrigar-nos a descer outra vez para o rio Coxim e a contornar depois a cordilheira de Maracaju pelo lado de oeste, que é todos os anos invadido pelas águas do grande rio Paraguai. Estava a expedição condenada a atravessar uma região muito extensa e empestada pelas febres paludosas.

Chegou a Coxim⁵ a 20 de dezembro, sob o comando do coronel Galvão, recentemente nomeado chefe, e que foi promovido pouco mais tarde ao posto de general.

O acampamento de Coxim, sem valor estratégico algum, tinha pelo menos a altitude que garantia a salubridade; mas logo as enchentes cercaram-no, isolaram-no, e a tropa ficou sujeita às mais cruéis privações, à fome até.

Após longas hesitações, foi mister afinal que nos aventurássemos através dos brejos pestilentos que margeavam as montanhas; a coluna ficou exposta a princípio às febres, e uma das primeiras vítimas foi o seu próprio chefe, que morreu, à margem do rio Negro; depois arrastou-se a custo até o povoado de Miranda. Ali uma epidemia de novo gênero, a paralisia reflexa,⁶ entrou em campo para dizimá-la ainda mais.

Haviam decorrido quase dous anos completos desde a partida do Rio de Janeiro. Tínhamos descrito vagarosamente um imenso circuito de 2.112 quilômetros; a terça parte da nossa gente morrera.

5 396 quilômetros ao litoral sul de Coxim.

6 Esta moléstia, de natureza palustre, é conhecida no Brasil pelo nome de *beribéri*.

.....

Capítulo II

MIRANDA. – PARTIDA DA COLUNA. –
DE MIRANDA A NIOAC.

FOI no dia 1^o de janeiro de 1867 que o coronel Carlos de Moraes Camisão, nomeado pela presidência de Mato Grosso, tomou o comando dos infelizes soldados, que só por profundo sentimento de disciplina se haviam mantido até então nas fileiras.

A localidade de Miranda é quase inabitável; em grande extensão, bordam-na terrenos baixos que a menor chuva inunda num instante, ainda na boa estação, e que com a mesma rapidez secam pela ação dos raios ardentes do sol. Não tem boa água, pois que a do rio Miranda está sempre turva e lodosa; demais, a disposição do terreno não oferecia nenhuma das condições militares a que se poderiam, em rigor, sacrificar as considerações da higiene. De fato, ao longo de um rio navegável por barcaças, estende-se uma margem uniformemente baixa, à qual caminhos abertos tiram toda a segurança.

Pronunciara-se muitos vezes, e energicamente, a comissão de engenheiros contra a demora neste foco de infecção, e o chefe do corpo médico apontara-o já por duas vezes, nos seus relatórios, como a ruína da

expedição, visto que seu pessoal diminuía cada dia pela morte⁷ ou pela retirada dos doentes.

Quando ali nos estabelecemos, Miranda estava em ruínas. Os paraguaios tinham-na incendiado quando saíram: parte das casas fora queimada, mas havia sinais inequívocos de decadência anterior ao incêndio e que tinha sucedido a uma primeira época de desenvolvimento e prosperidade. A população, outrora, fora ali numerosa, com certeza. Conservavam-se ainda de pé casas cômodas, e no lugar dum velho reduto, um quartel bem construído, mas naquele tempo muito arruinado pelo fogo, fechava uma praça, da qual partiam duas ruas que iam ter à frente da matriz, e ladeadas ambas por casas contíguas.

Da igreja não restavam senão as paredes laterais, o esqueleto da torre, seu galo de latão e uma cruz esculpida no alto do frontão. Fora construída pelos cuidados dum virtuoso missionário italiano, fr. Mariano de Bagnaia, o qual não só empregara ali o produto das esmolas que ele próprio com trabalho e zelo infatigáveis colhera em toda a redondeza, mas ainda lhe consagrara parte dos seus modestos proventos paroquiais. Os tristes escombros desta igreja saqueada pelos paraguaios, que até os sinos lhe levaram, tinham sido pouco antes testemunhas de uma cena que nos parece merecer aqui algum espaço.

A 22 de fevereiro de 1865, o padre Mariano, deixando as margens do rio Salobro, onde buscara refúgio quando se aproximou a invasão, voltara de moto próprio para entregar-se aos paraguaios e apelar para a piedade deles em favor de sua desgraçada paróquia. O seu primeiro cuidado, ao chegar, fora correr à matriz, objeto de sua mais viva solicitude. Esperava-o ali um espetáculo desolador: altares derribados, as santas imagens despidas de seus ornatos, os sinais todos da profanação. Diante disso, teve tal sentimento de indignação e de desespero, que não pôde resistir-lhe, e com voz retumbante, em presença do chefe paraguaio e de sua gente, pronunciou solene anátema contra os autores daquele atentado. Todos ouviram-no cabisbaixos, como se essa voz severa fosse a de algum

7 Continuava o *beribéri* a fazer muitas vítimas nas nossas fileiras, por estar o lugar ainda exposto à influência dos grandes charcos que as tropas acabavam de atravessar entre Coxim e Miranda.

dos padres que outrora catequizaram seus antepassados, e o comandante esforçou-se por convencer o missionário de que os mbaías (os índios) eram os únicos culpados.

O santo homem, lavado em lágrimas, corria de altar em altar, como para verificar os ultrajes feitos aos objetos de sua veneração; só depois e minucioso exame de todas as indignidades cometidas foi que se resignou por fim a celebrar o santo sacrifício da missa, quando se tornou possível a realização do ato.

A estada do corpo de exército em Miranda foi de 113 dias, de 17 de setembro de 1866 a 11 de janeiro seguinte. A 28 de dezembro, um dos comandantes mandados da capital da província, salteado pela epidemia, retirara-se, e a 31 de setembro do mesmo mês o coronel Camisão apresentou-se em Miranda, onde, no dia seguinte – 1 de janeiro de 1867 –, tomou posse do comando, como atrás ficou dito.

Despachou ele imediatamente para Nioac dous membros da comissão de engenheiros, Catão Roxo e Escagnolle Taunay, para irem examinar as estradas e a localidade, preparara ali o acampamento e tomara algumas disposições relativas à recepção dos doentes e à armazenagem das munições de guerra e de boca.

A 10 deu ordem de marcha.

O corpo de exército passara por nova organização. Dantes fora dividido em duas brigadas, composta cada uma de três corpos; ambas porém achavam-se tão reduzidas, que se tinham tornado quase impossíveis as manobras baseadas num determinado número de praças. Fundindo-se as duas em uma só brigada de 1.600 homens, o estado-maior ficou desembaraçado, não sem proveito para o Tesouro, dum pessoal excessivo. Esta medida, que desde muito parecera útil, teve geral aprovação.

A 11, moveu-se a tropa, e pela primeira vez as peças de artilharia montada, puxadas por bois, acompanhavam a marcha da infantaria.

Os diferentes corpos saíram de Miranda completamente fardados, armados e municidados, libertos (eles o sentiam) das provanças a que haviam sido submetidos, e ufanos do sentimento de disciplina que lhes dera força para sofrê-las, adestrando-se no meio disso, cada vez mais, no manejo das armas. O que estes homens pediam, era um clima salubre, que

lhes restaurasse as forças e os pusesse em estado de agir: iam encontrá-lo em Nioac.⁸

A estrada era larga e beirava magníficos capões de mato, onde dominavam os *umbus* de flores perfumosas, os *piquis* carregados de frutos, e as inesgotáveis *mangabeiras*.⁹

São formosíssimos os acidentes do terreno. Os regatos e os pequenos rios, abundantes, ofereciam por toda a parte excelente água. Acabara a triste perspectiva dos alagadiços; era uma delícia contemplar verdejantes prados, planícies que apresentavam os mais poéticos contrastes.

A estrada, até Lulaiãd, é no rumo direto de leste. A partir desse ponto, volve-se para sulsudeste. É realmente grandioso o panorama que se desdobra então, subitamente. Aos pés do espectador, uma vasta planície cheia de magníficos acidentes para lá, as grandes orlas de mata que acompanham as sinuosidades das belas águas do Aquidauna; ao longe, a grande serra de Maracaju com seus picos denudados, que refletem os esplendores do sol e coroam toda aquela prodigiosa massa azulada pela distância.

Com razão fei este ponto denominado pelos guaicurus: Campo Belo (*Lulaiãd*).

O sentimento da admiração parece ser privilégio dos povos civilizados; é muito raro que o homem primitivo o manifeste, exteriormente ao menos. Entretanto as grandes linhas de uma cena majestosa da natureza puderam uma vez sensibilizar o selvagem e unir ao autor da obra o rude espectador maravilhado. O primeiro guaicuru que olhou para esta zona encantada não pôde conter a exclamação de surpresa: com sua voz gutural e cava soltou a palavra *Lulaiãd*, nome que lhe ficou para sempre.

A quatro léguas de Lulaiãd está a Forquilha, onde o Nioac se junta ao Miranda.

Todos estes sítios são de beleza sem igual.

Uma elevação, entre outras, donde se descortinam as margens arborizadas do Uacogo, do Nioac e do Miranda, enlaçando a planície com

8 210 km a S. E. de Miranda (21° 19' 9" lat. S. 53° 37' O. Greenwich, segundo o Barão de Melgaço).

9 Arbusto da ordem das apocináceas, cujo fruto tem sabor de maçã. *Hancormia speciosa* é o nome científico dado pelo botânico Gomes.

suas curvas convergentes oferece um aspecto que ainda excede, se é possível, o de Lauiãd, e tão suave, tão brilhante é a luz que ilumina toda a cena, que involuntariamente a imaginação empresta a sua fantasia a este conjunto irresistível dos encantos da Terra e do Céu. As frescas águas do Nioac, apertadas, entre ribanceiras altas e cobertas de *taquaruçus*, correm sobre um leito quase contínuo de grés vermelho disposto em grandes lajes, e em muitos lugares o trabalho da corrente sobre a pedra é tão notável que se recomenda à atenção e ao estudo do geólogo. – Mas quem, sábio ou artista, não encontraria ampla messe a fazer naqueles campos maravilhosos?

Na extensão das 10 léguas que vão da Forquilha a Nioac, os terrenos são mais baixos do que os que precedem Lauiãd, mas não tanto que possam em tempo algum sofrer inundação; pelo contrário, são secos e cobertos de pedregulho, como de um macadam natural. Na mata, são comuns os piquis; há também uma árvore corpulenta que se cobre de bagas açucaradas e agradáveis, que chamam *frutas de veado*. Não são raros ao *jacarandás*.

Executou-se com muita ordem a marcha para Nioac; alguns doentes eram carregados em redes, outros em artolas iguais às de que se serve o exército francês na Argélia, e que foram ideadas por Larrey, no Egito. Prestou-nos ótimo serviço este excelente meio de transporte, e ele até suavizou os últimos momentos do capitão Lomba, do 21º., que morreu ao chegar – supremo sacrifício ao mau fado da nossa longa parada em Miranda.

A benigna influência da chapada a que chegamos fez desaparecer totalmente a epidemia. Os enfermos restabeleceram-se de pronto; não tornamos a ver aqueles entorpecimentos de membros, sinais precursores da moléstia que havia feito tantas vítimas.

.....

Capítulo III

NIOAC. – O CORONEL CARLOS DE MORAIS CAMISÃO.

AVILA DE NIOAC fora abandonada pelo inimigo a 2 de agosto de 1866; viam-se por toda parte vestígios de incêndio. Só duas casas e uma igrejinha de aspecto pitoresco tinham sido poupadas. A disposição geral do sítio agrada ao primeiro lancear d'olhos: dum lado o povoado e o ribeirão chamado Orumbeva; do outro, o rio Nioac, cujas águas se reúnem a 400 braças de distância atrás da igreja, deixando livre em torno dela, à direita e à esquerda, um espaço duplo. A pequena distância faz-lhe frente uma colina pouco elevada.

Ali chegamos a 24 de janeiro de 1867, às 11 h da manhã. Acampamos em ordem de batalha, com a direita apoiada na margem direita do Nioac e a esquerda na mata do Orumbeva. As seções administrativas à retaguarda, no local da povoação. O hospital foi posto nas duas casinhas que ficaram intactas e num grande galpão que se construiu às pressas.

Para depósito do cartuchame e de todas as munições serviu a nave da igreja, donde se tirou tudo quanto pertencia do culto.

Levantaram-se por todos os lados palhoças, e em breve oficiais e soldados acharam-se todos tão bem acomodados quanto permitiam as

circunstâncias: bem-estar que desde muitos meses se não conhecia, existência nova, sentimento de plenitude de vida que nos exaltava, dando-nos, a todos, a ambição de distinguirmo-nos e de chamar-se por algum feito estrondoso a atenção do país para uma expedição, que nada fizera até aquele momento. Reinavam no acampamento a segurança e a alegria. Havia entretanto um perigo nesse entusiasmo: Os que conheciam o chefe perguntavam a si mesmos com secreta inquietação quais eram os seus planos, qual seria a medida de sua iniciativa.

Ele guardava uma recordação que não podia apagar. Por ocasião de ser abandonada a fortaleza de Corumbá¹⁰ pelo coronel Oliveira, comandante das armas da província, posto que nada comparticipasse do primeiro pensamento dessa retirada precoce, o coronel Camisão figurara naquele triste episódio como comandante do 2º Batalhão de Artilharia, e suspeitou-se portanto que tivera qualquer solidariedade nesse ato de fraqueza. A malevolência das murmurações cruéis não o poupou: espalharam por esse tempo um soneto impresso, que estigmatizava acerbamente o procedimento dos defensores de Mato Grosso, e entre outros nomes ele lera o seu.

A dor desta afronta subsistia; estava profundamente ferido o seu pundonor militar. Aceitara pois com ardor o comando da expedição, vendo nela um meio de reabilitar-se na estima pública; e desde então concebeu o projeto, não de manter-se na defensiva, como a razão pedia, atenta a es-

10 Corumbá fora tomada e saqueada em fins de dezembro de 1864 pelos paraguaios, “Era a principal cidade comercial de Mato Grosso, e o inimigo fez ali presas importantes. Os moradores tinham fugido para as matas dos arredores mas Barrios mandou-os buscar. Tendo sido saqueadas as casas, alguns dos objetos roubados, e dos mais belos, foram enviados de mimo a López, que não teve dúvida em os aceitar. As mulheres foram maltratadas, e Barrios neste particular se distinguiu entre todos os mais. Um brasileiro rico e sua filha foram levados para o navio dele, e quando o pai não quis deixar a filha só com o chefe paraguaio, carregaram-no à força e a infeliz criança ficou a bordo. Barrios mandou interrogar a todos os que lhe caíram nas mãos, e quando estes não queriam ou não podiam dar-lhes as informações que ele pedia, mandava vergastá-los; alguns foram mortos a lança como espíões.” *The War in Paraguai*, por G. Thompson, 1 vol. in 12, Londres, 1869.

O sr. Thompson, jovem engenheiro ao serviço de López, envolvera-se na guerra acreditando que ia defender o fraco contra o opressor. A experiência dos fatos de que foi testemunha fê-lo perder esta generosa ilusão.

cashez de recursos de que dispunha, mas o de investir o território inimigo, quaisquer que fossem as consequências!

Esta idéia dominava-o cada dia com mais intensidade. Sob a influência dum ressentimento legítimo, ela passou a ser propósito assentado: apesar da indecisão natural de seu caráter, o acaso infeliz compelia-o a novos infortúnios.

Existia no arquivo do corpo um ofício do ministro da Guerra recomendando que se marchasse para o Apa, logo que as circunstâncias o permitissem.

Enxergava ele aí, não o que lá estava, uma indicação facultativa, mas a ordem de avançar, formal e peremptória. Debalde se lhe faziam ponderações a tal respeito; cego pela susceptibilidade doentia, recebia mal as objeções e ainda as menos contestáveis.

Um dito desagradável proferido a seu respeito, e que imprudentemente lhe foram repetir, contribuía ainda para torná-lo inflexível a tudo o que tinha ares de demovê-lo do seu projeto de invasão. Não era que desconhecesse as dificuldades; mas via nossos soldados cheios de entusiasmo e já aguerridos; esperava com eles levar a cabo grandes feitos, exercitava-os nas manobras com assíduos exercícios; sob seu comando davam-se simulacros de combate em que a artilharia representava o seu papel ruidoso, e desta agitação geral resultava uma animação de que ele próprio participava. Às vezes, entretanto, via bem que não dispunha senão de uma vanguarda de exército de operações; era forçoso reconhecê-lo. Reproduziam-se então as suas dúvidas, e quando vinha o dia que ele próprio marcara para a partida, achava sempre algum motivo para adiar, embora tivesse de convocar a razão que rejeitara na véspera. Ora representava, em ofício ao ministro, que nada podia empreender sem cavalaria; ora pretendia que lhe era possível dispensá-la; dolorosa luta entre a autoridade da razão calma e os impulsos do amor-próprio ofendido.

O seu procedimento, aliás, era sempre digno e firme; em todas as questões administrativas revelava sobretudo uma integridade a toda a prova. Não tolerava ofensa à sua posição de chefe, e sabia mantê-la tanto mais quanto o fazia com singeleza e amenidade.

Com 47 anos de idade, baixo, de aparência robusta, traços regulares, tez bastante morena, olhos pretos e vivos, tinha a fronte espaçosa

e um belo crânio completamente calvo, o que deu motivo a que os paraguaios lhe pusessem uma alcunha zombeteira.

Sempre sério e preocupado, andava só ou conversava com José Francisco Lopes, um velho prático e conhecedor da região que nos servia.

Este merece que o apresentemos ao leitor, antes de vê-lo em ação. Dentre nós os que tinham de lembrança os romances de Fenimore Cooper, não podiam, diante do sertanejo brasileiro, o homem das solidões, deixar de pensar na grande e simples figura do Olho-de-Falcão na Planície.

Desde menino, ele tivera gosto pelas excursões longínquas; diziam também que um ato de violência da sua primeira mocidade lhe impusera por algum tempo esta necessidade; a idade desenvolvera depois todas as suas aptidões. Extraordinariamente sóbrio, viajava dias inteiros sem beber, levando na garupa um saquinho de farinha de mandioca amarrado à parte posterior de um pelego macio, que punha sobre o selim; Nunca andava sem um machado de tirar palmitos.

Natural da vila de Pium-í, em Minas Gerais, dali, à mercê das aventuras, se dirigira a todos os pontos da região, que vai do rio Paraná ao rio Paraguai. Conhecia perfeitamente os campos que confinam com o rio Apa, fronteira do Império com o Paraguai; visitara muitos lugares não pisados até então por pé humano, ainda selvagem; a alguns deu nomes (Pedra de Cal, entre outros); em nome do Brasil tomara posse, ele sozinho, duma floresta imensa no meio da qual chantara uma cruz toscamente falquejada ali mesmo, e na qual inscrevera por sua própria mão: "P. II" (Pedro Segundo): madeiro imponente, perdido no fundo do deserto. A iniciativa do explorador criara domínios para o soberano.

Numa viagem que fez para estudar a navegação do rio Dourado,¹¹ ferira-se gravemente na planta do pé e disto nunca se curou de todo. Quando um dia olhávamos para aquela ferida meio cicatrizada, mas sempre a sangrar, disse-nos ele: "O governo prometera-me uma indenização, um prêmio de 300.000 réis, que nunca me pagou: deu por salda a dívida. Era uma condecoração que eu merecia: tenho esta e nada mais quero."

Por espaço de sete anos havia residido com sua família no Paraguai; mas, quando se deu a invasão, já estava de volta ao território bra-

11 Afluente do Paraguai.

sileiro, e habitava à margem do Miranda uma propriedade a que pusera o nome de Jardim, fertilizada pelo seu trabalho e pelo dos filhos já crescidos. Ele e a mulher, D. Senhorinha, dispensavam generosa hospitalidade a quantos lhes batiam à porta.

Quando invadiram os paraguaios o território brasileiro em 1865, conseguira escapar-lhes, mas só: toda a família caíra em poder dos inimigos que a levaram para o povoado de Horcheta, a sete léguas da cidade de Concepción; o coração do velho acompanhara os seus.

Por todas estas razões o coronel Camisão encontrou nele um partidário apaixonado. Desde que, comunicando-lhe seus projetos, ofereceu a J. F. Lopes a enchança de aí, como vaqueano da expedição, encontrar sua família e vingar a afronta sofrida, o sertanejo brasileiro aceitou o encargo com ardor. Nunca esqueceu entretanto a modéstia da sua posição, e dizia muitas vezes: “Eu nada sei, sou matuto; os senhores que estudaram nos livros é que devem saber tudo.”

De uma só cousa tinha orgulho: o conhecimento do terreno – ambição legítima afinal de contas, porque foi a nossa salvação. “Desafio”, exclamava, “a todos os engenheiros com as suas agulhas [bússolas] e com suas cartas. Nos campos da Pedra de Cal e de Margarida sou rei. Só eu e os caduveus conhecemos isso tudo”.

Foi resolvido partir-se de Nioac, apesar de já lutarmos com grandes dificuldades, especialmente quanto ao fornecimento de gado.

Comunicou-se a ordem às tropas, sem que entretanto se soubesse para onde íamos; pensava a maior parte que se tratasse apenas de investir algum posto inimigo. Levava-se material para um mês de ausência. As mulheres dos soldados, exceto duas ou três, ficavam no acampamento.

.....

Capítulo IV

MARCHA PARA A FRONTEIRA DO PARAGUAI. – CONSELHO DE GUERRA

A COLUNA pôs-se em movimento a 25 de fevereiro de 1867 e foi acampar a uma légua da povoação à margem do rio Nioac. Logo que pudemos, fomos visitar o comandante. Sua barraca assentava num outeiro pedregoso, meio abrigada por palmeiras que tornavam o lugar agradável. Estava agitado o coronel: já faltava carne para o rancho da tarde.

A 26 estávamos no Canindé; a 27 no Desbarrancado.

A expedição parou neste ponto dous dias, 28 de fevereiro e 1º de março. A 2, marchou até o rio Feio, lugar próximo onde passou o dia 3 em razão do mau tempo.

No dia 3 de março, voltou Francisco Lopes da sua propriedade do Jardim, trazendo-nos mais ou menos 250 cabeças de gado e aumentando a confiança já grande que tínhamos nele e em sua palavra.

A 4, à ½ hora depois do meio-dia, ocupamos o lugar que fora a colônia de Miranda.¹² Apenas restavam acolá alguns vestígios de edifícios incendiados.

12 A 80 quilômetros S. S. O. de Nioac. Não se confunda com a vila de Miranda, que está a 210 quilômetros a N. O. de Nioac.

O coronel Camisão mandou primeiro explorar os pontos que se ligavam à nossa posição. Ordenou que em todas as direções se fizessem abertas na mata, mandando ocupar por piquetes as estadas do Apa e da colônia, e por guardas reforçadas as avenidas da frente e da retaguarda.

O que se deveria fazer era cair sobre as fortificações paraguaias e tomá-las. Na primeira confusão desta surpresa, poder-se-ia devastar o norte da República antes do governo de Assunção ter notícia da nossa marcha; fez-se porém cousa totalmente diversa; o inimigo teve tempo de conhecer a direção e o alcance do cometimento.

A fome continuava a ameaçar-nos. Segunda manada de 200 cabeças que Lopes trouxera ainda uma vez das suas terras, estava quase acabada; não se anunciava nova remessa, e a comissão de fornecimento mandara dizer de Nioac que não se achava em circunstâncias de prover daí em diante ao abastecimento de gado.

Nesta conjuntura as incertezas do coronel manifestaram-se com mais frequência; deu até a entender a necessidade em que se poderia achar de retroceder a Nioac e de abandonar provisoriamente seus projetos de ofensiva. Pretendia fazer notas que esta idéia nunca fora bem acolhida.

Quis em todo o caso salvar a sua responsabilidade por meio de um documento oficial, que pudesse apresentar ao governo e ao país, e neste intuito, a 23 de março, oficiou ao presidente da comissão de engenheiros, ordenando-lhe que convocasse os membros dela para deliberarem sobre a possibilidade dum movimento agressivo e acerca dos meios de executá-lo.

Na tarde desse mesmo dia, por um contraste cuja impressão nunca se apagará de nossa memória, foi à luz do sol poente que se realizou esse conselho pejado de tantos infortúnios, solene ao começo, mas cuja animação conscienciosa acabou em violências.

Três dos membros da comissão empenharam-se por diversas vezes em pintar a posição do corpo de exército tal qual era na realidade: a insuficiência dos víveres, a absoluta falta de meios de transporte, nenhuma cavalaria, poucas munições, nenhuma esperança de reforços ou de socorro para um punhado de homens em território inimigo; daí a eventualidade infalivelmente próxima de uma retirada sem dados de antemão estudados e em condições que não podiam levar senão a um desastre, com a deplo-

rável conseqüência de chamar de novo ao território brasileiro a ocupação paraguaia seguida de todos os seus horrores.

Razão demais tinham os que assim pensavam; mas dous de seus colegas, encarando a questão por outra face e buscando argumentos em esfera mais elevada, pretendiam que o corpo de exército tinham a sua missão, que devia cumprir a todo o custo; que a marcha pelo norte do território paraguaio era absolutamente indispensável no plano geral da guerra; que a coluna sem dúvida era fraquíssima e podia sucumbir, mas utilmente e com glória; dir-se-ia ao menos que era composta de generosos filhos do Brasil.

Éramos todos moços: tais idéias, tais sentimentos invocados a propósito de opiniões contrárias trouxeram trocas de palavras arrogantes e afinal personalidades.

Conservara-se até então silencioso o tenente-coronel Juvêncio, chefe da comissão de engenheiros, sem poder contudo dominar de todo a comoção, que por vezes sentira. De seu voto preponderante ia depender o resultado da discussão; ele resumiu o seu parecer, colocando-o excepcionalmente no terreno prático. “O corpo não podia avançar sem víveres; já não havia gado para alimentá-lo.”

Nesse mesmo instante sobreveio um desses incidentes, que irrompem nas combinações humanas para determinar o curso dos acontecimentos.

Uma ponta de gado que o infatigável Lopes, a instâncias de nosso comandante tinha ido arrebanhar nos campos da sua estância do Jardim, entrava agora no acampamento, com estrépito, respondendo os mugidos dos animais aos gritos dos peões e vaqueiros.

Tudo ficou para logo decidido, como outrora em Roma se sustaram ou precipitaram expedições conforme os gemidos das vítimas ou o grito dos frangões sagrados.

O presidente do conselho levantou-se e, voltando-se para o secretário incumbido de fazer a ata da sessão (o próprio autor desta narrativa), encarregou-o de officiar ao comandante dizendo que a comissão era unânime em reconhecer a possibilidade de marchar-se para a fronteira inimiga, e apressava-se em oferecer-lhe todo o concurso da sua boa vontade para executar essa operação.

Em seguida exclamou como um homem que se vota ao sacrifício: “Deixarei viúva e seis órfãos; mas eles herdarão um nome honrado.”

Assim terminou aquele conselho, sobre o qual estava fixa a atenção de todos os oficiais, e cujo resultado surpreendeu a todos, mas a ninguém tanto como ao próprio comandante, pois via-se arrastado pelo obstáculo que acreditara levantar entre si e os riscos do seu primeiro projeto. O sentimento da dignidade pessoal, preservou-o todavia de dar outros sinais da sua impressão além de alguns inopinados e involuntários: tratou, daí em diante, de fazer bem o que fatalmente se não podia deixar de fazer.

.....

Capítulo V

RECONHECIMENTO. – REBATE FALSO. – VOLTA DE
PRISIONEIROSCAPOS DO PODER DO INIMIGO.
– O GUIA LOPES E SEU FILHO. – AVANTE!

O BATALHÃO 21 recebeu logo ordem de escoltar os engenheiros que iam a localidades circunvizinhas da colônia. Efetivamente, a 25, o tenente-coronel Juvêncio, com dous ajudantes, avançou até um ponto chamado Retiro, donde havia pouco se retirara uma força paraguaia de cerca de 100 homens. Feito o reconhecimento, voltou a nossa comissão para o acampamento na mesma tarde; a infantaria que nos acompanhava tivera de transpor mais de 52 quilômetros, levando mochilas, armas e 60 cartuchos nas patronas. Pudemos observar muitas vezes que não há marcha que abata a energia do soldado brasileiro.

Os dias subsequentes passaram-se para nós em inação e naquele grave repouso do pensamento, que é prudência na véspera de cometimentos arriscados. Ninguém se deve inquietar com a apreensão de desgraças que talvez não se realizem, assim como ninguém deve entregar-se também a uma cega confiança no futuro, que acrescente à catástrofe todo o rigor do imprevisto.

Abril. – Começara o mês marcado para as nossas provações. Não se achava garantido o nosso fornecimento de víveres, e todavia parecia reinar no acampamento tal ou qual abundância. Chegavam continuamente

carretas, com toda a sorte de fazendas e outros objetos de luxo, que aquelas paragens desertas com certeza nunca viram; as mulheres dos soldados, atraídas por esse movimento comercial, desciam de Nioac em grupos cada vez mais numerosos. Por seu lado contribuía para esta concorrência a fama de salubridade da colônia de Miranda: era ali, com efeito, que, muito antes da invasão estrangeira, acudiam dos arredores os convalescentes e valetudinários. São cristalinas as águas do rio; as infiltrações salobras dos brejos inferiores ainda não as conspurcaram.

O estado sanitário da soldadesca era ótimo; por isso haviam recommençado os exercícios diários de todos os batalhões; as bandas de música rompendo afinal o seu longo silêncio alegravam os espíritos. Especialmente a dos voluntários de Minas, que tinha sido organizada com cuidado, tocava sinfonias cuja novidade, para os ecos do lugar, produzia novo encanto.

O Batalhão nº 17 teve logo ordem de ir, além do ponto a que chegara o 21, fazer um reconhecimento sob a direção do guia Francisco Lopes, e com um grupo de índios terenas e guaicurus que havia algum tempo tinham vindo apresentar-se ao coronel.

Realizou-se a partida no dia 10 de abril, com bandeiras desfraldadas e música na frente, espetáculo sempre imponente ao aproximar-se um combate. Graças aos cuidados do comandante, o corpo fora posto em um pé de disciplina que em qualquer parte seria digno de nota.

O dia seguinte reservava-nos emoções mui diversas e quase contraditórias: as esperanças ilusórias de encontrar o inimigo, e o imprevisto de cenas de família muito comoventes.

Uma mulher chegada de Nioac anunciou-nos que encontrara à margem dum ribeiro próximo um grupo de cavaleiros, falando espanhol, e que depois de lhe terem dirigido algumas perguntas, deixaram-na passar tranquilamente.

Deu-se o alarma em toda a linha e na retaguarda; mas logo tivemos a agradável surpresa de ver de volta o nosso destacamento trazendo dez cavaleiros: eram fugitivos do Paraguai, eram brasileiros, eram irmãos! Pertenciam a famílias estimadas e muito conhecidas de estancieiros das cercanias de Nioac: os Barbosas, os Ferreiras, os Lopes. Escapavam à sanha do inimigo inexorável.

A notícia de seu aparecimento circula com a rapidez do relâmpago e chega até Nioac. Acodem quase em delírio homens e mulheres para vê-los, e quase todos choram. Compatriotas! Cercados, carregados, vão imediatamente à presença do comandante, que os interroga.

Contam que tendo sido levados como prisioneiros para o território paraguaio, eles e suas famílias, quando o inimigo se retirou, dispersaram-nos por diferentes lugares, ficando vários em Vila Horcheta, que dista sete léguas de Concepción.

Distribuíram-lhes terras para cultivar, com a condição porém de entregarem aos coletores a quinta parte dos produtos. Até então não haviam sido muito incomodados, mas souberam ultimamente que o governo do ditador López, carecendo de gente para o exército, projetara recrutar todos os estrangeiros e até os prisioneiros. Informados na mesma ocasião de que se aproximava um corpo de exército brasileiros tinham afrontado tudo para vir ao encontro de seus patrícios, a fim de não ficarem expostos ao risco de ter de combatê-los; suas próprias famílias os haviam acoroçoado neste desígnio.

A 25 de março, no mesmo dia em que fizemos o primeiro reconhecimento diante da colônia, apanharam bons cavalos paraguaios, e sabendo de sobra que sorte os esperava, se se deixassem prender outra vez, arriscaram-se, tomando rodeios, caminhando à noite, de mata em mata, na direção da fronteira; ali chegados, atravessaram o Apa com felicidade, e, deixando à direita a estrada da colônia, e subindo ao norte na direção da estância do Jardim, de lá desceram outra vez para reunir-se a nós.

O coronel tomou então de parte, na sua barraca, o filho do guia Lopes. Era um rapaz de boa presença, que na inteligência e na reserva se parecia com o pai. Versou naturalmente a conversa sobre as informações que ele e seu cunhado Barbosa podiam ministrar sobre a situação no Paraguai, sua força apreciável, seus meios de resistência, e mormente na fronteira vizinha. Os refugiados responderam que as fortificações do Apa consistiam em simples estacadas de madeira ordinária guarnecidas por uns cem homens em Bela Vista, sob o comando do Major Martín Urbietta. Os outros fortes achavam-se em condições ainda piores de defesa; mas o governo paraguaio, avisado disso, comprometera-se a dar providências prontas e a mandar reforços, ordenando que até à chegada destes evitassem

combate, destruindo porém tudo o que não fosse possível carregar. Acrescentaram que no interior da república era geral o desânimo, e que cada vez se acreditava menor a resolução de se defenderem até ao último extremo, sendo sempre o mesmo respeito que tinham ao presidente – El Supremo –, cujo nome não pronunciavam sem descobrir-se.

Assim que se divulgaram no acampamento estas notícias, houve um grito só: “Ao Apa!” O entusiasmo tocava ao auge, e ainda os mais prudentes deixaram-se arrastar pela excitação apaixonada dos grupos que se formavam por toda a parte.

Neste momento foi anunciada a volta do Batalhão 17, que acompanhara o velho Lopes. Foi desejo de todos assistir ao primeiro encontro do pai e do filho mais velho que lhe era restituído.

Nosso guia recebera a grande notícia ao passar pela sentinelas avançadas. Vinha pálido, com os olhos úmidos, a ter com o filho que o esperava respeitosamente, de chapéu na mão. O pai não se apeou, estendeu a mão trêmula, que o filho beijou; depois deitou-lhe a bênção e seguiu sem dizer palavra.

Foi uma cena patriarcal, e como o coração humano é sempre sensível às grandes cousas, olhávamos uns para os outros com ar de espanto, como perguntando se não era vergonha para soldados o deixar correr algumas lágrimas.

Que emoção devia sentir esse velho tornando a ver o filho salvo das mãos do inimigo! E ao mesmo tempo que dor a sua, ao pensar que a família reduzida ao cativoiro perdera seu mais valente defensor!

Quando lhe falamos nisso, tomou uma longa pitada e disse-nos: “Deus tudo faz. Deus assim o quis. Outrora fui feliz, tive casa, família. Hoje durmo ao relento, estou só, com o que me dá a caridade.” – “Mas vamos encontrar casas em Bela Vista, respondemos-lhe; o senhor tem junto de si seu filho e seu genro. Come em companhia de amigos, e é o senhor quem lhes dá a carne do seu gado.” Ele sacudiu a cabeça com sorriso melancólico: “Nuca mais há de ser minha a estância do Jardim.”

O coronel entretanto, depois de combinar com Barbosa os meios de ainda tirar gado dos campos do sogro, ordenou que se continuasse a avançar.

.....

Capítulo VI

EM MARCHA. – DISPOSIÇÃO DE COLUNA. –
AVISTA-SE A FRONTEIRA.

OCORONEL CAMISÃO, fortalecido na sua primeira resolução, não pôde entretanto levá-la à prática sem deixar transparecer algumas das suas antigas hesitações. Ele próprio marcara a partida para 13 de abril; adiou-a para 14, apesar de estar tudo pronto desde o romper do dia, e o corpo de exército em ordem de marcha. Só foi no correr do dia que declarou a sua nova determinação, entrando a este propósito em explicações que causaram admiração e deram oportunidade a interpretações maliciosas, principalmente quanto às jornadas que marcara. Dividira-as, efetivamente, de forma que a coluna chegasse a Bela Vista ou suas vizinhanças, isto é, à fronteira, no sábado d’Aleluia ou no Domingo de Páscoa para que a solenidade fosse ali celebrada. “Assim”, diziam os críticos, “os tiros de peça do início da campanha serão os mesmos que de ordinário acompanham a cerimônia religiosa; a iniciativa da campanha será amparada pela festa.”

O dia 13 portanto foi ainda um dia perdido; gastou-se a manhã em preliminares de viagem totalmente ociosos e que pareciam ter por único fim ocupar os soldados. Estes prestavam-se aliás a tudo de muito boa vontade. Tocara-se já o hino nacional, e uma explosão de entusiasmo o acolhera. Vários ajudantes-de-campo foram então, cada qual para seu

lado, ler uma ordem do dia que apelava para o patriotismo dos corpos e recomendava-lhes confiança nos chefes. Estrondosas e repetidas aclamações ergueram-se ainda, depois desta leitura! a animação tocara ao auge. A noite caiu e passou-se sem que ninguém se mexesse; o comandante, pensativo como sempre, passeou no escuro, diante de sua barraca, por mais tempo e até muito mais tarde do que costumava.

No dia seguinte efetuou-se o desfile em sua presença e ele se animou pouco a pouco. A vanguarda entretanto devia dar-lhe que refletir, pois compunha-se dos homens da nossa cavalaria desmontados. Já ficou dito que não tínhamos mais cavalos; perdemos-los todos, no distrito de Miranda, em consequência de uma epizootia do gênero da paralisia reflexa, que tão cruelmente a nós mesmos atacara. Apenas havia alguns machos para o serviço ordinário do acampamento. O elemento de guerra mais necessário naqueles regiões, a cavalaria, faltava-nos; todos o notavam.

Todavia os nossos caçadores, na diferença de caráter a que tiveram de submeter-se, nada perdiam do aspecto marcial. Após eles vinha o 21º. Batalhão de linha, precedendo uma bateria de duas peças raiadas. Depois o Batalhão nº 21, uma bateria igual à primeira, o batalhão dos Voluntários da Pátria nº 17, e na cauda as bagagens, o comércio com sua gente e seu material, as mulheres dos soldados em número bastante grande. O gado ocupava o flanco esquerdo com as carretas das munições de guerra e de boca: massa confusa protegida por uma forte retaguarda.

Tínhamos diante de nós o rio Miranda. Os soldados passaram-no, uns levantando acima d'água as armas, os cinturões, as cartucheiras, outros pela ponte provisória que os engenheiros acabavam de construir, tendo por auxiliar nessa trabalho urgente o 2º.-tenente de artilharia Nobre de Gusmão, um jovem oficial de notável talento e que nessa conjuntura demonstrou o zelo de que sempre deu prova daí em diante. Levaram mais de duas horas a passar; durante esse tempo o coronel Camisão e seu estado-maior levaram as notícias que a mala de Mato Grosso acabara de trazer-lhes; nenhuma comunicação oficial ou particular sobre a invasão do Paraguai pelo sul, nem cousa que a isso se referisse de modo positivo; eram entretanto informações que poderiam ser-nos muito valiosas e até indispensáveis no momento em que nos aventuráramos a uma operação perigosa, sem ter propósito bastante definido.

À 2 h da tarde continuou-se a marcha, mas com extrema lentidão; o passo dos bois que puxavam a artilharia regulava o nosso, e ainda de espaço a espaço tudo parava, porque o coronel, indo e vindo com seu estado-maior da vanguarda à retaguarda, se punha a examinar os arredores com o óculo de alcance, umas vezes com ar distraído, outras atento. Isso surpreendia-nos, porque se jamais houve campo sem mistério era aquele que atravessávamos. Completamente despido, nem relva tinha; haviam-no incendiado por todos os lados, de forma que os atiradores, distribuídos a princípio para reconhecê-lo, tinham-se-nos reunido todos, dispensados dum serviço já inútil.

Ao cair da noite galgamos um alto cerro.

A 16 começou a marcha na mesma formatura, havendo só a diferença de alternaram os corpos na vanguarda, no centro e na retaguarda.

Seguíamos uma estrada formada por dous trilhos separados por três ou quatro palmos de relva, e que se estendiam a perder de vista por planícies totalmente descobertas; apenas, de longe em longe, aparecia alguma mouta, um raro arbusto; só no horizonte se avistavam capões de mato. Os dous trilhos estavam bem batidos, e via-se que muito recentemente cavaleiros por ali tinham passado e tornado a passar em bandos numerosos.

Desse caminho saíam aqui e acolá outros rastos de cavalo na direção das coxilhas que permitiam se avistasse ao longe; não havia dúvida que o inimigo espreitava a nossa marcha.

Fomos acampar pero do cerro do Retiro, ocupando a vertente de cuja base nasce o ribeirão do mesmo nome. É aqui admirável a natureza: a corrente bordada de palmeiras, despeja-se entre margens ligeiramente sinuosas, cobertas de relva curta e macia, de belíssima cor verde-esmeralda.

Perto dali residira outrora aquela mesma D. Senhorinha, cuja hospitalidade já elogiamos, casa então em primeiras núpcias com outro Lopes (João Gabriel), irmão do nosso valente guia José Francisco, e que faleceu em 1849. A viúva, tendo ficado só com os filhos num território limítrofe, onde nenhuma proteção têm os fracos, fora já uma vez agarrada e conduzida por uma força paraguaia. Reclamada algum tempo depois pela legação brasileira em Assunção, e restituída à liberdade em 1850, ela, conforme o costume muito generalizado naquela região, contraía segundo matrimônio com o cunhado, nosso guia, que a estabelecera na sua estância

do Jardim; afinal, por ocasião da invasão paraguaia de 1865, fora de novo apanhada e levada.

Sáimos do Retiro na manhã de 17 de abril. Duas léguas adiante encontramos uma espécie de rancho ou cabana, que evidentemente acabava de ser ocupada por uma patrulha inimiga. Ao lado erguia-se um desses mastros de vigia que os paraguaios denominam *mangrulhos*, grosso esteio ou reunião de madeiros toscos, ao alto dos quais trepam para descortinar ao longe os sítios circunvizinhos. Os nossos irmãos guaicurus tinham avançado até ali, anteriormente, num reconhecimento que fizera o tenente-coronel Enéias Galvão. Desta vez os selvagens nossos aliados regalaram-se em deitar fogo ao mastro e ao rancho.

Nessa ocasião foi avisado o coronel de que os nossos comboios se tinham atolado ao sair do Retiro; decidiu logo que, sem interromper a marcha, iríamos esperá-los um pouco adiante. Fez-se isto, e assentamos acampamento exatamente no lugar, onde existira a estância de João Gabriel. Uma numerosa partida de vanguarda postou-se em observação num alto que dominava a campina.

Comandava esse destacamento um capitão da Guarda Nacional do Rio Grande, Delfino Rodrigues Pereira, mais conhecido pelo nome de seu pai, Pisaflores, homem enérgico, a cuja bravura todos prestavam homenagem. Vimo-lo então a olhar fixamente para as bandas de oeste; de repente partiu de muitos lados a um tempo o grito: “A fronteira!” Da eminência em que se achavam, viam efetivamente a mata sombria do Apa, limite das duas nações.

Foi esse um momento solene, e essa uma emoção a que ninguém pôde escapar, oficiais e soldados. Ver a fronteira que demandávamos impressionou a todos, como se fora uma surpresa. E era realmente nova para todos. Alguns podiam tê-la visto já, mas com olhos de caçador ou de campeiro para quem todo terreno é o mesmo; a mor parte só ouvira falar vagamente, e agora a fronteira estava ali, diante de nós, como ponto de encontro dos dous povos armados, como um campo de combate.

.....

Capítulo VII

PASSAGEM DO APA. – PRIMEIRA ESCARAMUÇA. –
OCUPAÇÃO DE MACHORRA.

AS NOSSAS carretas retardadas tinham chegado ao acampamento no dia 17, e a 18, às 9 horas da manhã a guarda avançada fora mudada. Reinava a maior tranqüilidade nas linhas, quando subitamente, às 11 h, ouviu-se o grito de alarma: “Cavalaria inimiga.” Os batalhões pegam em armas; o comandante despacha os engenheiros para os postos avançados, o adjudante-general para a retaguarda e o assistente do quartel-mestre-general para os diferentes corpos a fim de certificar-se do estado deles e do que porventura lhes faltava. Marcha ele próprio para a vanguarda, seguido pelo batalhão de voluntários com as peças do major Cantuária e do tenente Marques da Cruz, o mesmo que mais tarde foi morto em combate nas linhas de Humaitá; passou na nossa frente com a espada desembainhada, não querendo, dizia, tornar a metê-la na bainha senão depois que travasse conhecimento com os paraguaios.

Os inimigos estavam então a pequena distância de nós, junto do mato que beirava um ribeirão; avançavam sensivelmente, estendendo linha de atiradores, corrente de um lado para outro sob as ordens dum oficial,

que distinguíamos no meio deles e que de improviso lhes deu ordem de retirada; perdemo-los de vista.

Depois de longa espera, ordenou o comandante que voltássemos para o acampamento.

Na manhã de 19 deixamos o acampamento. O coronel destacou para a vanguarda o Batalhão 21º., recomendando que, ganhando sempre terreno, nunca perdesse de vista o grosso do corpo de exército. O resto seguia em destacamentos próximos uns dos outros para se auxiliarem mutuamente se fosse preciso; como porém a animação dos soldados era igual à dos oficiais, os corpos avançavam esquecendo esta ordem, e achavam-se às vezes mais longe uns dos outros do que a prudência requeria.

Ao transpor o Taquaraçu, cuja ponte acabava de ser destruída pelos paraguaios, a vanguarda deu-lhes uma descarga, que mal os alcançou. Um dos cavaleiros deles foi ferido, vimo-lo cair; outro companheiro pô-lo na garupa, enquanto terceiro lançava o cavalo solto que fugia. Vendo esta primeira cena de guerra, os nossos iram atirar-se n'água para perseguir o inimigo, quando um toque de clarim do quartel-general os fez parar; toda a coluna estava daí a pouco grupada atrás deles. Entrementes os engenheiros restabeleciam a ponte; uma hora foi bastante para esse trabalho. Passamos, e continuou-se a marcha do outro lado do rio.

Subindo pequenas esplanadas que separam as depressões paralelas de que está cortada a planície, avançamos até ao pé duma colina que domina toda a redondeza. A nossa vanguarda achara esta posição ocupada por numeroso destacamento de cavaleiros; parou, e todos os corpos separados uns dos outros fizeram sucessivamente o mesmo. Os paraguaios nos examinavam; nada se interpunha entre eles e nós, de forma que nos podiam contar. Foi-nos isso muito desvantajoso. Até ali eles haviam cuidado, segundo nos referiram depois os nossos refugiados, que a coluna brasileira se compusesse pelo menos de 6.000 homens, e nosso comandante esforçara-se por alimentar este erro, como é de preceito na guerra. Foi-se a ilusão, desfeita ao primeiro lancear de olhos sobre a nossa força. Razão demais para atacarmos incontinenti; mas o comandante conservou-nos imóveis.

Só soubemos mais tarde a causa: provinha do seu próprio carácter. Estávamos em sexta-feira santa, e a iniciativa de uma ação sanguinolenta no dia da morte do Senhor repugnava a um coração religioso como o do

nosso chefe, escravo de todos os sentimentos nobre, que ele exagerava até à contradição, inquieto e como perturbado pelo pressentimento da morte próxima.

Sua hesitação durou o bastante para que o destacamento paraguaio, não receando mais ser atacado, e desdenhando talvez a nossa pequena força, atirada sem cavalaria em vastas planícies pantanosas onde todo o homem a pé é assunto de mofa, entendesse manifestar com insolência o desprezo em que tinha os nossos recursos militares, demonstrando claramente que considerava inúteis quaisquer precauções. Apearam-se todos; uns sentavam-se à sombra das macaubeiras, outros deixavam pastar tranquilamente seus cavalos. A negligência afetada daquela atitude enchia-nos de indignação. Felizmente nosso chefe também sentiu-a afinal, e decidiu-se. Só havia contra eles um meio rápido de ação e esse empregou. Marques da Cruz mandou avançar a sua peça, e a primeira granada partiu no meio das aclamações dos nossos. Ela foi bater na base do espique de uma grande palmeira, a cuja sombra estavam muitos cavaleiros, e depois de recocheter, fez explosão no ar.

Foi pelo menos um prazer para nós vermos o efeito produzido: a surpresa, o alarma, a confusão, uns corriam após os cavalos que a detonação dispersara.; outros montavam e precipitadamente disparavam pelo campo. Poucos minutos depois, o destacamento inteiro desaparecera. Atirou-se-lhes segundo projétil, depois terceiro que alcançou mais de meia légua, e deu-lhes a conhecer a força da nossa artilharia. A partida que assim fugiu só reapareceu diante da estância da Machorra, na fronteira.

Chegados naquela tarde à margem do ribeirão, que os espanhóis chamam Sombrero, fomos acampar no triângulo que ele forma na sua confluência com o Apa. Admiramos esse belo rio, limite dos dous países, cujo aspecto, com seu mato espesso, nos impressionara tão fortemente logo que de longe o avistamos. Está-lhe reservado um grande futuro depois de concluída a guerra.

O Apa sai por três nascentes, para logo reunidas na serra dos Dourados, pouco abaixo da colônia militar deste nome, a 12 léguas E.S. da de Miranda; corre a princípio para O., 10º., e daí, dobrando para O., 10º. S., vai com ligeiras sinuosidades banhar Santa Margarida, Rinconada

e outros pontos fortificados, até chegar ao Paraguai, em cujo leito se perdem suas águas.

O coronel, logo que chegou, pediu que lhe dessem água, daquela água do Apa, e, ou por lhe acudirem à memória vagas reminiscências históricas a propósito de caudais famosos, ou porque depois de tantas agitações de espírito tivesse ligeira excitação febril, disse a sorrir: “Veja-mos a que hora provamos a água deste rio.” Consultou o relógio, bebeu, e acrescentou em tom jovial: “Desejo que este incidente seja consignado na história da expedição, se a escreverem um dia.” Pareceu empenhar-se em que lho promettessem; o próprio autor desta narrativa em nome de todos comprometeu-se a isso, e hoje cumpre com exatidão religiosa; pois a morte, da qual estava tão próximo o nosso chefe, por sua própria natureza enigmática, sabe tudo enobrecer, tudo absolver, tudo consagrar.

Nesse ponto o Apa é correntoso, mas as grandes lajes do seu leito convidam a entrar n’água; foi o que fizeram muitos soldados; vários passavam para a outra margem, dizendo que iam individualmente conquistar o Paraguai.

À noite vimos dous oficiais brasileiros que, na hora do perigo, vinham reunir-se a nós e compartilhar do nosso destino. A marchas forçadas vieram de Camapuã. Tinham-se adiantado à escolta e atravessado, sozinhos, correndo o risco de algum engano, as nossas linhas de sentinelas avançadas. Só no dia seguinte os seus soldados chegaram ao acampamento, com um viajante por nome Joaquim Augusto, homem valente, mas a quem apenas traziam interesses pessoais,

No dia subsequente, 20, moveu-se o corpo de exército às 9 h da manhã, e, depois de atravessar o Sombrero, avançou pela margem direita do Apa, formando o batalhão de voluntários a vanguarda. Levamos muito tempo para vencer apenas uma légua; a cada instante havia algum desarranjo nas carretas que conduziam as munições, das quais não nos podíamos afastar, pois nos achávamos próximos do inimigo; no dizer dos refugiados, estávamos perto da primeira guarda paraguaia, isto é, do forte e da estância da Machorra, situada em território brasileiro, uma légua e um quarto para cá do forte da Bela Vista que está assentado defronte na margem paraguaia.

Cuidávamos a cada instante encontrar resistência. Entretanto o nosso batalhão da vanguarda marchava sempre, sem atender às distâncias que as contínuas paradas dos outros corpos punham entre si e eles. Debalde soavam os clarins; já se achava demasiado longe para ouvi-los. Também deixar que assim se distanciasse não era prudente; cumpria despachar um próprio para o chamar. Ofereceu-se a isso o tenente-coronel Juvêncio e partiu imediatamente com seus dous ajudantes-de-campo e com Gabriel Francisco, o genro do guia, que nos quis acompanhar. Tínhamos felizmente cavalos muito regulares dos que haviam resistido à epizootia; tiráramos dum atoleiro perigoso, onde pela pressa nos metêramos. Daí a pouco perdemos de vista ao corpo de exército e ainda não avistávamos na frente a nossa gente já empenhada em combate, ao que parecia; de fato começava-se a ouvir descargas e tiros isolados. Víamos muito bem às vezes flutuar a bandeira, mas umas moutas altas no-la ocultavam depois, e parecia além disso que não avançava. Em poucos instantes a rapidez da nossa carreira levou-nos perto. Eletrizando-nos aquela vizinhança atiramos os cavalos no ribeirão José Carlos que nos embargava a passagem, e reunimo-nos afinal aos nossos que combatiam num lugar fechado, à entrada da Machorra.

Uma linha bastante extensa de paraguaios respondia ao ataque, enquanto muitos dos seus companheiros, como enfurecidos, destruíam a estância e deitavam fogo a tudo quanto podia arder.

Nosso comandante da vanguarda estava a examinar uma ponte que tínhamos de atravessar para suplantar o inimigo; foi ali que o tenente-coronel Juvêncio lhe transmitiu a ordem de fazer alto, mas a emergência já não permitia que se conformasse com ela. Combinaram os dous oficiais a necessidade de ocupar a estância a todo custo.

Imediatamente a nossa linha de atiradores deitou a correr para a frente, passando pela ponte e porfiando todos com ardor.

Os paraguaios recuaram, mas em boa ordem.

Tinham instrução sem dúvida para não dar combate, limitando-se a juntar e tocar adiante de si os cavalos e os bois que não nos queriam deixar, e que deviam ser muitos, a julgar pela poeira que a sua marcha levantou pouco depois.

Foi ocupado o recinto; o tenente-coronel Enéias deu nova formatura ao seu batalhão, e ali o conservou numa série de posições que lhe

valeu mais tarde, além da aprovação do coronel, os cumprimentos de todos; não lhe faltaram os nossos desde o princípio. Foi geral o aplauso pela espírito de disciplina que os soldados mostravam, e pela solicitude que, à primeira ordem, se puseram a desatrarancar o terreiro dos objetos que o atulhavam, sem tirar cousa alguma nem do havia dentro das casas.

Entrementes apareceu o próprio comandante; não vendo voltar nenhum dos próprios que despachara para a vanguarda, partira a toda a pressa para certificar-se do ocorrido. A recepção entusiástica que lhe foi feita, e as aclamações dos soldados causaram-lhe um prazer que não pôde ocultar apesar da sua habitual reserva.

Os índios guaicurus e terenas, nossos auxiliares, não foram os últimos a apresentar-se para participar dos despojos; tinham mostrado entretanto pouca sofreguidão para a luta, e a tal ponto que, ao passarmos por eles, lhes gritávamos: “Avante, camaradas!” Agora à sua indolência sucedera um ardor sem limites para o saque. Espalharam-se logo pelas roças de mandioca e de cana, e num instante voltaram com cargas enormes, que mal sustinham, sem que isso todavia lhes retardasse o passo.

Havia ainda um resto de crepúsculo, quando o grosso da coluna chegou; foi a hora da balbúrdia e da desordem: estava ali tanta cousa amontoadada, sem dono e condenada à destruição! Cada qual tomou seu quinhão; e os menos favorecidos afinal foram os que tinham maior direito à presa, porque a conquistaram debaixo de fogo e a guardaram como propriedade pública até o momento da dilapidação geral. Este saque aliás era legítimo, e fora injusto recusá-lo aos soldados que o haviam pago adiantado com meses de privações e de fome. Das oito ou dez casas da Machorra, duas achavam-se já reduzidas a cinza pelos próprios paraguaios; os soldados brasileiros conservaram as outras. Algumas peças de madeiramento, alguns mourões em brasa serviram para assar as batatas, o aipim e as galinhas do inimigo. A Machorra, apelidada estância do presidente López, não era na realidade senão terra usurpada e cultivada por ordem dele do lado da nossa fronteira. O trabalho dos invasores, frutífero como tinha sido, só acrescentava ao banquete a satisfação de um sentimento de reivindicação nacional; o coronel autorizou-a com uma alegria que nunca lhe víamos até ali.

.....

Capítulo VIII

OCUPAÇÃO DE BELA VISTA. – OS PARAGUAIOS TUDO
DEVASTAM EM TORNO. – TENTATIVA DE UMA CONFERÊNCIA. –
ABORTO DELA. – ESCASSEZ DE VÍVERES.
– MARCHA PARA LAGUNA.

NO DIA seguinte, 21 de abril, às 8 h da manhã, os clarins do quartel-general deram ordem de marcha: tratava-se nada menos de transpor a fronteira, entrar no território paraguaio e investir o forte de Bela Vista, que é por aquele lado a chave de todo o país. Sentíamos todos o alcance da operação e a nossa animação redobrava. Cada qual envergou seu mais luzido uniforme, e às nossas velhas bandeiras, que nenhum feito estrondoso consagrara ainda, substituíram-se novas, cujas cores vivas se destacavam no belo céu das campinas paraguaias.

Ao sair da Machorra, adotara-se a formatura compacta. Dos dous lados da coluna e para garantir-lhe o movimento, os atiradores que a flanqueavam derribavam a macega; pois que a natureza da região mudara. Não mais a relva curta e fresca dos campos que acabávamos de atravessar. O terreno era coberto dessa perigosa graminácea, da altura de um homem, de caule rijo e arestas cortantes, que tanto dificultam a marcha em lugares do Paraguai.

Fomos passar o Apa em frente a Bela Vista. Formava a vanguarda o batalhão de infantaria de Goiás nº 20 sob o comando do capitão Ferreira de Paiva; mas, na frente dos seus atiradores comandados por um oficial moço e valente chamado Miró, a quem a morte proximamente havia de colher, lá ia à apressar o velho Lopes montado no seu belo cavalo baio, um dos que o filho e os outros refugiados tinham tomado aos paraguaios. Não cabia em si de contente, com os olhos que lembravam os de uma ave de rapina fixos sobre Bela Vista, que já se começava a avistar. De súbito, no momento em que chegávamos a ter com ele, sua fronte anuviou-se: “A cordona voa do ninho”, disse, “e nem sequer nos deixa os ovos.” E apontava para uma tênue fumaça que subia no ar: “São”, acrescentou, “as casas de Bela Vista a que deitaram fogo.”

Esta notícia foi levada ao coronel, o qual avisado também por um sinal do ajudante Porfírio, do batalhão da frente, mandou acelerar a marcha. Começamos a correr, e a linha dos atiradores do 20º precipitou-se para o lado do rio, mas antes deles já lá estava o pequeno grupo no meio do qual se achava o guia. Com grande espanto nosso, os inimigos não davam mostras de nos disputar a passagem; afastavam-se do rio como haviam feito na Machorra, e iam parar a grande distância, imóveis a cavalo no campo.

Tínhamos pois a felicidade de ser os primeiros a transpor a fronteira, a chegar à margem esquerda do Apa, a sentir debaixo de nossos pés o solo paraguaio.

Passado o rio, em um instante galgamos a eminência que tínhamos em frente, donde se pôde ver de perto a fortaleza e o povoado; estavam em chamas. Alguns paraguaios andavam ainda pelo interior e pelas cercanias, detidos pelo pesar da presa que nos entregavam, e pelo furor que os impelia a tudo destruir. Outros montados, em maior número, retiraram-se em ordem.

Nosso guia Lopes pôs-se afrontá-los com assobios e apóstrofes de desdém, que provocavam o riso. Eles poderiam cair sobre nós, e aqueles robustos cavaleiros, muito bem montados, com seus pesados sabres facilmente dariam conta da nossa gente, mal montada e mal armada; mas não pensamos nisso, e Lopes ainda menos. O intrépido velho quase sempre nos precedera na nossa carreira a galope, por mais esforços que fizéssemos; a cada momento dobrava de rapidez, pensando na mulher, duas vezes presa

e cativa no Paraguai, em todos os seus, nos amigos, nos companheiros de sua vida prisioneiros como ela; mil recordações de atrocidades antigas e recentes acendiam nele violenta sede de vingança.

Uma vez efetuada a passagem pelo corpo de exército, o forte, que apenas consistia numa sólida estacada, foi, assim como a povoação, ocupado por numeroso destacamento, e a linha de atiradores do 20º. Batalhão, tornando a formar à nossa esquerda, pôs-se em movimento para ir atacar os paraguaios que tinham feito alto. Vimos então que eles arvoraram um como pano branco, mas logo se foram afastando lentamente, e percebemos que seu intuito era atrair-nos para algum mato, onde fariam pagar caro a nossa confiança na sua lealdade. Soubemos depois que de fato pretenderam isso; julgavam ter necessidade de algumas vítimas para coonestar uma retirada em demasia precipitada, que havia de provocar a cólera dos seus chefes, fossem quais fossem as ordens recebidas.

Assim se passou o dia 21 de abril; os dous seguintes foram dados ao repouso e ao conselho. Todo o corpo de exército passara a fronteira e fora acampar ao sul da fortaleza, apoiando nela a ala direita e a esquerda na mata do rio. Havia no acampamento abundância de víveres frescos. Bem carecidos estávamos disso, e a nossa gente pôde assim gozar dos últimos momentos propícios, que a sorte nos deixava. O nosso chefe parecia mais sereno do que de costume; mostrava confiança. Começou a dar à coluna o título de: *Forças em operação no norte do Paraguai*; e todos os seus officios, assim como todas as nossas cartas dirigidas para Mato Grosso, Goiás ou Rio de Janeiro (confiadas a Loureiro que então se despediu de nós) levava no sobrescrito: *No Império do Brasil*.

Entretanto, do alto da eminência de Bela Vista víamos durante o dia cavaleiros inimigos junto de uma alta palmeira buriti; à noite alguns avançavam até mais perto do acampamento. Esta contínua vigilância incomodava-nos, até porque ela tinha por fim afastar o gado que as nossas guardas avançadas procuravam arrebanhar; a este respeito a nossa inquietação crescia. Os refugiados tinham exagerado a facilidade de nos abastecermos nestas pastagens; dous dias depois de estarmos em Bela Vista, o coronel mandou dar uma batida sob a proteção do 21º. Batalhão, os exploradores foram a mais de uma légua de distância, e o resultado foi nulo. Ficamos convencidos de que por então nada havia que esperar de

semelhantes tentativas. É certo que os paraguaios tinham desaparecido à passagem dos nossos, mas no dia seguinte voltaram à sua posição ao pé da palmeira.

A presença deles acolá era quase um insulto. Teríamos podido acabar com isso atirando-lhes algumas granadas, mas outra idéia ocorreu ao comandante: não teriam eles alguma vontade de entrar em negociação conosco?

Neste pressuposto, fez seguir, escoltado pelo 17º. Batalhão, um oficial parlamentar portador de uma proclamação escrita em espanhol, em português e em francês, que se deixou presa a uma bandeira branca fincada a légua e meia de distância do acampamento. A proclamação era concebida nos seguintes termos:

“Aos paraguaios,

“A expedição brasileira fala-vos como a amigos. Não é seu fim levar a devastação, a miséria, as lágrimas ao vosso território. A invasão do norte, como a do sul da vossa República, não tem outro intuito senão reagir contra uma injusta agressão de nacionalidade. Será conveniente que venha entender-se conosco um dos vossos oficiais. Poderá retirar-se assim que lhe aprouver; bastará manifestar este desejo. Pela sua honra, pela santa religião que ambos os povos professam, o comandante da expedição jura que há toda a segurança para o homem generoso que assim confiar em nós. Como inimigos disparamos canhões, agora queremos tratar como se houermos de ser amigos. Apresentai-vos com a bandeira branca na mão e sereis recebidos com todas as deferências que umas às outras devem as nações civilizadas, ainda estando em guerra.”

A resposta que foi encontrada no dia seguinte, estava escrita num papel preso a uma varinha, que dizia assim:

“Ao comandante da expedição brasileira:

“Os oficiais das tropas paraguaias estão sempre prontos para todas as comunicações que lhes quiserem fazer; mas no estado de guerra declarada, qual existe entre o Império e a República, só com a espada em punho podemos tratar convosco. Vossos tiros de canhão não nos alcançam, e quando tivermos ordens de fazê-los calar, há no Paraguai terreno de sobra para as manobras dos exércitos republicanos.”

A letra era de mão firme e corrente. O papel trazia o selo da República: um barrete frígio sobre leão rompante.

As fórmulas empregadas nesta resposta atestavam um certo grau de cultura e de boa educação, mas veio também o insulto. O comandante recebeu uma bolsa de couro, no qual estavam gravados estes versos mais grosseiros que ingênuos:

*Anda, cabeça pelada,
General de triste sorte;
Que vem de própria vontade
Procurar a negra morte.*

E tinham acrescentado aí:

“Os brasileiros supõem que assistirão às festas na Concepción. Ali os esperam os nossos com baionetas e chumbo.”

Bravatas sem alcance e que nada tinham de sério; mas o que o era incontestavelmente, viam-no todos, era a impossibilidade de nos abastecermos. O Batalhão 21^o, mandado ainda a 27 de abril para reunir e trazer gado, não o conseguira, e, apesar de ter tido a felicidade de não sofrer perda alguma em várias escaramuças com a cavalaria, voltava com a triste certeza de que a região estava conosco em disposições totalmente negativas e hostis.

Resolveu portanto o comandante conservar-se momentaneamente em Bela Vista, e, pelo viajante Joaquim Augusto que partia, mandou ordem que de Nioac nos remetessem víveres, munições, as roupas dos soldados e o arquivo do corpo de exército. Avisara aos oficiais que por seu lado mandassem vir o necessário para uma demora mais prolongada.

A falta de gado porém tornava já insustentável a própria posição de Bela Vista; começava a ser insuficiente a distribuição de rações. Urgia tomar uma resolução: ou avançar com a esperança de bater o inimigo, que não podia ser ali muito numeroso, visto como a guerra ao sul da República para lá devia chamar o grosso das forças (e nesse caso, depois de uma vitória, os nossos destacamentos arrebanhariam mais facilmente o gado que havia nos campos), – ou retroceder para pontos da fronteira menos desprovidos de recursos.

Esta alternativa, semelhante opção, tirou todo o repouso ao nosso comandante: tornaram-se visíveis as suas violentas agitações de espírito. Pôs-se de novo a imaginar a calúnia, que lavraria contra ele em toda a província de Mato Grosso e sobretudo na capital, e falando consigo mesmo, soltando exclamações que debalde buscava refrear, dizia: “Atassalham-me por toda parte, dizem alto e bom som que ainda não tivemos encontro sério com o inimigo, e anunciam que nunca o teremos.”

Nesta perturbação de espírito e carecendo de dados positivos para assentar uma resolução, os refugiados, consultados indiretamente, começaram a falar com mais vantagem do que até ali numa estância chamada Laguna, a cerca de quatro léguas de Bela Vista, que fazia parte dos domínios do presidente da República e destinada à criação de gado. Ali encontrariam, diziam eles, grandes manadas, ter-se-ia posição segura e boa base de operações. Depois, como esta sugestão parecesse agradar ao coronel, vários oficiais que o rodeavam e a quem parecia consultar, deixaram-se seduzir. “Porque”, exclamavam, “não iremos até Concepción, como nos desafiam? Viemos até aqui, tão longe, para recuar? Contanto que se possa contar com um quarto de ração, não há um só dos nossos que hesite em acompanhar seus chefes e não deseje tentar com eles a fortuna no Brasil.”

À frente dos mais entusiastas via-se o capitão Pereira do Lago, oficial tão ousado quanto positivo e obstinado. De uma coragem que com facilidade se exalta e nunca mais afrouxa, teve ele certamente o maior quinhão nas nossas temeridades; mas também, pelo tempo adiante, soube sempre, nos dias mais calamitosos da nossa retirada, enfrentar todas as necessidades de momento com a sua atividade, sua poderosa iniciativa e a sua alta penetração: grandes dotes de mais a mais realçados pela amenidade e lhanza de caráter.

.....

Capítulo IX

ORDEM DE MARCHA E DISPOSIÇÃO DO CORPO
EXPEDICIONÁRIO. – O MASCATE ITALIANO. –
O COMANDANTE GONÇALVES. – SURPRESA E TOMADA
DO ACAMPAMENTO PARAGUAIO DA LAGUNA.

O CORONEL CAMISÃO acabava de decidir que marcharíamos sobre a Laguna. Levantamos acampamento a 30 de abril, para ir fazer alto nas margens do Apami, que corre a uma légua de distância do forte de Bela Vista. Os soldados pareciam ressentir-se da insuficiência das rações: a marcha era silenciosa e com anuviada tristeza. Para animá-la, deu-se ordem que as cornetas de todos os corpos tocassem alternadamente, e a nossa gente gostou disso; era uma espécie de provocação, um desafio aos paraguaios que, sempre de longe, acompanhavam a coluna.

Os nossos diferentes corpos avançavam em quatro divisões distintas, formadas para prevenir investidas da cavalaria, que devíamos com efeito esperar. Numa reunião de comandantes, anterior à nossa ocupação de Bela Vista, o coronel fizera aprovar uma ordem de marcha apropriada à feição do terreno e da guerra. Na mesma ocasião propusera duas disposições de defensiva para duas hipóteses, conforme a planície fosse nua ou coberta de capões de mato: combinações de grande simplicidades, que na prática nos prestaram depois grandes serviços, prevenindo qualquer confusão no começo dos combates. Se é certo que as cargas da cavalaria inimiga foram

geralmente frouxas e pouco persistentes, há motivo para pensar também que não tinham só por fim avaliar a nossa resistência, e que um primeiro momento de hesitação poderia em todo o caso ser decisivo e acarretar o nosso completo desbarato.

No caso pois de haver perto algum bosque, alguma mouta ou algum riacho, a ordem era convergir para esse apoio natural, encostar nele as carretas de munições e de feridos com as bagagens, e cobrir-lhes a frente com uma curva formada pelas quatro divisões da coluna, cada uma delas com a sua peça de artilharia.

Em campo raso e desabrigado, estes corpos, sempre alternados com os nossos canhões, deviam formar quadrado em volta do nosso material. Em qualquer caso, deviam ser avisados os comandantes, pelos ajudantes-de-campo ou por mensageiros, da formatura adotada para a ocasião.

1º de maio. – Depois de uma noite tranquila, a marcha recomeçou e continuou sem acidentes até a estância da Laguna, o lugar designado pelos nossos refugiados do Paraguai. Só restava ali então uma palhoça que o inimigo, ao retirar-se, deixara de queimar. Ao chegarmos, vimos um dos nossos soldados vir ao nosso encontro, trazendo na mão um papel que encontrara pregado com um espinho no espique de uma macaubeira; era a variante da primeira ameaça em verso dirigida ao comandante: “Desventurado general que aqui vem procurar seu túmulo, porque o leão do Paraguai rugirá, altivo e sedento de sangue, contra o invasor.”

Esta chapada, dominando vasta extensão de terreno, convidava o coronel a acampar; mas ainda uma vez os refugiados fizeram vingar seu parecer, que era irmos sem demora até ao próprio centro do estabelecimento, onde mais facilmente o gado podia ser reunidos e cercado. Resolveu-se consequentemente continuar a marcha, e fomos, mas sem que daí colhêssemos o prometido fruto, acampar para lá meia légua, num terreno de margem salitrosa, de forma triangular, entre dous riachos que se juntam antes de despejar-se no Apami, e onde o gado por causa da natureza salina do solo costuma reunir-se na estação das grandes chuvas. Chama-se o lugar – Invernada da Laguna.

O primeiro lançar d’olhos mostrou-nos que acolá, como alhures, o inimigo nos disputava sobretudo os víveres; postando as nossas guardas avançadas, pudemos avistar a certa distância um acampamento inimi-

go, que reunira grande boiada e cavallhada que ele começava a internar, enquanto as suas sentinelas espreitavam o movimento dos nossos. Que podíamos fazer sem cavalaria?

Os dias 2 e 3 foram entretanto ocupados em várias tentativas para obter algum gado ou pelo menos surpreender sentinelas, de quem pudéssemos tomar informações acerca do estado interior da República: nada conseguimos. A grande manada que tínhamos avistado, essa sumirase. Fizemos ainda algumas excursões à cata de reses estramalhadas pelos campos; também falhou esse minguaado recurso. Só o 21º. Batalhão, no dia da chegada, tivera a fortuna de apanhar umas 50 cabeças, apesar dos cavaleiros inimigos que nada pouparam para lhas tomar. Nenhuma outra batida deu resultado, não obstante saírem para isso todos os corpos, uns após outros.

O que lucrámos com esse penoso serviço foi que, levando sempre vantagem os nossos nos encontros parciais que se deram, a sua educação militar no fogo se completou sem grandes sacrifícios; cedo ganharam confiança em si mesmos e nos seus chefes.

A 4, chegou ao acampamento um mascate italiano, Miguel Arcanjo Saraco, que viera de Nioac seguindo-nos as pegadas com duas carretas de mantimentos, recurso mais que insuficiente. Passara o Apa e atravessara as últimas três léguas e meia, em companhia de um só camarada que o ajudava a conduzir as carretas. Durante todo o trajeto foi imenso o seu terror; mas a índole de comediante dera-lhe forças. Por uma fantasia calculada para ter coragem, cercara-se, dizia ele, de batalhões imaginários, aos quais, de espaço em espaço, dava ordens em voz alta, simulando ao longe manobras. Contava, entre outras cenas deste gênero, que ao passar o Apami, às 10 horas da noite, e noite escura, mandara com a toda a força de seus pulmões cruzar baionetas, diante de uma mouta que o assustara.

No meio da alegria de chegar e das suas variadas emoções, não esqueceu a notícia certa, dizia-nos, da aproximação de uma longa fila de comboios, que vinham atrás dele, e rodavam na estrada de Nioac ao Apa, apesar de todos os perigos de uma linha de quase 30 léguas a percorrer completamente desprotegida.

Esta diversão cômica pode ser desculpada, no momento de passarmos a cenas daqui em diante sempre dolorosas. Aquela mesma noite

tinha de oferecer-nos um motivo sério de inquietação; deu-se pela ausência dum soldado do batalhão de voluntários. Este miserável, vicioso por indolente e quase idiota, tendo roubado a um dos seus camaradas, escapara ao castigo desertando, era de rezear que desse ao comandante paraguaio informações infelizmente muito exatas sobre a nossa falta de víveres e sobre a necessidade em que já nos víamos de bater em retirada.

De fato o coronel tivera de dar ordens que faziam pesar nesta necessidade. Não sabemos se realmente a si próprio a dissimulava, como tentava fazê-lo aos outros, qualificando o movimento retrógrado de contramarcha sobre a fronteira do Apa para ocupar ali uma posição forte antes de internar-se pela República; mas ninguém se iludiu: era a retirada.

Quis pelo menos compensá-la com um feito d'armas brilhante, pois empenhava-se em mostrar aos inimigos da pátria, que não recuávamos forçados pela superioridade dos nossos adversários. Certo das excelentes disposições da sua gente, resolveu tomar de assalto o acampamento paraguaio, e designou para isso o 21º. Batalhão de linha e o corpo desmontado de caçadores. Estava marcada para a ação a manhã do dia 5, mas só se efetuou um pouco mais tarde.

Motivou essa demora o ter-se desencadeado uma tremenda borrasca naquela mesma noite, às 9 horas. Torrentes de chuva transformaram logo o solo em pântano lamacento. Estes fenômenos terríveis não são raros no Paraguai, mas igual ainda não víamos. Os fuzis que se cruzavam no espaço, o raio que caía por todos os lados, o furioso vendaval que arrancava tendas e barracas, impunham um caos, a cujo horror se misturavam a espaços os tiros dados pelas nossas sentinelas contra inimigos diabólicos, que ainda então não cessavam de nos perseguir: noite interminável em que tudo era para nós imagem de destruição. À mercê de todas as cóleras da natureza, sem abrigo nem refúgio, os soldados seminus, escorrendo água, mergulhados até à cintura em torrentes tão rápidas que os podiam carregar, tinham ainda a preocupação de não deixar molhar os cartuchos; a manhã encontrou-nos nessa posição.

No dia seguinte entretanto, antes de clarear, e apesar de se ter repetido a tormenta na véspera à noite, os dous corpos designados puseram-se em movimento.

O comandante do 21º. era um major em comissão chamado José Tomás Gonçalves, homem resoluto e atirado, popular além disso, não só pelo seu mérito como pela estima que facilmente desperta uma fisionomia franca e simpática. Vê-lo-emos à testa da nossa expedição, depois da morte do coronel Camisão, e conduzindo-a ao termo desejado. O capitão do corpo de caçadores, capitão Pedro José Rufino, tinha grande fama de bravura e de atividade. Se alguma cousa havia que recear, era o excesso de ardor de ambos, capaz de comprometer a empresa e deitar assim a perder toda a coluna. Foi pelo contrário a reunião destas qualidades que facilitou o bom êxito de uma combinação, a que o comandante com razão ligava tanto apreço.

Não se sabia que força inimiga iam encontrar. O Paraguai fornece ainda menos espíões do que guias, e não pudéramos fazer reconhecimentos, por falta de cavalaria. Nada víramos nem ouvíramos, ruído, pó ou fumo, que nos desse idéia de que o inimigo recebera reforços; mas conhecíamos a sua habilidade em disfarçar movimentos consideráveis de tropas. Por isso ordenou o coronel que os oficiais, que comandavam o ataque, não investissem antes do corpo de voluntários estar em distância de os sustentar. À hora designada, destacou este corpo com uma das peças do nosso parque na direção do acampamento inimigo.

Depois de longas voltas e tendo atravessado quase uma légua de brejo, a força do comandante Gonçalves chegou até junto da posição dos paraguaios, no maior silêncio e ainda noite, uma hora antes do nascer do sol. Pôde reconhecer que a bateria inimiga fora postada para defender a passagem do fosso. Gonçalves, que na posição que ocupava, devia desde que o sol se levantasse sofrer o fogo do inimigo, compreendeu que não havia um instante a perder e mandou correr de baioneta calada sobre os canhões – resolução muito favorecida pela negligência do inimigo. Efetivamente, de toda a cavalaria acumulada por trás do entrincheiramento, não havia uma só guarda fora, para proteger as peças.

A nossa infantaria, a passo de corrida, chegou até junto delas sem dar tempo aos animais para no-las arrancar das mãos. A entrada do acampamento, mal defendida contra o ímpeto desta surpresa, foi forçada em um momento, com o concurso dos caçadores do capitão José Rufino, que interveio na ação. Entraram todos como uma torrente no reduto, im-

pelindo e derribando quanto encontravam na sua frente; naquele espaço estreito, oficiais e soldados, homens e cavalos não faziam senão embarçar-se uns aos outros, procurando menos defender-se do que achar saída para o campo. Os que não ficaram mortos ou feridos escaparam fugindo.

Estas boas notícias trazidas por um próprio, acharam-nos no alto de uma colina que domina a planície, e para a qual se dirigira o comandante com seu estado-maior para fazer entrar em fogo toda a sua gente, se fosse mister. À luz de um esplêndido amanhecer, avistávamos daí os nossos soldados a correrem pelo campo para o lugar do combate, e mais longe os índios terenas e guaicurus que, depois de nos haverem auxiliado valorosamente na luta, carregavam agora aos ombros os despojos que tomaram aos paraguaios.

Os comandantes, depois de terem dado algum respiro aos soldados, não recebendo ordem de ocupar a posição e vendo além disso que o coronel informado da vitória não saía da eminência em que se conservara, pensaram que nada lhes restava senão evacuar o reduto que acabavam de tomar. Começavam a mover-se para vir ter conosco, quando os paraguaios, rápidos como cossacos, trouxeram a toda a brida sua artilharia sustentada então por um grande troço de cavalaria e romperam fogo sobre nós; de um lado, alinhando em tempo toda a nossa bateria fizemos calar a deles depois de algumas descargas.

As poucas vítimas que tivemos de lamentar, as perdas consideráveis do inimigo, a sua inferioridade na peleja, demonstrada pelo próprio fato, tinham restituído calma ao espírito do coronel, e levaram-no a uma apreciação mais justa das circunstâncias e das cousas. “Estes selvagens”, dizia, “que assassinaram tanta gente e assolaram toda a região quando estava indefesa, não dirão mais que os tememos; ficam sabendo que podemos fazê-los pagar dentro do seu próprio território todo o mal que nos fizeram. Vamos esperar na fronteira alguma probabilidade de abastecermos-nos e gozar de algum repouso, que me não poderão exprobrar.”

.....

Capítulo X

VOLTA SOBRE O APAMI. – ESCARAMUÇA E
COMBATES COM A CAVALARIA PARAGUAIA QUE
CERCA POR TODOS OS LADOS O CORPO DE EXÉRCITO.

IAMOS iniciar a retirada. O inimigo sabia que os movimentos da nossa coluna, quaisquer que fossem, obedeciam a outros motivos que não a sua superioridade militar. O combate que nos fizera senhores do seu acampamento abatera-lhes a arrogância, e ao mesmo tempo a confiança da nossa gente elevara-se à altura das provações que o futuro nos reservara, assim cômodas que já experimentara.

Bastava a vantagem ganha sobre os paraguaios para fazer com que os soldados aceitassem sem murmuração a realidade da nossa situação e para impedi-los de refletir na imprevidência que a ela nos conduzira. Fácil sem dúvida era encontrar escusa para a falta de víveres, pois as notícias dadas pelos refugiados podiam iludir-nos quanto aos recursos da localidade: a insuficiência de munições porém desde o início da campanha, era em todo caso uma falta sem justificação possível, porquanto tudo devera ter sido previamente calculado pelos depositários da autoridade e ainda pelos que têm o entusiasmo, a paixão da glória e o amor da pátria.

Quando amanheceu o dia seguinte 8 (era um dia dos mais serenos), estávamos já em ordem de marcha, mulas carregadas, bois de carro nas cangas, e o gado que restava apoiado no flanco dos batalhões de modo a acompanhar todos os movimentos da coluna.

Às 7 horas da manhã, o corpo de caçadores desmontados, que estava de dia na vanguarda, rompeu a marcha, indo atrás dele as bagagens e as carretas que deram bastante trabalho na travessia dum riacho que as chuvas dos dias antecedentes tinham avolumado. Tendo caído n'água uma das peças, só pôde ser tirada à custa de muito tempo e fadiga. Por essa ocasião, os rompantes de ansiedade desensofrida do coronel Camisão estiveram a ponto de reproduzir-se, mas ele conseguiu moderá-los; e desde então, não vimos mais sinal das suas antigas agitações, mas só uma solicitude que nunca afrouxou a bem da salvação comum.

Avançávamos em boa ordem, quando se ouviu de repente uma viva descarga de fuzilaria; era a vanguarda que, ao costear um capão de mato, fora atacada por infantaria inimiga ali emboscada. Tendo vindo cair algumas balas, por cima das fileiras, num grupo de mulheres que marchavam tranquilamente ao lado dos soldados, levanta-se ali tamanha explosão de clamores que não podíamos saber o que ocorrera. Pouco durou este medonho tumulto; os nossos, atirando-se resolutamente sobre o inimigo, desalojaram-no e o foram repelindo até à primeira encosta da chapada, em que estava a estância da Laguna. Neste ponto entretanto, os paraguaios formaram-se de novo, mantiveram-se ali algum tempo, depois aproximaram-se de seus cavalos a passo, e afinal, enquanto uns, já montados, partiam a toda a brida, outros simulavam resistir para proteger os camaradas que fugiam a pé em completo destroço. Em seguida a toda esta aparente desordem, com que buscavam separar-nos uns dos outros, vimo-los pouco a pouco parar com mais freqüência, em maior número, à proporção que lhes chegavam reforços; ao mesmo tempo o nosso corpo de caçadores mandado após eles distanciava-se cada vez mais: as descargas de fuzilaria tomaram então intensidade nova.

O capitão José Rufino que, à frente do batalhão de caçadores, passara o riacho depois da bagagem e se achava mais perto da vanguarda, pois que ainda a grande distância, reconheceu imediatamente a situação. Depois de despachar um oficial para pedir socorro, deu ordem de avançar,

e arrojou-se em pessoa, sem atentar a quem o seguia, no mais duro da refrega. Chegou exatamente momento em que os paraguaios, depois de todas as suas evoluções de cavalaria, simulando fugas, ganhando novamente terreno, tornaram todos em massa e carregaram com fúria sobre o nosso destacamento. O nossos soldados ficaram a princípio surpreendidos e um tanto perturbados; mas logo, à voz de Rufino, formaram quadrados em volta dos seus oficiais, como acabava de ser-lhes ordenado, e desses grupos, fora dos quais na havia senão morrer miseravelmente debaixo do sabre ou da lança, partiam descargas acompanhadas de estrondosas aclamações. Afinal, cerrando as fileiras, recommçaram a marcha, no meio daquele turbilhão de homens e cavalos, para apoiar-se nos capões de mato que aqui e acolá havia no campo: luta encarniçada em que houve de parte a parte muitos mortos e feridos.

Antônio da Cunha, imediato do corpo de caçadores, só ficou com vida graças à dedicação de um dos seus soldados. Deu-se em outro ponto um episódio que foi muitas vezes contado depois. O capitão Costa Pereira parecia ser o alvo predileto dos ataques de um possante cavaleiro; quis acabar com isso, e abrindo passagem saltou fora do quadrado, animado de tamanho ardor que o adversário intimidado deu de rédea fugindo, com grande aplauso dos nossos.

Entrementes o reforço pedido por José Rufino chegara correndo exatamente quando ia faltar cartuchame. A primeira companhia que entrou em linha trazia um canhão, e uma das suas granadas foi estourar no grupo mais espesso de atacantes. Esta arma trazida de improviso à ação produziu o efeito costumado; espalhou logo a desordem em todo o destacamento já abalado com o aparecimento dos reforços, e toda a cavalaria paraguaia desapareceu, deixando em nosso poder este segundo acampamento inimigo. Custou-nos a refrega 14 mortos e muitos feridos.

Não é lícito esquecer entre estes últimos um jovem soldado, por nome Laurindo Ferreira, que, cercado por quatro inimigos e tendo apenas por defesa a sua espingarda, golpeado a sabre, com a mão esquerda ferida, o braço direito retalhado profundamente em muitos pontos e o ombro quase arrancado por uma lança, não se rendeu. Só muito depois ficou bom de tantos ferimentos: a sua firmeza na ambulância não foi inferior à bravura que mostrara diante do inimigo.

O pessoal do nosso corpo de saúde havia sido muito perseguido pelas febres paludosas de Miranda; tinham-se retirado muitos dos seus membros, e demais, as nossas caixas de cirurgia e de farmácia ou se tinham perdido ou estavam deterioradas pelos acidentes da viagem.

Os nossos feridos puderam todavia receber todos os socorros de que careciam, graças aos esforços de engenhosa humanidade de que foram alvo. O comandante desvelava-se neste serviço, e tínhamos tido a felicidade de conservar dous hábeis práticos, os drs. Quintana e Gesteira. Pertencia este último aos corpos que entraram no combate de 6, e ali debaixo de fogo já dera provas de dedicação e sangue-frio, como verdadeiro discípulo do grande Larrey.

Os cadáveres paraguaios que os seus companheiros não levaram arrastados a laço, encontramos-los todos horrivelmente mutilados. O coronel exprobrou violentamente aos índios semelhante profanação, ameaçando-os até de morte, se daí em diante não respeitassem os cadáveres; tal foi a sua indignação, tal o temor que inspirou aos selvagens, que ficamos livres desse espetáculo até ao fim da campanha, quando já ele não existia. Pregando com o exemplo, mandou enterrar sem exceção todos os corpos achados no campo de batalha, com o zelo de escrupulosa piedade que era do seu natural; consagraram-se duas horas este triste mister, que confiou à terra inimiga os nossos infelizes compatriotas.

Que emoção ao vê-los assim desaparecer, e qual não foi a dor de um dos nossos oficiais que teve de pôr com suas próprias mãos na cova seu jovem irmão Bueno, voluntário de S. Paulo!

Logo que foi cumprido este dever, pusemo-nos outra vez a caminho, agora na ordem de marcha recentemente adotada. Dera-se uma peça de artilharia ao corpo de caçadores, que ainda formava a vanguarda, o batalhão 17º dos voluntários de Minas compunha na retaguarda, também com uma peça; no centro, os batalhões 20º e 21º, cada um com sua peça, escoltavam à direita e à esquerda a bagagem flanqueada por duas filas de carretas puxadas por bois. O conjunto desta massa movediça assemelhava-se a um grande quadrado, que em cada face tinha outro menor diante de si: disposição judiciosa para proteger-nos das cargas de cavalaria, por isso que as quatro frentes podiam ser varridas pelos fogos cruzados da nossa

infantaria; para maior segurança finalmente, linha de caçadores circulavam todo o corpo de exército.

Desde esse primeiro dia se viu quanta vantagem havia em semelhante formatura, pois a cavalaria inimiga cercava-nos por todos os lados, na frente, nos flancos, atrás, ora longe, ora quase junto de nós. Os nossos soldados, sem interromper a marcha, afastavam-na com descargas freqüentes e de efeito tanto mais seguro, quanto mais se aproximavam os paraguaios. Algumas as suas balas passavam também pelas nossas fileiras, mas sem grande efeito pela incerteza de quem atira a galope. Por sua vez as balas de artilharia vieram também.

Atravessávamos então a parte baixa e lodosa duma planície toda cortada de estreitas esplanadas que seguem paralelas umas às outras, e uma peça paraguaia de calibre 3, sucessivamente postada nesses pontos, fazia-nos fogo; mas, ou porque a sorte ao menos nisso nos fosse propícia, ou pela inexperiência dos artilheiros inimigos, o certo é que os projetis iam enterrar-se na lama que nos cercava, ou quando muito, os menos inofensivos, caíam no meio do gado com mais tumulto que dano. Os nossos, a princípio vivamente impressionados, passaram logo depois a rir-se, e as próprias mulheres acharam assunto de gracejo, comparando essas balas, que faziam espadanar a água, aos limões de cheiro no antigo entrudo brasileiro. Demais, respondíamos também à palavra de bronze; era uma expressão da linguagem imaginosa do velho Lopes, e que ele certamente não copiou, como pudera parecer, do vocabulário da África francesa, onde figura muitas vezes também.

Ainda nesse dia a nossa artilharia não desmentiu a sua superioridade. As nossas peças La Hitte raiadas, de calibre 4, estavam bem assentes, perfeitamente sólidas, e eram manobradas com a maior regularidade pela nossa gente, que nisso se exercitara desde o Taboco; tínhamos alguns homens de excelente pontaria. É mister acrescentar que os nossos oficiais dessa arma, tão peritos quanto valentes, rivalizavam entre si. João Tomás de Cantuária, Marques da Cruz, Napoleão Freire e Nobre de Gusmão aplicavam-se à manobra com a mais cordial emulação. Os soldados interessavam-se nessa porfia e animavam-se com ardor novo a cada tiro do seu artilheiro predileto.

Caminhamos assim todo o dia, com grande estrépito, por entre aclamações dos nossos, gritos agudos e ferozes do inimigo, mugidos do gado, explosões da pólvora, desordem dos homens e das cousas, um caos de fumaça e pó. O sol descambava, quando avistamos claramente o cerro da Margarida, o mesmo que já víramos de outro ponto, do fortim de Bela Vista: sinal de reconhecimento, desta vez luziu aos nossos olhos como um raio de esperança. Havíamos andado duas léguas e meia debaixo de um fogo contínuo e fatigante, se bem que pouco mortífero.

A mata da margem do Apami havia sido designada para nosso acampamento da noite: estávamos próximos, mas a bateria paraguaia de campanha passara-nos adiante pela esquerda, havia muito, e achava-se postada na frente da nossa vanguarda; as balas enfiavam a margem, onde íamos ficar encurralados, porque a ponte outrora ali existente acabava de ser destruída.

Era tempo de começarem a agir as nossas quatro peças, a custo arrastadas até ao alto da eminência oposta à do inimigo. Não tardou que fizessem calar o fogo dos paraguaios cuja peça de 3 foi desmontada.

Este combate, com que se fechou o dia, não durou menos de uma hora. Poucos homens perdemos: um morto e alguns feridos; podíamos portanto considerar como uma vantagem a prova que nos deu de sua firmeza o batalhão nº 20 que estava de serviço junto à bateria. Desta feita o fogo paraguaio parecia mais bem dirigido do que anteriormente; mas os nossos soldados não arredaram pé. Eram entretanto simples recrutas valetudinários de Goiás, verdade é que comandados por um valente oficial do exército, o capitão Ferreira de Paiva. Ficou-se sabendo o que devíamos esperar da coragem e da abnegação de todos para ao resto da retirada.

Neste ínterim, os engenheiros restabeleciam a ponte, trabalho que foi feito com rapidez; o comandante, sob cujas vistas tudo se executara, louvou-os por isso e foi o primeiro a passar. Seguiu sem obstáculo o resto da coluna e veio acampar na margem direita do Apami; mas já piquetes de cavalaria paraguaia, que tinham atravessado o rio mais abaixo, já estavam de observação adiante de nós.

Caíra a noite de profunda escuridão. Estávamos todos exaustos de fadiga, com a vista turva e o espírito abalado por tantas impressões

diversas, cujas imagens acabavam por confundir-se. Ninguém armou tenda ou barraca. Dormíamos em grupos formados quase ao acaso, de três, quatro ou mais, aconchegados uns aos outros, cobertos em comum com capotes, ponchos, mantas, com quanto encontráramos; cada qual tinha ao alcance da mão a espingarda, o revólver ou o sabre, com o chapéu puxado para cima dos olhos para resguardar-se do orvalho, tão abundante que tudo molhava.

.....

Capítulo XI

REBATE FALSO. – DERRADEIRAS ILUSÕES. –
O TENENTE VÍTOR BATISTA. – PASSAGEM DO APA. –
ENTRADA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO.

ALGUMAS horas mais tarde, pelo meio da noite, ouviu-se um medonho fragor dominado por um só grito: “Cavalaria paraguaia.” As sentinelas avançadas fizeram fogo.

O acampamento tornara-se teatro de geral confusão: tiros de espingarda rasgavam as trevas, deixando ver formas fantásticas, já de homens armados de revólver ou sabre, já de animais (e estes ainda mais perigosos) que procuravam saída por todos os lados na excitação furiosa, enquanto os seus guardas, impotentes para contê-los, pejavam o ar de imprecações.

Louco pavor se apoderara do gado. Desde que ficou averiguada a causa do pânico, puseram-se todos a rir; a vida da guerra está cheia dos contrastes mais inesperados.

O extremo frescor das noites de inverno na América do Sul, ainda entre os trópicos, obrigou-nos logo a voltar para as nossas camas improvisadas, onde a necessidade do sono reassumiu todos os seus direitos durante as horas que ainda decorreram até ao nascer do sol.

Ao primeiro albor da aurora, recomeçamos a marcha, expostos ao fogo das peças do inimigo, mas sem parar para responder-lhes: os nossos atiradores iam levando de vencida o que encontravam diante de si e não perdiam tiro. Alguns cavaleiros inimigos tinham caído desde as primeiras descargas de fuzilaria, e seus corpos ficavam estendidos, abandonados na estrada, porque os companheiros não haviam tido tempo de os carregar. Tendo-se reconhecido num destes cadáveres o desertor brasileiro que fugira de Nioac muito antes da guerra, não foi possível subtrair os restos deste miserável apesar de todo o esforço dos oficiais, ao furor dos soldados que, uns após outros, ao passarem, desfêchavam-lhe golpes de sabre ou de baioneta.

Encaminhá-vamo-nos para as ruínas de Bela Vista; em nossa frente abria-se largo vale, quase plano, tendo à direita uma linha de montículos de suave declive. O inimigo poderia ter-se aproveitado contra nós desta disposição do terreno, mas chegamos a tempo de utilizá-la ocupando a primeira dessas elevações; dali nosso fogo manteve em distância os paraguaios, enquanto marchávamos e as nossas peças iam ocupar sucessivamente os pontos que melhor nos podiam proteger. Esta manobra, pela precisão com que foi repetida várias vezes, levou-nos sãos e salvos até à última eminência que está a cavaleiro do Apa e da posição de Bela Vista; ali nos estabelecemos nessa manhã de 9.

Achávamo-nos ainda na fronteira do Paraguai, mas doía-nos muito deixá-la; tínhamo-la transposto tão recentemente na crença de que fazíamos uma diversão importante, senão indispensável à causa da pátria! Sentíamos quase vergonha de ver tão cedo esvaídas as nossas esperanças de glória, escapava-nos a presa, e não queríamos ainda confessar que houvesse necessidade absoluta de largá-la de mão. Deveremos ver sempre nos nossos sonhos aquela esplêndida região aberta diante de nós sob tão formoso céu, e donde nos vamos retirar exatamente quando se demonstrou a superioridade de nossas armas? Faltam-nos as munições, é verdade; mas não poderão vir a qualquer momento? Não as pedimos há tanto tempo para Nioac? Se chegasse alguma, dizia um oficial aos seus camaradas, o coronel, que ainda não se pôde resolver a pronunciar a palavra – retirada –, ordenaria imediatamente que contássemos contra o inimigo. Eis os pensamentos vãos em que nos perdíamos, sem lhes ligar maior importância.

Um homem porém ouvia com avidez estas conversas, era o nosso infeliz guia. Pensativo, sombrio e sem ter dirigido uma única palavra a pessoa alguma, depois que retrocedíamos, andava absorto na contemplação dos sofrimentos de sua família, escravizada, exposta à tortura, martirizada talvez, mulher, filhos, parente e amigos.

Parecia-lhe que a marcha para a frente fora um compromisso que, uma vez tomado em nome do patriotismo e da humanidade, era definitivo, embora a todos nos custasse a vida! Agora que se falava em voltar e penetrar de novo no Paraguai, tornara-se todo entusiasmo e expansão; do comandante que se mantinha calado ia para os oficiais, e destes para os soldados, afirmando que se incumbiria de abastecer o corpo de exército. Confiassem na sua experiência, e nos conduziria por caminho só dele conhecido a um lugar seguro, onde o esperaríamos. Enganavam-se os que tinham por completamente exaurida a sua estância; possuía reservas, sacrificaria tudo... Ele já tudo sacrificara. Admirávamos a sua grande alma; mas evidentemente iludia-se, e as suas exagerações destruindo-se por si mesmas contribuía para abrir-nos os olhos à verdade.

Se ainda pudesse subsistir alguma dúvida sobre a absoluta impotência em que nos achávamos para tentar alguma coisa, ela ficaria demonstrada pelas notícias que nos trouxe então um dos nossos oficiais, Vítor Batista, que vinha da colônia de Miranda com uma escolta de doze praças. Ele não encontrara paraguaios, mas quanto ao objeto da nossa principal, senão única preocupação, informou-nos que de Nioac nenhuma remessa de munições se fizera. Havia chegado até à Machorra, é certo, várias carretas de mercadorias; algumas estavam ainda paradas à nossa espera, mas as outras, e era o maior número, tendo tido notícia dos nossos combates com o inimigo, retrocederam acreditando que nunca mais nos tornariam a ver.

A Machorra, como ficou dito, está situada a 10 quilômetros de Bela Vista, em território brasileiro, e podíamos supor que o inimigo muito preocupado conosco não tivesse ido até lá. Sustar a nossa marcha para retardar a deles, ficar aquém do Apa e mandar que os negociantes quanto antes tornassem para Nioac – tais foram, ao que parece, as idéias do coronel. Deixou-se ele dominar apaixonadamente por este plano, pois considerava desonra ver cair tão rica presa nas mãos dos inimigos, que indo sempre na frente encontrá-la-iam antes de nós e com certeza fariam dela um troféu.

Deu ordem consequentemente aos diferentes corpos que não levantassem acampamento senão a 11, isto é, dous dias depois.

Debalde vários oficiais foram logo ponderar-lhe que para executar a retirada já comprometida pela ameaça da fome, era urgente transpor o Apa antes que os inimigos pudessem impedir-nos a passagem, a não ser com sacrifícios de toda espécie e sobretudo com a demora que infalivelmente nos deitaria a perder. O coronel não discutia mais; limitou-se a alegar que interessava à dignidade do corpo de exército mostrar que a retirada se fazia sem precipitação e sem medo.

Restava-lhe mandar a Machorra a ordem para que os negociantes voltassem para Nioac; nisto sobretudo foi visível a sua funesta obstinação no que resolvera. Tendo mandado vir à sua presença o tenente Vítor Batista, o portador de notícias perguntou-lhe qual seria o melhor meio de pôr-se em comunicação com o comboio, e quem poderia incumbir-se disso; e, como o valente oficial não hesitasse em propor-se para o desempenho da comissão, ele aceitou o oferecimento sem atender às observações que lhe fizeram sobre a inconveniência de arriscar por essa forma um oficial tão dedicado e cuja perda podia trazer o desânimo ao corpo de exército. Foi inabalável, respondendo a tudo que o filho de Lopes serviria de guia, por atalhos que ele conhecia e por onde a cavalaria não podia passar.

Executou-se a ordem. Dous dos nossos refugiados do Paraguai, os irmãos Hipólito e Manuel Ferreira, arrastados pela confiança que tinham no filho de Lopes, reuniram-se ao tenente Vítor. Partiram todos quatro, deixando-nos na mais viva ansiedade.

Mal decorrerá meia hora, ouvimos distintamente tiros de espingarda. Estremecemos: tínhamos os olhos pregados no ponto por onde os nossos haviam desaparecido. Afinal, vimos o filho de Lopes sair sozinho da mata, a correr para nós seminu, todo lavado em sangue. Quando cobrou alento, referiu-nos o que se dera: os paraguaios cercaram-nos, o tenente Vítor e os dous irmãos Ferreira foram trucidados, e ele só escapara graças a um matagal de espinhos ao qual se atirara, e donde por milagre conseguira ganhar o rio.

Este desastre a todos consternou; que não teria sofrido o desventurado coronel, com o seu caráter tão acessível às angústias do arrependimento e do remorso! Sofreu todavia a sua emoção, não disse palavra e

ordenou imediatamente aos engenheiros que construíssem uma ponte no Apa para a passagem das tropas.

Quanto se pôde fazer, faltando materiais e instrumentos, foi uma pinguela assaz vacilante e mui pouco segura; mas por felicidade, as águas tinham baixado sensivelmente e podia-se transpor o rio a vau.

Principiou a passagem da coluna às 6 horas da manhã seguinte; foi lenta e difícil. Os soldados atravessavam levantando as armas e as bagagens acima das cabeças, e lutando com a grande correnteza. Os doentes, os oficiais, os músicos, as mulheres serviram-se da pinguela.

Se caso os inimigos tivessem tido a idéia de postar a sua artilharia numa chapada que nos ficava a cavaleiro, ou simplesmente de espalhar atiradores pelas circunvizinhanças, ter-nos-iam feito pagar caro a invasão de seu território, no momento em que dele saíamos. Felizmente adotaram outra combinação: separaram-se em dous grupos, um dos quais esperavamos na frente, enquanto o outro se dispunha a cair sobre nossa retaguarda quando a visse cortada do corpo de exército pelo rio. Não lhes aproveitou este plano, porque reteve-os a distância respeitosa o fogo nutrido e bem dirigido de uma das nossas peças que, da esplanada onde estava o acampamento, varria todos os arredores.

Depois dos batalhões do centro e de seus canhões, passou o gado sob a direção de dez ou doze homens comandados pelo capitão da Guarda Nacional Silva Albuquerque. A nossa vanguarda, com as peças que protegeram a passagem, transpôs o rio por sua vez, sob a proteção de uma bateria que acabava de ser postada defronte da margem paraguaia.

Às 9 ½ horas, quando nos achamos todos no território brasileiro, foi cortada a pinguela por algumas peças que o tenente Catão reservara para esse trabalho, e o corpo de exército continuou a sua marcha, costeando a margem que o forte de Bela Vista, agora em ruína, outrora protegia. Tomou a vanguarda o batalhão de voluntários, comandado pelo tenente-coronel Enéias Galvão, e o 21º de infantaria, comandado pelo major José Tomás Gonçalves, formou a retaguarda; seguiam no centro, à direita o 20º comandado pelo capitão Ferreira de Paiva e à esquerda o corpo de caçadores ao comando do capitão José Rufino. Toda esta força cobria duas filas de carretas, no meio das quais iam as mulas carregando o resto de mantimentos e munições e alguma bagagem de oficiais; vinha depois o

corpo de mulheres, enfermos e convalescentes. Na cauda – o gado. As nossas últimas juntas de bois puxavam as peças: a de Marques da Cruz no ângulo esquerdo, a de Cantuária na extrema direita da retaguarda, e a de Napoleão Freire na extrema esquerda.

O comandante, com parte do seu estado-maior, ia na retaguarda do 20º. Batalhão e fora das linhas, sobrerrolando e despachando os oficiais e ajudantes-de-campo a cada momento e para todos os pontos a fim de regularizarem o movimento. Por duas vezes o chefe dos voluntários, na vanguarda, recebeu aviso de que por excesso de ardor seus atiradores se distanciavam demais da coluna, com grave perigo comum, como os sucessos vieram logo demonstrar.

Avançávamos, e nossos olhos se despediam de Bela Vista, último adeus e para sempre. Muitos dos que então nos acompanhavam já não existem hoje, e o que podem desejar os que restam é nunca mais voltar àquele teatro de tanta miséria. Já se não avistava uma peça de muro branco, último resto, em pé, do que fora a fortaleza dessa fronteira; viam-se apenas os topos da mata do Apa.

A planície era aberta por todos os lados e acessível ao olhar exceto num ponto adiante e próximo, que os nossos atiradores tinham reconhecido; uma espécie de escarpa ali escondia o que vimos ser uma depressão profunda do solo embaixo duma ladeira suave, que tornava a subir para a Machorra, cujo caminho seguíamos. O sol quase a pino; eram 11 horas.

.....

Capítulo XII

VIGOROSA INVESTIDA DO INIMIGO. –
É REPELIDA, MAS O GADO ESTRAMALHA-SE
COM O FRAGOR DO COMBATE.
– CENAS DO CAMPO DE BATALHA. – A PRETA ANA.
– O FERIDO PARAGUAIO. – VÃO FALTAR VÍVERES.

SUBITAMENTE, do fundo da escarpa que a estrada contornava, surgiu um corpo de infantaria paraguaia, que se lançou sobre a nossa linha de atiradores, rompeu-a, e caiu sobre o batalhão 17º a uns cem passos de distância. Enquanto este se aprestava para receber a investida, os nossos atiradores, tornando a si da surpresa que abrira passagem ao inimigo, tinham-se voltado e carregavam-no pela retaguarda, quando grupos numerosos de cavaleiros surgiram, a galope, derribando e acutilando quanto encontravam.

Foi uma tremenda refrega; batíamos-nos corpo a corpo, de forma que o nosso batalhão de voluntários de Minas a princípio hesitou em fazer fogo, porque a descarga atingiria amigos e inimigos; afinal fê-la e juncou o chão de mortos e feridos, mas pelo menos obrigou os paraguaios a recuarem e fugirem. Foram formar-se de novo a alguma distância dali.

Devíamos esperar um ataque geral. Todos os corpos formaram quadrados; os canhões, postados nos ângulos, começaram um fogo vivo

e nutridíssimo, cujos projéteis iam ter à grota onde o grosso do inimigo estava alojado.

Novo pânico do nosso gado, desta vez de consequências mais graves, veio então comprometer nossa situação, na hora e para o resto da retirada. As reses apavoradas com o estrondo do canhoneio (era o mais forte que tinham ouvido), tiveram a vertigem do terror, abrindo passagem através dos guardas e dos soldados, precipitaram-se sobre as fileiras, sobretudo na retaguarda, mais próxima do parque, e produziram a princípio uma desordem que foi notada pelo comandante inimigo e lhe sugeriu sem dúvida a idéia da manobra que imediatamente se executou.

Toda a sua cavalaria, dividida em duas colunas profundas, arrojou-se sobre nós, vindo passar rente com as faces laterais dos quadrados e convergindo sobre a retaguarda para a esmagar. Esta manobra poderia ter acarretado a nossa perda, mas burlou-se graças sobretudo à nossa infantaria que na posição em que estava teve o inimigo durante alguns minutos debaixo de seus fogos cruzados, e fez-lhe muitas baixas. Esses claros nas suas massas quebraram-lhe o ímpeto, e demais os feridos e os mortos embaraçavam-lhe o movimento.

A arma branca fez-lhe tanto dano como as balas e a metralha. Vimos cavaleiros espetarem-se nas nossas baionetas e ali morrerem a golpes de espada. O batalhão 21º Distinguiu-se nessa luta desesperada, que deu tempo à nossa retaguarda de consolidar-se contra o combate que a ameaçava.

A violência não foi tamanha como se esperara, porque os inimigos, supondo encontrar-nos meio abalados, mas sentindo pelo contrário a nossa coesão diante da vigorosa investida, deixaram de insistir nela e limitaram seu esforço a cercar a nossa boiada que corria apavorada pelo campo. Reuni-la, dominá-la, tocá-la para adiante, para esses campeiros, os primeiros do mundo, foi obra de um instante. Depois tudo desapareceu: a planície limpa e o combate acabado.¹³

13 Os paraguaios perderam 184 homens. É o número indicado numa grande cruz que o comandante Urbietta mandou ali erigir.

Os primeiros momentos foram dados ao regozijo da vitória, e as aclamações que espontaneamente romperam de toda a nossa linha abafavam o clangor das cornetas e das fanfarras.

Mas a esta cena de entusiasmo e de alegria sucedeu outra de consternação. O campo estava coberto de moribundos e feridos paraguaios: vários dos nossos soldados, embriagados com a pólvora e com o fogo, queriam acabar com eles de vez; os oficiais, tomados de horror, esforçavam-se debalde para arrancar-lhes das mãos aquelas vítimas, exprobrando-lhes a indignidade de tal carnificina. Felizmente os nossos índios guardavam a impressão das ameaças do coronel por causa da mutilação dos cadáveres, e abstiveram-se de tocar-lhes; mas por isso mesmo foram mais cruéis com os cavalos, dos quais não pouparam um só, quer dos estendidos no chão dando ainda sinais de vida, quer dos feridos levemente que, ajazados, se tinham posto a pastar. Via-se de mais a mais, como inevitável acompanhamento dessas cenas deploráveis, o saque desenfreado a se entregavam os mercadores que seguiam o exército; as mulheres também apanhavam o seu quinhão. Despiam, revistavam os corpos, e os despojos tintos de sangue passavam de mão em mão como mercadorias, muita vez disputadas com violência.

Os cadáveres paraguaios, objeto das primeiras espoliações, ficaram assim nus, estendidos ao sol. Notamos um, o de um rapaz de formas atléticas, que tinha a cabeça varada por uma bala, de uma têmpora a outra: os olhos incharam-lhe nas órbitas e apesar de todo o sangue que já correrá em abundância, ainda lhes caíam da fronte grossas bagas que pareciam lágrimas: emblema pungente da passagem exterminadora da guerra sobre a valente nação, que um chefe impiedoso sacrificava.

Que de idéias lúgubres desperta um campo de batalha, sobretudo naquelas imensas solidões, para onde o próprio gênio do mal parecia ter chamado e reunido penosamente alguns milhares de homens para se matarem uns aos outros, como se lhes faltasse terra para viverem em paz, do fruto de seu trabalho!

Deixavam os inimigos no campo mais de cem mortos, entre os quais achamos um capitão e outro oficial cujo posto, por falta de galões, se não reconheceu. É raro ver tantos cadáveres paraguaios num campo de batalha: os que escapam carregam quantos podem, e até alguns deles tomam

a precaução de atar ao seu corpo uma das pontas do laço que trazem sempre consigo, prendendo solidamente a outra ponta no aço da sela; desta forma, se caírem mortos ou gravemente feridos, o cavalo, acompanhando os outros na retirada, leva-o aos lares, ainda que em pedaços: precaução feroz, mas que tem tal ou qual grandeza.

Do nosso lado tivemos muitos mortos, todos do batalhão da vanguarda ou dos atiradores que o precediam; o tenente Palestrina, comandante destes últimos, foi lanceado no peito e veio disso a morrer alguns dias depois.

O tenente Raimundo Monteiro foi apanhado durante a ação, banhado em sangue; levaram-no em umas andas. Ao passar diante da sua companhia, bradou-lhe que vingasse a sua morte. Recebera ele oito lançados dos quais o primeiro o derribou, mas o pisar dos cavalos magoara-o mais do que tudo; todavia sarou e tivemos o prazer de ver depressa restabelecido aquele valente filho da província de Minas.

De diversos pontos foram trazidos muitos ferido brasileiros; os nossos médicos acomodaram-nos na ambulância provisória montada em carros de bois, apertados é verdade e acumulados, mas recebendo todos os socorros que ainda as circunstâncias permitiam.

A preta Ana, mulher de um soldado, prevenira os cuidados da administração militar nesta obra caridosa. Colocada durante o combate no meio do quadrado do 17º, ela se desvelara com todos os feridos, tirando ou rasgando das próprias roupas o que faltava para os curativos e ligaduras: proceder tanto mais digno de nota e de admiração, quanto foi miserável o da mor parte das suas companheiras, que quase todas se tinham escondido debaixo das carretas, onde disputavam lugar com tumulto medonho.

O único ferido do inimigo que se achou vivo tinha uma perna fraturada. O coronel quis vê-lo e, para o interrogar, mandou chamar o filho de Lopes que falava o espanhol paraguaio. Parecia sentir dores agudíssimas: pediu água e bebeu avidamente, mas a sombra com que o cobrimos rodeando-o, parece que lhe causou ainda maior prazer. Respondeu a algumas perguntas, dizendo que o comandante da força com que viéramos às mãos se chamava Martín Urbieta, o mesmo de quem já se falou; que o corpo de cavalaria mandado contra nós era de 800 homens, e que proximamente devia chegar outro. Quando lhe pediram informações sobre artilharia, disse

que não respondia e nada sabia, mas deu-nos espontaneamente notícias da guerra do Sul. Tendo-lhe perguntado o filho do guia se fora tomado Curupaiti, respondeu com uma só palavra: “Não.” – E Humaitá? – “Nunca!” – Então a guerra não está para acabar? – Após uma pausa, durante a qual a mesma pergunta foi repetida, o moço replicou, como despertando de um sonho, e com o tom enfático próprio da sua língua: “A terrível guerra está dormindo!” Vimos que estava delirando; levaram-no para uma das carretas da ambulância.

O que se seguiu a este incidente (triste caso que não quisemos verificar) foi, segundo o boato que correu, que o infeliz, posto num carro já atulhado e onde foi aumentar o incômodo de outros feridos ou de moribundos que não respiravam ódio e vingança, acabou estrangulado. O certo é que, poucas horas depois, durante a marcha, foi atirado morto à estrada.

Os cadáveres dos nossos foram todos enterrados em covas, que os índios tiveram ordem de abrir. Quanto aos paraguaios, desta vez deixamos a tarefa aos seus compatriotas, que certamente voltariam ao lugar assim que partíssemos. O coronel, com seus sentimentos de homem profundamente religioso, lamentou sinceramente este abandono; mas o número dos cadáveres era demasiado grande, o dia avançava e o calor se tornara acabrunhador. Recomeçamos a marcha.

Tal foi o combate de 11 de maio, o mais importante da retirada.¹⁴ Já a refrega de 6 ensinara aos paraguaios o que a nossa gente valia; esta confirmou o efeito no ânimo deles: disso deram prova a hesitação e a moleza que caracterizaram de então por diante seus cometimentos. Para nós ficou também provado que, além da prática da guerra, faltava-lhes a inspiração tática, aquela que sabe apreciar os fatos no mesmo instante em que se produzem e adivinhar os obstáculos para vencê-los. O ataque de infantaria que nos trouxeram tivera por fim lançar a desordem na nossa vanguarda, de modo a entregá-la no momento da surpresa à mercê da sua cavalaria. Frustrado este plano, deveriam ter compreendido que a única probabilidade de êxito estava em cargas de cavalaria impetuosíssimas e sustentadas por

14 Houve mais de 230 homens mortos. A luta fora travada entre duas colunas, cujo total subia quando muito a 3000 homens.

sucessivos reforços. Um pouco mais de hábito da guerra ter-lhes-ia feito reconhecer, além disso, que a nossa disposição geral era excelente, e que para esmagá-la cumpria combinar o emprego da artilharia, pois que a tinham, com a ação da cavalaria. Diante deste conjunto ter-nos-ia sido impossível primeiro defender a nossa bagagem e as munições, depois manter os nossos quadrados que ofereciam grande alvo às balas de canhão; e então as nossas fileiras, clareadas e enfraquecidas pelo seu próprio desenvolvimento, não teriam resistido ao ímpeto da cavalaria, poderosa como é e com as pesadas espadas do seu armamento.

Como quer que seja, a vantagem foi nossa, e ainda com este excelente resultado: que o coronel crescera na opinião dos soldados pelo sangue-frio de que dera prova.

Mas desgraçadamente não fora só isso; perdêramos a nossa boiada. Sem víveres, que ia ser de nós daí em diante? O comandante mandou chamar vários oficiais, uns após outros, depois conversou largamente com o velho Lopes, o qual, se era intrépido e, pode-se dizer, tremendo na ação apenas travada, mostrava-se nas deliberações, mais do que ninguém, homem de bom conselho e de expedientes imprevistos. Não havia esperar salvação, a não ser por esse lado.

.....

Capítulo XIII

DELIBERA-SE QUE CAMINHO DEVÍAMOS SEGUIR.
– PRIMEIRO INCÊNDIO NO CAMPO.

A ESTRADA que tínhamos na nossa frente tomava para leste e seis léguas adiante dobrava para o norte até à colônia de Miranda da qual nos separava ainda um espaço de 14 léguas, às quais cumpria juntar outras 10 até Nioac. Só ali, a 24 léguas da fronteira, podíamos esperar refazer-nos de gado; e 15 dias pelo menos se faziam precisos para transpor esta distância na marcha em que viéramos até ao Apa.

O inimigo conhecia perfeitamente esta estrada e já estava na nossa frente; entraria pois em Nioac muito antes de nós, preparando-nos ali talvez a ruína ao cabo de todos os nossos esforços.

Logicamente portanto semelhante caminho era impraticável. Lembraram-se então de que, ao tratar da invasão do território paraguaio e da melhor direção a seguir para isso, Lopes propusera, como preferível a qualquer outra, a passagem pela sua estância do Jardim, situada três jornadas a S.O. de Nioac, tendo ele próprio, dizia, vencido facilmente essa distância em dous dias e meio; dali até à fronteira do Apa não haveria mais de seis dias de marcha pelo campo. Quanto a este último trajeto, que (conforme Lopes asseverara por ocasião de discutir-se da primeira vez o ponto)

devia levar-nos inopinadamente ao forte de Bela Vista, ele insistira na necessidade dum reconhecimento que rapidamente poderiam fazer dous ou três homens bem montados. Mas foi impossível então conseguir que se examinasse seriamente semelhante proposta; consideraram-na como abuso apenas existente na imaginação do guia. Se há passagem, diziam, os paraguaios, grandes mateiros, andando de contínuo de uma para outra parte, conhecê-la-iam por certo. Ao que Lopes respondera sempre: “Só se meu filho lhas ensinou; porque unicamente Deus, eu e ele sabemos ir da minha estância ao Apa, pelos campos.” Riram-se e não se tratara mais disso.

Agora, nas circunstâncias em que nos achávamos, o coronel, informado de que os paraguaios haviam passado para a margem setentrional do rio e tinham até assentado ali um acampamento, foi quem primeiro tornou a falar ao velho guia sobre o caminho pela sua estância. Este respondeu com frieza que noutra tempo indicara de fato esse caminho, mas então aconselhara também que se fizesse uma prévia exploração do lugar, cousa em que não assentiram; agora era muito tarde.

Entretanto, após alguns momentos de silêncio, acrescentou, depois de ter assim expandido o seu ressentimento, que, afinal de contas, não via impossibilidade para uma tentativa nesse sentido; a macega nos incomodaria muito sem dúvida, mas supunha em todo caso que menos de uma semana bastaria para chegarmos à estância, onde descansaríamos e nos restabeleceríamos comendo as suas laranjas. Esta fruta, entendia ele, era de inestimável valor para a saúde; por isso, todas as vezes que fora ao Jardim para prover-nos de gado, dali trouxera grandes sacos dela, por estarem então os pés carregados, como ainda deviam estar.

Pessoalmente, fôramos outrora da minoria que opinava pelo itinerário proposto por Lopes, pela vantagem que nos oferecia de alcançarmos mais rapidamente o território paraguaio. O que fora então mais acertado para a ofensiva, era-o ainda para a retirada; não havia hesitar.

A maior parte dos oficiais pronunciou-se também por este caminho sob a direção do guia, o qual afirmou novamente e deu a sua palavra que em cinco ou seis dias estaríamos no Jardim, e que depois só levaríamos dous ou três para chegar a Nioac, onde nos podíamos antecipar ao inimigo. Foi o plano aceito pela comandante.

Último grande dia para José Francisco Lopes! A opinião dos soldados era toda em seu favor, como a dos oficiais e a do chefe. A confiança geral, com certa solenidade, investia-o de uma autoridade pública e a lei suprema das salvações tornavam-no quase ditador.

Tudo tínhamos a ganhar tomando a estrada do Jardim: primeiro, podiam os nossos comboios escapar aos inimigos empenhados em perseguir-nos em outra direção; havia não só os mercadores que parados na Machorra ali nos esperavam, mas ainda os que a custo retrocediam para Nioac, supondo a nossa coluna cortada ou já perdida; segundo, era possível algum abastecimento em distritos desertos, onde vagueiam sempre animais, ainda longe das estâncias; terceiro, devíamos contar com mais vantagens de um terreno acidentado, em parte coberto de matas e cerrados, que neutralizariam as armas mais perigosas para uma tropa em retirada: – a cavalaria, pela desigualdade do terreno e pela mataria, – a artilharia, por isso que a nossa, com a dianteira que tomávamos, poderia sempre ocupar antes do inimigo qualquer posição de algum valor estratégico. Íamos desde logo evitar uma planície de meia légua, alagada pelas últimas chuvas, e que não oferecia senão uma estreitíssima passagem onde por muitas horas nos podia acostrar o fogo do inimigo. Enfim, por esse caminho da estância de Lopes, só havia um grande rio a transpor – o Miranda, ao passo que pela estrada ordinária, além desse, teríamos de atravessar outros muitos, e três deles pelo menos de volume considerável.: o Desbarrancado, o Santo Antônio e o Feio, que as menores chuvas engrossam desmedidamente.

Podia dizer-se, é certo, que um desagradável efeito de nos desviarmos da estrada comum será persuadirem-se os paraguaios e que procurávamos escapar-lhes fugindo, e se amesquinhar assim o conceito que de nós formavam depois dos últimos combates; mas essa aparente desvantagem só vinha secundar na ocasião o desejo que tínhamos de salvar os comboios da perseguição do inimigo, atraindo-o para nós: não lhe tínhamos medo. O que decerto devia inquietar-nos era a idéia de nos metermos por sítios ainda não explorados, cheios talvez de obstáculos imprevistos, no meio daquela macega alta que nada deixa ver à distância de alguns passos, que é mister ir continuamente cortando e que quando seca como estava então, exige um trabalho penoso e arriscado. Mas qualquer ponderação de

perigo e dificuldades secundárias carecia de valor diante da necessidade: tinham-no todos compreendido, só havia um caminho de salvação.

À meia hora depois de meio-dia pusemo-nos em marcha, os oficiais no centro dos seus batalhões. O comandante, com parte do seu estado-maior, ia no quadrado do 20º. Ao entrar nele, dissera um tom jovial ao Capitão Paiva: “Venho pôr-me no meio de vocês; nem por isso nos defenderemos pior que todos os mais.”

Mal se havia andado um quarto de légua, rompeu o fogo dos paraguaios do alto duma eminência, que dominava o teatro do combate da manhã, apanhando os nossos quadrados descobertos; isso obrigou-nos a uma evolução em colunas. Esta manobra aliás surtiu bom efeito. Ela devera entretanto indicar ao inimigo a conveniência de empregar contra nós, sucessivamente, a artilharia para bater os quadrados e a cavalaria para atacar-nos a espada, logo que nos formássemos em colunas. Por felicidade nada do que viam lhes abria os olhos, e desse transe difícil nos saímos sem dano real. O nosso guia, que marchava na vanguarda, por mero instinto militar e sem que tivesse recebido comunicação alguma, aproveitou o conhecimento que tinha do terreno fazendo-nos deixar de repente o caminho da Machorra, inclinando-se para a esquerda e graças a uma contramarcha levando-nos para junto de uma eminência onde era fácil assestar uma bateria se fosse necessário; era o caminho seguro. Entretanto, logo que Lopes não viu mais inconveniente, tornou a meter-nos no rumo norte, por uma subida muito suave.

Pareceu-nos que o inimigo hesitava sobre o que lhe convinha fazer. Era visível sua perplexidade: crescido número de cavaleiros corriam de uma para outra banda da planície. Dirigiam-se grupos para a bateria, onde era evidente que estava o comandante. Parecia que as peças acompanhavam o nosso movimento à proporção que subíamos a encosta, por onde Lopes nos conduzia. Foi essa a última vez que se mostraram; não tornamos a vê-las, ou porque os paraguaios temessem arriscá-las em paragens desconhecidas e sujeitas a emboscadas, ou porque tivessem gasto todas as munições. Mandaram-nas embora, provavelmente escoltadas por um corpo de cavaleiros, que tomou a direção da Machorra; desde então fomos menos inquietados pela sua própria cavalaria.

Continuávamos a marchar sem outra dificuldade além da macega que nos cercava, que a todo custo se fazia mister abater, e na qual a marcha era penosíssima, porque suas arestas cortantes feriam-nos os pés; ela, porém, ainda nos reservava provações muito cruéis e que não tardaram.

Vimos levantando-se a certa distância tênues espirais de fumo.

Foi Lopes quem primeiro deu pelo incêndio: esperava-o, nada nele indicou surpresa. Imóvel por algum tempo, esteve a fitar o horizonte; depois, quebrando o silêncio com uma daqueles apóstrofes habituais aos homens da natureza ante qualquer resistência, e desafiando as labaredas que começavam a erguer-se, disse: “Pois bem, lutaremos! Mas há de ser um pouquinho mais tarde”, acrescentou voltando-se para nós; “primeiro vou enganar os paraguaios seguindo direito para Miranda; descerei depois para a minha estância.”

Fomos acampar nessa noite junto das cabeceiras do José Carlos. Contávamos ali beber à vontade depois de tão penosa jornada debaixo de uma atmosfera abrasadora; só achamos porém água turva e detestável, e como, de mais a mais, chegávamos tarde ao triste pouso, sol já posto, nada tivemos que dar, nem água nem capim, aos nossos bois estrompados e cujo olhar nos implorava piedade. Não tiveram eles para deitar-se senão um chão poeirento, de grama seca e torrada pelo sol. Nós mesmo tivemos de nos contentar com um quinto da ração habitual; para melhor dizer, faltou-nos alimento. Em vez de vinte e dous bois que até ali se carneavam por dia, carneamos apenas quatro, escolhidos dentre os piores das nossas juntas. Era o princípio da fome, e precipitou-se ainda mais uma medida tomada então pelo comandante. Sendo uma das suas principais preocupações conservar o maior número possível de transporte para os feridos, ocorreu-lhe mandar esvaziar para eles algumas carretas de mantimento: a farinha, o arroz, o feijão foram repartidos pelos soldados. Cada qual devia levar assim a sua própria alimentação por alguns dias; mas, como para a mor parte o cansaço e a fome falavam mais alto que a providência, quase tudo quanto se acabava de distribuir foi no mesmo instante consumido.

Começam aqui as nossas grandes provações; datam de então sofrimentos que, agravados uns pelos outros, na tardaram a nos fazer crer em iminente e terrível catástrofe.

.....

Capítulo XIV

PROSEGUE A MARCHA. – O INIMIGO TOMA A DIANTEIRA. –
NOVO SACRIFÍCIO DE BAGAGENS. – FALTAM OS VÍVERES. –
INCÊNDIOS E BORRASCAS. – INCESSANTES ESCARAMUÇAS.

ALO ALVORECER do dia 12 de maio levantou-se acampamento e a marcha recomeçou, como na véspera, rompendo a alta macega. Tivemos de dar grandes voltas para ir transpor o José Carlos, evitando alguns dos profundos brejos, donde saem as suas águas. Avançávamos para o norte. Lopes prometia-nos que, naquela mesma tarde, poderíamos abarracar numa garganta funda, onde nada havia a reccar dos paraguaios. Víamo-los ao longe procurando passagem igualmente, mas com ares de quem não conhecia o terreno tão bem quanto nós.

Alentou-nos todo o dia a esperança de um bom acampamento; o nosso guia mostrava inteira confiança, fazia-nos notar o fogo ateadado pelos paraguaios em vários pontos, e procurava demonstrar que ainda desta feita não conseguiriam tolher-nos o passo. Graças à sua direção, conservávamos a dianteira sobre o inimigo, mas íamos em breve perdê-la.

No momento em que pelo descambar do sol se ia tornando a marcha menos penosa, o comandante da artilharia mandou prevenir o coronel de que os animais atrelados às peças já não tinham força, e alguns até

se haviam deitado. Nem esses nem o resto da boiada que ainda conservávamos tinham bebido ou comido desde a tarde do dia 10; era forçoso parar.

Paramos. Nem outra cousa havia a fazer. Ficou o corpo do exército sobre uma pequena meia-laranja em parte coberta de mato, e em cuja extremidade existia um olho-d'água; mal porém nos acomodáramos ali, as lufadas do vento sul, que soprava rijo, principiaram a trazer-nos de longe o calor do incêndio, que atrás de nós lastrava na planície. Lopes pôs imediatamente em atividade toda a gente que achou à mão, mandando cortar a toda a pressa a macega que nos cercava, e fazendo levar para o mais longe possível toda a que se cortava; ele próprio superintendia ao trabalho de acamá-la bem, cobri-la de terra e comprimi-la, o que exigia muito sacrifício e grande esforço dos soldados. Mas a vida de todos perigava, e as ordens do guia não eram senão a expressão da mais rigorosa necessidade. Lopes, o nosso grande salvador naquela cena de incêndio da macega, dando ordens para todos os lados, multiplicando-se, projetando a sua figura em perfil de encontro às chamas ou desaparecendo nos intervalos, não era um personagem de vã representação; sem ele estaríamos perdidos.

Cumpria tomar todas essas precauções para impedir que a fumaça nos sufocasse; depois, quando o fogo nos chegou ao pé, quando as folhas e varas amontoadas na beirada do aceiro, apesar de tudo se inflamaram também por sua vez, romperam imensas línguas de fogo que nos lambiam, ora projetando-se para o céu, ora abatidas por correntes de ar variáveis e rápidas que as impeliam, sibilando enfurecidas sobre nossas cabeças; muitos dos nossos sofreram profundas queimaduras; um caiu morto asfixiado.

Afinal esse inimigo, exausto pela sua própria violência e não encontrando mais alimento junto de nós, começou sua marcha para o norte.

Quando os nossos homens, extenuados e a morrer de sede depois desta luta que sucedera à fadiga da marcha, correram à nascente próxima, encontraram ali os paraguaiois emboscados, e nada menos de duas companhias foram precisas para os desalojar.

Ao derradeiro clarão do dia vimos esse destacamento, depois de reunido a certa distância, ir juntar-se ao grosso dos esquadrões inimigos que desfilavam em boa ordem, de bandeiras desfraldadas, ao toque dos clarins, com certeza para escarnecer de nós; apressavam-se naturalmente

em ir ocupar o mesmo vale, onde Lopes tencionara acampar. Algumas balas de canhão que lhes atiramos, consolaram a nossa gente exasperada por aquela covarde e cruel tentativa de queimar-nos vivos. Foi uma verdadeira satisfação ver que os nossos projéteis aceleravam a marcha dos odiosos adversários.

A provança todavia que acabávamos de sofrer neste campo convertido em fornalha, era daquelas que exercem sobre o homem uma ação física irresistível. A enorme elevação da temperatura subitamente operada bastaria por si só para explicar o acobrunhamento, em que caímos, e o desfalecimento moral que se lhe seguiu.

Nem sabíamos de mais a mais como avançar. As juntas de bois dos nossos canhões, mais ainda do que as mulas, não podiam dar um passo. E entretanto era mais urgente não perder um instante para continuar a marcha.

Entre mil outras razões, não se devia dar tempo a que o inimigo, agora na dianteira, fortificasse algum ponto, impossibilitando-nos a passagem. É conhecida a aptidão que têm os paraguaios para mover terra, abrir fossos e levantar redutos: é tradição que lhes vem dos seus educadores, os padres da Companhia de Jesus, que cultivavam todas as artes, mormente a arquitetura e a engenharia militar.

O imenso perigo em que nos achávamos inspirou ao comandante a resolução imediata de diminuir ainda mais a bagagem, para poder reforçar os tiros dos cunhetes e das peças. Entendeu-se a tal respeito com os oficiais, a quem só interessava a medida, e eles acederam sem observações: reduzindo-se ao que traziam no corpo, deitaram fogo a poucas e últimas cousas supérfluas, a algumas malas e barracas. Os soldados, esses desde o combate de 8 já não tinham que carregar nem que perder: haviam deitado fora seus capotes, que os embaraçavam no perseguir o inimigo. As mulas, agora livres de outra carga, foram destinadas ao transporte do cartuchame.

Tivemos naquela noite, para cúmulo de infortúnio, uma chuva torrencial, um verdadeiro dilúvio que nos causou espanto, se bem que já houvéssemos passado por outro formidável, e apesar de previsto desde manhã por uma aglomeração de imensas nuvens bronzeadas, constantemente sulcadas pelo raio entre contínuos ribombos de trovão. Conservaram-se os soldados toda a noite em pé, encostados às espingardas, cujas baionetas

ficaram no chão; esta vigília não perdura menos dolorosamente assinalada na nossa memória do que a de 5, entre tantas outras paradas desastrosas. É mister haver assistido, com a alma já pejada de tristeza, a essas medonhas crises da natureza para avaliar exatamente a sua influência sobre o organismo humano. Não havia para onde recorrer. Não havia em todo o acampamento uma gota de aguardente para entreter o calor interno que nos abandonava; o fogo, nossa última esperança, ninguém o podia acender no meio daquela borrasca.

Foi nesse estado geral de desfalecimento que ainda nos veio impressionar a confirmação de tudo o que o ferido paraguaio declarara: Curupaiti e Humaitá resistiam, e a guerra estava longe de seu termo. Soubemo-lo por um número do *Semanário* [ver pág. 159], gazeta hebdomadária de Assunção que acabávamos de apanhar em um inimigo morto numa escaramuça. Espalhará-se a nova com a rapidez de propagação que têm as más notícias, apagando as últimas centelhas de confiança e de coragem.

A 14, ao despontar do dia ainda chovia, posto que moderadamente, quando deixamos esse inóspito acampamento para entrarmos num mato cerrado, por onde o nosso guia sagaz julgou acertado tomar. Por aí marchamos durante mais de duas horas, e não sem grandes dificuldades; evitávamos porém o desfiladeiro que os paraguaios ocupavam, e onde eles sem dúvida nos esperavam supondo aniquilar-nos.

Lopes mostrou-se com razão satisfeito com o êxito de semelhante volta. Tendo-lhe alguém perguntado que rumo seguia, pôs-se a rir com gosto: “O rumo”, disse ele, “está na minha cabeça.” Se via consultar a bússola, declarava que a agulha só prestava para fazer desenhos bonitos para distração dos passeantes. Mostraram-lhe entretanto que havia deixado a direção do norte e que assim demorava a viagem. “Sim”, replicou, “desviamos-nos momentaneamente para o lado do campo da Pedra de Cal que eu descobri, e que em 1864 o general Leverger, meu amigo, teria visitado comigo se não sobreviesse a guerra.”

Ao meio-dia achamo-nos diante de um taquaral espesso, que foi mister romper a machado e fouce, o que nos tomou muito tempo em razão da rijeza e da elasticidade desta espécie de bambu, e por causa também da má qualidade do aço nos nossos instrumentos. Às 2 horas, ainda se fazia esse trabalho. O nosso guia, mais do que ninguém, demonstrava impa-

ciência; de espaço em espaço entrava no matagal, deitado sobre o pescoço do cavalo, procurando lobrigar alguma aberta para a planície descampada; mas, não o conseguindo, voltava descontente, agitado, com as roupas rasgadas.

Daí saímos por fim às 3 horas; e às 5, toda a coluna, tendo atravessado aquela barreira resistente, continuou a marcha, já ao descambar do dia, a para um alto, situado dali a um bom quarto de légua, e em cuja base bonitos capões de mato indicavam a vizinhança de alguma nascente. Já lá se achava uma numerosa partida paraguaia disposta a acampar; os cavaleiros tinham-se apeado, conservando-se contudo em linha. Bastaram duas granadas das nossas peça de vanguarda para que eles se dessem pressa em ceder-nos o lugar, e ali acampamos tranquilamente. Os nossos animais tiveram bom pasto e toda a água de que careciam.

Ainda aí tiramos para o corte os bois mais fatigados das nossas carretas. Atenta a insuficiência e a má qualidade, era uma distribuição quase irrisória.

No dia 15 ao amanhecer, estávamos numa planície coberta de macega, onde era para reear o incêndio a outra hora do dia. Mas Lopes respondera-nos que essa planta, embebida no orvalho da noite, não pegava fogo; precisava ficar exposta por algum tempo aos raios do sol. Daí por diante tomamos a precaução de pôr a nossa gente em movimento muito cedo e de ativar a primeira marcha o mais que podíamos.

O terreno que tínhamos de atravessar oferecia, em vasto trecho, uma série de montículos cortados com certa regularidade por extensos charcos, desses que dão origem a vários afluentes do Apa. A passagem deles tornara-se difícil em razão da chuva torrencial de 13, e ora a nossa artilharia, ora algumas carretas atolavam-se.

Em uma dessas ocasiões difíceis, ao atravessarmos um daqueles brejos estreitos, consideráveis destacamentos inimigos vieram, não dar-nos uma carga, mas fazer uma espécie de reconhecimento bastante prolongado para convencer-nos de que tencionavam travar combate sério. Mas logo puseram-se em coluna e abalaram. Surpreendeu-nos isto, sobretudo porque trás deles viera um enxame de atiradores que, dispostos em pequenos grupos, pareciam ter o intuito de rarear as nossas fileiras para facilitarem a tarefa da sua cavalaria, e outras partidas apareciam prestes a entrar em ação.

Felizmente a pontaria foi má, precipitada, incerta, como sempre nos parecera por parte dos paraguaios. Eles empregam cartuchos muito grandes que produzem forte recuo. Dir-se-ia que preferem o estrondo do tiro ao seu efeito. A verdade é que falta suficiente aprendizado e exercício.

Ainda desta vez bem pouco dano nos causaram: as balas passavam por cima das nossas cabeças, e só dous homens tivemos fora de combate. Apontávamos nós muito melhor, e mais de uma vez levamos a desordem às suas linhas. Usaram nessa ocasião de uma manobra nova: deitavam-se por trás dos acidentes do terreno e daí nos faziam fogo, deixando ver apenas as cabeças; depois, dados alguns tiros ao acaso, furtavam-se à nossa vista. Quase não respondemos a esse fogo.

Estava entretanto um pouco mais longe, sobre uma esplanada bastante extensa, um grupo de cavaleiros que fazia caracolar seus cavalos, soltando hurras ao Paraguai e ao marechal López; como avançassem até ao alcance da nossa artilharia, esta atirou sobre eles, e se foram retirando vagorosamente. Um, que ficara de observação, imóvel em seu cavalo, parecia afrontar-nos. O nosso major de artilharia Cantuária mandou-lhe uma granada com tão boa pontaria que ela, caindo junto às patas do cavalo, cobriu-o de terra assim como ao cavaleiro, e depois ricochetando sobre um mato próximo, onde havia gente, fez ali explosão com efeito bastante para dar lugar a um reboliço que notamos. A sentinela dificilmente pôde sofrer o animal, mas não se arredou, e com isso atçou-nos a vontade de atirar de novo.

O coronel, pensando que essa demonstração tivesse por único intuito retardar-nos, ordenou que o batalhão 20 e depois toda a coluna passassem o brejo; mas, desde que continuamos a marcha, surgiram de todos os cantos da campina labaredas que, ao se juntarem, assumiram proporções pavorosas.

Lopes que, durante a nossa demorada escaramuça, não pudera esconder uma preocupação nunca vista até ali, readquiriu então toda a sua força de resolução. Apoiou imediatamente a coluna em dous matos que por então nos resguardaram as chamas laterais, fez depois desbastar uma área maior que da primeira vez, onde o fogo nos fez muito menos mal, mas onde a fumaça foi muito mais terrível, por estar em proporção com a enorme extensão do campo.

Esta espécie de incêndio tem uma feição particular, da qual não daria idéia nem uma cidade inteira devorada pelas chamas. Quanto maior a distância donde elas vêm, tocadas pelo vento reinante, mais formam as chamas com todos os obstáculos que encontram outras tantas correntes, que se espalham em todas as direções, animadas de uma espécie de fúria implacável. Do combate que travam no ar, saltam estilhaços que cortam, ardores e clarões que cegam e queimam a pele do rosto.

Um dos capões de mato do nosso flanco era em grande parte composto de tabocas, espécie de bambu de caule oco entre os nós. O fogo produzia nele estampidos como de canhão. Começávamos a crer que a artilharia dos paraguaios tornara a entrar em cena; mas o velho Lopes riu-se dizendo: “Bem se vê que os senhores são novatos na terra.”

Algum tempo depois, tendo abrandado o vento e refrescado o ar, quisemos prosseguir a marcha: mas o sol, reverberando no chão ardente e calcinado, fez desta marcha, no pouco tempo que andamos, um verdadeiro martírio; os mais robustos gemiam sem querer, não podíamos ter os olhos abertos diante do solo incandescente que pisávamos.

.....

Capítulo XV

INCERTEZA DO CAMINHO. – NOVO INCÊNDIO,
NOVO ATAQUE DOS PARAGUAIOS. – É REPELIDO. –
NUDEZ DA COLUNA. – ACHA-SE OUTRA VEZ O CAMINHO. –
PASSAGEM DO RIO DAS CRUZES. – RECOMEÇA A MARCHA.
– OUTRA PASSAGEM DE RIO. – A FOME APARECE.
– AS MULHERES QUE ACOMPANHAM A COLUNA.

NOSSO guia, tão triste e pensativo como o víamos antes do incêndio, ia na frente da coluna e às vezes se distanciava, sem atender ao perigo que corria, porque os turbilhões de fumo e cinza que se levantavam caprichosamente no campo, e muitas vezes nos envolviam, não nos impediam de ver cavaleiros paraguaios que davam mostras de aproximar-se.

O coronel, também impressionado com o ar inquieto de Lopes, perguntou-lhe de improviso se íamos bom caminho e como ele queria: mas só obteve uma resposta evasiva, deixando-nos crer que ele próprio, o guia, não estava certo disso, se bem que hesitasse em confessá-lo. Os que por largo tempo viveram nos sertões são, mais do que os outros homens, dominados pelo amor-próprio; aprendem este sentimento com os próprios selvagens, nos quais se reconhece quanto é intenso pela inabalável firmeza com que afrontam os tormentos mais cruéis infligidos por um inimigo vencedor.

Quase duas léguas ainda marchamos assim, posto que vencidos de cansaço. O filho de Lopes viera dizer-nos em segredo que supunha que tínhamos de reconhecer um grande rio chamado das Cruzes. Observaram-lhe que as suas palavras pareciam dar a entender que íamos ao acaso; respondeu logo que de fato não sabia para onde íamos, que infelizmente suspeitava um engano de derrota, mas não ousava dizê-lo a seu pai. Fora significar-lhe que ele já não sabia orientar-se no campo; e o respeito que tinha ao pai, ao chefe da família, a quem tantas vezes o guiara nas viagens por aquelas solidões, obrigavam-no a calar-se. Não devíamos omitir este traço da vida do sertanejo: expôs-nos porém a um grande perigo.

Quando o velho soube que duidávamos da sua capacidade para dirigir-nos, teve grande desgosto e não pôde disfarçá-lo: “Se não fora a perturbação desta demora”, murmurava ele, “a estrada guiar-nos-ia por si mesma; nunca se deve parar quando se procura caminho no campo.”

Não consentiu que seguíssemos a indicação dada pelo filho; isso fora aos seus olhos uma infração às leis da natureza e do direito patriarcal. A noite, que felizmente se aproximava, impediu que por mais tempo se continuasse uma marcha evidentemente fortuita.

Demais, assim que acampamos, viu-se que o dia não estava acabado e que ainda nos aguardava uma grande provança. Os compridos alagadiços de que era cortada a planície, como ficou dito, tinham feito com que a macega não ardesse senão parcialmente; estavam ainda de pé grandes trechos, sobretudo à roda do ponto a que chegáramos. O fogo, que acabava de ser-lhe ateado, já nos cegava e vinha perto, mas desta vez precedido pelos próprios paraguaios. Calcularam que, atacando-nos vigorosamente, obstaríamos à manobra, com que até ali nos havíamos defendido do fogo. A infantaria deles desfilara ao longo de um brejo, em que se apoiava o nosso batalhão 21. Tendo pelas costas a fumaça que nos batia de chapa, pela frente com o vento que reinava, atiraram-se sobre o flanco da nossa vanguarda. Se ela tivesse fraqueado no primeiro momento e cedido terreno, provavelmente teríamos sido todos devorados pelas chamas; longe porém de recuar, ela com desesperado esforço atirou o inimigo, parte nos pântanos, parte sobre o fogo, o seu terrível aliado, que se avizinhou com rapidez. Certamente teve ele grandes perdas. Pelo menos o capitão Pisaflores viu, pelas abertas do vento nesse caso de fumo e chamas, cavaleiros ar-

rastando à carreira cadáveres e feridos. Quanto à nossa vanguarda, fez um movimento de concentração, resistência, de cortar a macega e transportá-la para longe; mas então, no meio de nós, esses homens extenuados a quem podíamos chamar – nossos salvadores, caindo de cansaço e de dor, com os rostos queimados, as goelas secas e ardentes, ficaram opor muito tempo estendidos no chão, sem voz e sem movimento. Três deles não se tornavam a levantar, e vários outros ficaram para sempre enfermos e valetudinários.

Os paraguaios, tendo-se reunido depois do incêndio, ocupavam uma colina, donde nos dominavam; o repouso, de que tanto carecíamos, não era possível sem que nos desembaraçássemos deles. A nossa artilharia obrigou-os a irem procurar abrigo na vertente próxima.

Caía a noite; fazia um esplêndido luar, cuja calma contrastava com os clarões sinistros de alguns restos de incêndio, que havia aqui e acolá pelo campo. Quando os nossos clarins deram afinal o toque de descansar, os dos paraguaios responderam ao longe, como um eco de escarninho. Tudo se nos afigurava insulto aos nossos sofrimentos: tínhamos a fome com todas as suas torturas; o triste prelúdio dela é um desfalecimento que aniquila a coragem e a vontade. Faltava-nos tudo. Mal nos podíamos dizer vestidos, oficiais e soldados; mas a privação de calçado era, em razão do hábito, muito menos sensível para estes que para aqueles, cujos pés estava inchados e vertiam sangue.

Nessa noite o vento norte gelou-nos, expostos como ficamos ao mesmo tempo a um desses orvalhos que já nos haviam feito sofrer tanto, quando ainda tínhamos roupas de abrigo.

Levantaram-se todos muito cedo, como de costume; mas o nosso guia, continuando a mostrar-se irresoluto, chamava o filho a frequentes colóquios; parecendo durante a marcha querer abandonar a direção de leste, dava a entender que só a tomara até ali para contornar um brejo. Afinal quebrou subitamente para N. E. Os paraguaios, pelo que pudemos conjeturar, ficaram desorientados com esta súbita mudança. Muitos deles subiram a galope a colina, onde devia estar o seu comandante.

De mais, soubemos logo que afinal se tornara ao verdadeiro caminho; daí a um quarto de légua chegamos à margem esquerda de um grande rio, que não era outro senão o das Cruzes, onde estaríamos desde a véspera se não fora a excessiva deferência do filho e o orgulho do pai.

Foi preciso parar-se, porque não obstante ser o rio vadeável, as ribanceiras eram tão escarpadas, que as carretas não passariam sem um trabalho preliminar e que nos devia levar algum tempo. Os corpos da vanguarda e do centro saíram pois da formatura, e deixando em linha a retaguarda, começaram a fazer as rampas. O batalhão dos voluntários executou esse importante trabalho com muito ardor (urgidos como estávamos pelo inimigo), e um dos seus oficiais, José Maria Borges, de quem os soldados gostavam pelo seu gênio alegre nos momentos mais críticos, muito mereceu do corpo de exército em tal conjetura. Apraz-me dar-lhe este testemunho.

Graças a ele e à sua gente a passagem tornou-se praticável às 2 horas da tarde. Estivéramos ali em grande risco debaixo dos olhos dos paraguaios, que nos poderiam ter atacado com sobeja vantagem. Felizmente, e contra toda a expectativa, mantiveram-se imóveis em ordem de marcha, prontos para seguir-nos, enquanto alguns deles procuravam um vau mais abaixo, para deitar fogo no campo assim que nos aproximássemos. São habilíssimos, já o sabíamos assaz, nesta manobra, que entre eles chega a constituir uma arte, com regras baseadas no conhecimento dos ventos e dos lugares, arte aliás diabólica quando empregada como arma de guerra.

Nós os provocamos no entanto, e a espaços alguma das nossas granadas ia cair no meio deles. É difícil compreender por que se desfizeram da artilharia, como teriam podido responder à nossa, cousa que só faziam com gritos e vaias.

Passamos para a outra margem do rio e, apenas ali chegados, tivemos de tomar providências contra o incêndio que nos precedera e já se adiantava para nós. A nossa esquerda apoiou-se no mato que beirava o rio, e cujas árvores felizmente eram de natureza menos combustível do que a vegetação do campo; na ala direita, que também fizera alto, cortou-se e acamou-se a macega, desta vez com mais tempo, mais cuidado e mais ordem do que de outras. O incêndio aproximou-se e envolveu-nos, como sempre, com horríveis turbilhões de fumaça, mas as labaredas já não nos ofenderam tanto; tínhamos além do mais à nossa disposição o rio, onde cobertos de suor, de pó e de cinza íamos beber e refrescar-nos. Extintas as chamas, as nossas peças limpavam a planície de paraguaios, e conservando sempre a esquerda o mato, pudemos avançar um pouco para tomar melhor posição.

O dia seguinte, 17, foi enevoado e frio; soprando o vento com violência, tornou-se a marcha muito penosa: tínhamos muitas vezes de costear a macega incendiada, que nos obrigava de vez em quando a parar para limpar o chão. Procurávamos também alcançar algum mato por onde passássemos, apesar dos embaraços opostos pelos troncos e paus secos que o machado custa a derrubar; ao mesmo tempo víamo-nos sempre apertados pela cavalaria paraguaia, na frente, nos flancos e na retaguarda.

O comandante perdera a paciência; acusava o guia, atirando-lhe a responsabilidade de todas as demoras; como porém suas exprobrações eram ouvidas com silêncio respeitoso, acabava acalmando-se: a sua bondade natural sobrepujava tudo, e com o tom conciliador do homem que sofre de parceria com outros um infortúnio, dizia por fim: “Não nos zanguemos; estamos pagando nossos erros.”

Vagamos ao acaso todo esse dia: Lopes perdera toda a iniciativa e desconhecia o terreno. Sem dizer palavra, o filho deixava perceber crescente inquietação. O esfalfamento dos bois que puxavam a nossa artilharia chegou ao ponto deles não quererem mais andar e deitarem-se. Forçoso foi portanto fazer alto no meio duma pequena mata, onde só encontramos água insuficiente e má.

Os paraguaios não deixaram de vir à noite acampar a pequena distância, e o batalhão 21 que ainda formava a nossa vanguarda, teve para logo de sustentar contra eles um fogo de atiradores. Os seus cães (andam sempre com uma malta deles) latiram horrivelmente toda a noite, mal podendo responder-lhes os nossos, mísero resto de uma matilha a custo disputada à fome pelos soldados.

A 18 começou desde manhã abundante chuva, a qual, ensopando logo as nossas pobres roupas, dispôs-nos tristemente para a marcha, que ainda foi mais vagarosa do que todas as dos dias anteriores. Não chovia continuamente com a mesma força, mas de espaço em espaço caíam pancadas d'água, que logo encharcavam o terreno, de forma que as carretas ficavam presas a cada instante nas rilheiras. Era de causar dó ver o grupo dos míseros doentes que tínhamos de pôr no chão debaixo de chuva torrencial e no meio dos rápidos regatos que ela formava.

Daí a pouco tivemos de transpor um imenso brejo, e durante esta longa passagem os paraguaios, que se haviam assenhoreado de todas as

eminências vizinhas, não cessaram de atirar, posto que sem grande êxito. As suas próprias cargas de pelotão causavam-nos tão pouco dano como os ruidosos clamores e os hurras que as acompanhavam. Chegaram-nos alguma vez aos seus ouvidos os seus ditos sarcásticos: “Venham tomar o nosso gado e fartem-se.” Algumas balas apontadas por homens ávidos de vingança puseram termo a tais ironias.

Sucedia quase todos os dias que o sol, fraco pela manhã após noites frigidíssimas, abria depois com ardor sufocante: esta variação perene acabava de arruinar a saúde de todos. Ainda nesse dia espessas nuvens, encastelando-se a oeste, trouxeram cedo novo dilúvio, o qual converteu em caudalosa corrente um riacho já de si mesmo volumoso, que Lopes anunciara e que nos obrigou a uma terceira parada tão cruel como as precedentes. Morríamos de frio, estávamos em jejum, e só tivemos fogo a muito custo, por volta da meia-noite, à força de ajuntar lenha verde que ardia quase sem chama.

Um espetáculo repulsivo mostrou-nos ali quanto a fome era medonha nos nossos soldados. Ia carnear-se um boi cansado, quase moribundo: ao redor já se formara o círculo, esperando cada qual com ansiedade que jorrasse o sangue, uns para apanhá-lo em alguma vasilha e levá-lo, outros para bebê-lo imediatamente; chegado o momento, atiraram-se todos a ele, os mais distantes à porfia com os mais próximos. Isto se repetia cotidianamente. O carneador mal tinha tempo de cortar o animal, era quase necessário arrancar os quartos das mãos dos soldados, para levá-los ao lugar da distribuição. Os restos, as vísceras, o próprio couro, tudo era retalhado ali mesmo e logo devorado, mal assado ou cozido: repugnante comida, da qual não podia deixar de gerar-se alguma epidemia.

Na manhã de 19 o major Borges lançou sobre o ribeirão que se transformara em rio estreito, mas profundo, uma espécie de ponte feita às pressas, que ao ser experimentada não se mostrou suficientemente sólida, por ser obra de trabalhadores ainda mais debilitados pela fome do que desprovidos de ferramenta; julgáramos necessário reforçá-la com um enorme tronco de aroeira¹⁵ que perto se encontrou. Só então pôde a artilharia passar sem acidente. Uma carreta única a seguia; queimáramos as outras para

15 Árvore da ordem das terebintáceas.

alimentar as fogueiras, que nos garantissem de completo entorpecimento, e aquela mesma só fora poupada para transportar os nossos feridos dum a para outra margem do rio.

A margem a que chegávamos estava inundada, e os míseros inválidos ainda aí tiveram muitas vezes de molhar-se e ser levantados em braços antes de ser postos em liteiras ou em artolas. As mulheres, que acompanhavam a coluna, contadas em número de 71, iam a pé, com exceção de duas montados em bestas; quase todas levavam ao colo crianças de peito ou pouco mais velhas. Apontava-se uma delas como heroína. Obstinando-se furiosamente um paraguaio em arrancar-lhe o filho, ela apanhou de um salto uma espada caída no chão e matou ali mesmo o assaltante.

Outra, mais desventurada, vira seu filhinho recém-nascido talhado ao meio por um inimigo, que o agarrara pelas pernas. Todas aliás tinham no semblante impresso o estigma do sofrimento e da extrema miséria. Algumas vinham carregadas com objetos provenientes do saque, cobertores, ponches, pesadas espadas paraguaias, baioneta e revólveres.

Caíra a noite, e ainda não estávamos senão em frente do nosso acampamento da véspera; mas já era muito haver transposto o rio.

.....

Capítulo XVI

LAMPEJO DE ESPERANÇA QUE RÁPIDO SE ESVAIU.
– A CÓLERA-MORBO. – REAPARECE O INIMIGO.
– SEMPRE O INCÊNDIO. – RECRUDESCE A CÓLERA.
– UM REPOUSO, OS PALMITOS. – TERRÍVEL PASSAGEM
DUM BREJO. – O TENENTE SOUSA SANTOS.
– ACAMPAMENTO; CONSEGUIE-SE ACENDER FOGO.

*L*OPES, que por algum tempo víamos perturbado a ponto de duvidar de si próprio, acabava enfim de reconhecer onde estava e de orientar-se. Dissipara-se de súbito para ele o mistério, ao avistar um cume distante; mostrando-no-lo, deu certeza de que daí a dois dias estaríamos na sua estância: “De lá se avista,” disse, “aquele cabeça que estão vendo.”

Esta nova reanimou os mais fracos e mais desalentados. Se chegássemos ao Jardim a 21, poderíamos a 25 estar em Nioac antes dos paraguaios e preservar a vila dum novo saque, com esta marcha realizada em 11 dias em vez de 15.

Tínhamos destarte muito próximo de nós o termo das nossas misérias, quando outra nova, mais terrível que tudo, veio agravar a nossa situação muito além das mais tristes previsões: de improviso circulou pelo acampamento o boato de que tínhamos nele a cólera-morbo.

Havia já algum tempo que os Drs. Quintana e Gesteira haviam revelado o seu aparecimento ao comandante; depois um índio terena, recebido na enfermaria de Bela Vista, morreria com um dia de moléstia. Supusera-se a princípio que fosse apenas um caso esporádico, e guardara-se segredo, porque nada se podia fazer, visto carecermos de tudo para as precauções que deviam ser tomadas. Tinham acendido enormes fogueiras em todas as paradas, mas os soldados supunham que isso era apenas um meio de purificar o ar dos brejos; o silêncio era realmente o melhor preservativo contra a propagação da moléstia. Mas no dia 18 rasgou-se o véu do mistério: caíram três homens atacados da epidemia com gravíssimos sintomas, e desde então os nossos dous médicos, que haviam assistido à primeira invasão da cólera no Rio de Janeiro, julgaram de seu dever não ocultar por mais tempo a verdade.

Era necessário todavia pormo-nos a caminho; mas alguns soldados, na marcha, foram subitamente salteados de mal-estar e de síncope, o que produziu nas fileiras susto e confusão. Os três homens, atacados precedentemente, sucumbiram. Dentro em pouco a carreta que nos restava e o carro de munições que se lhe adicionou ficaram cheios de doentes, cujos gemidos apressavam por toda a parte a manifestação da epidemia.

Esse dia funesto teve uma tarde e uma noite, como era lícito esperar. A 20 pela manhã, o tempo, a princípio chuvoso, clareou, e o sol se tornou logo ardente: os animais andavam por isso ainda menos, e os homens mal se arrastavam com a morte debaixo dos olhos e no coração.

Os paraguaios tinham feito a ponte e passado. Já estavam na nossa frente; desde que o calor do dia dissipou o orvalho e secou a macega, puseram-lhe fogo e com tal êxito que, se não fora um mato de pindaíbas provido d'água, a coluna teria sido vítima do incêndio. Lopes apenas teve tempo de pôr-nos nesse lugar abrigado; o coronel deu ordem que aí acampássemos. Atacados nessa posição, defendemo-la como se defende o derradeiro refúgio. O tiro das nossas peças obrigou por fim o inimigo a retirar-se.

Ao redor de nós era tudo fumo, trevas e vapores ardentes: um dos nossos morreu sufocado. Outro que, cego no meio dum turbilhão, se metera entre os paraguaios, saiu dentre eles e tornou para nós sem haver sido reconhecido, graças à escuridão.

Nesse dia a cólera fez nove vítimas; deram-se vinte casos novos; Francisco das Chagas, o chefe dos terenas, carregado pela sua gente, chegou moribundo numa rede. Estes desgraçados índios estavam no auge do terror, mas não podiam separar-se da nossa coluna, porque todo o campo se achava ocupado pelo inimigo que, quando os apanhava, não deixava de dar-lhes a morte com os mais terríveis suplícios.

A que causa devíamos atribuir semelhante invasão da cólera, ou, melhor, a que causa poderíamos deixar de atribuí-la? Seria talvez a carne estragada que éramos obrigados a comer – ou a fome que padecíamos quando o nojo vencia a necessidade – ou ainda o intolerável odor dos incêndios que nos abrasava o sangue – ou o envenenamento por meio de todas as substâncias vegetais que devorávamos: grelos, frutos verdes e podres; poderia ser finalmente a insalubridade do ar viciado pela água estagnada dos lameiros e dos brejos, que são inúmeros na região.

Supunham alguns que a moléstia podia ter sido trazida pelos próprios inimigos. É possível que os paraguaios a tivessem tido, apesar de não sofrerem as mesmas privações que nós, porquanto receberam reforços do seu exército do Sul, dizimado por essa epidemia. É lícito crer que ela também os flagelasse, porque para o fim as suas investidas, apesar de freqüentes sempre, foram frouxas. Entretanto o número do *Semanário* de Assunção, que vai anexo a esta narrativa, não faz menção alguma, como se verá, da existência da epidemia nos seus acampamentos.

Caiu à noite uma chuva copiosa, que agravou todos os nossos padecimentos. Os coléricos, amontoados junto da pequena barraca dos médicos, ao ar livre e sem abrigo, receberam nos corpos álgidos os aguaceiros que se sucediam, de espaço em espaço. Causava dó ver esses desgraçados, em agitação extrema, rasgando os trapos com que procurávamos cobri-los, rolando uns sobre os outros, a torcerem-se com câibras, vociferando, soltando bramidos que se confundiam num só grito articulado: água!

Os médicos não tinham recursos; os enfermeiros, a princípio zelosos e ativos tinham desanimado diante do número crescente de doentes, e, apesar da ordem que proibira como fatal o uso da água, davam-lhes alguma para satisfazer um instante ao menos aos moribundos; a isso limitavam-se os seus cuidados.

Apesar de tudo pusemo-nos em marcha na manhã de 21. A carreta e o carro de munições, que levavam mais do dobro da carga ordinária, deixavam pender para todos os lados braços, pernas, cabeças que já pertenciam à morte. Os manchegos, os armões da artilharia estavam igualmente atulhados de infelizes recentemente atacados e já prestes a expirar.

Mas, logo que a macega perdeu a umidade, o odioso expediente de guerra dos paraguaios foi ainda empregado contra nós; a cerca de um quarto de légua da nossa última parada, o incêndio, impellido pela aragem fresca, pareceu por um momento que nos envolveria no próprio sítio onde havíamos parado, e onde seria baldado todo o zelo de Lopes. A mudança do vento desviou aquele furacão aceso. Continuamos o nosso lúgubre desfilar; mas ainda não tínhamos vencido meia légua, os bois da artilharia afrouxaram, por não terem bebido água desde o acampamento do dia 19.

Felizmente estávamos num terreno cuja vegetação escapara ao fogo da manhã, provavelmente graças à mesma corrente de ar que nos salvara. Era uma extensa chapada, que se levantava de improviso de uma depressão de terreno, onde corre um minguido riacho. Outra chapada, pouco mais alta e voltada para o sul, ligava-se a um campo imenso, o mesmo que Lopes numa primeira invasão denominara “Campo das Cruzes”, e ao fundo do qual se erguia o nosso ponto de orientação, o morro da Margarida. O perfil deste pico tem qualquer cousa de notável na sua elegante regularidade; já o tínhamos avistado uma vez de Bela Vista, e agora o saudamos como a velho amigo.

Se tal foi a nossa impressão, com certeza a de Lopes foi ainda mais viva: depois de dúvidas cruéis, justificava-se ele aos seus próprios olhos. A alegria restituiu-lhe toda a vivacidade da primeira juventude. Rompia naquele momento novo incêndio no campo; vimo-lo correr com um facho na mão para combatê-lo, dizia, com armas iguais; e conseguiu-o passando por entre os cavaleiros paraguaios espalhados pelo campo e que quase o pegaram.

Em plena posse de si novamente, estava Lopes aliviado de toda a responsabilidade que assumira; e, quando se lhe observava quanto era necessário poupar-se, respondia que ninguém podia ir de encontro à vontade de Deus, que tudo se devia pôr na mão de Deus, o qual lhe dizia que

estávamos chegando ao termo das nossas provações. “Demais”, acrescentava, “saibamos morrer; os que ficarem dirão o que fizemos.”

A 22 não marchamos mais de três quartos de légua, porque estávamos na dependência das juntas que puxavam os canhões, e ainda na véspera o gado quase nada bebera, porque mal bastou para a gente o delgado filete d'água da nascente, junto da qual acampáramos.

Força foi parar perto dum alagadiço, cuja vegetação era bastante apta para dar algum vigor aos nossos animais, e ali ficamos apoiados a um mato que felizmente ia até ao riacho denominado Prata, o primeiro afluente meridional do Miranda, segundo Lopes nos informou. Estávamos consequentemente perto dessa ribeira, objeto de tantos anelos.

Uma vez neste ponto, o coronel não viu mais obstáculo que o impedisse de comunicar para Nioac a nossa aproximação e a do inimigo. Estava livre a comunicação pela mata do Prata, que se vai perder na do Miranda, de forma a não haver risco algum em passar-se. Escolheu para esta comissão dous homens decididos, afeitos à vida do mato, caçadores e vaqueanos da localidade.

O bilhete que levaram era dirigido ao coronel honorário que comandava o depósito, e redigido em francês para escapar à possibilidade de ser divulgado. Em resumo dizia que a coluna batera em retirada, e chegaria provavelmente a Nioac antes do inimigo, mas que em todo caso convinha que transferisse logo e para lugar seguro as munições, os víveres, o arquivo e alguma bagagem dos oficiais; era mister sobretudo que toda a tropa disponível fosse, às ordens do capitão Martinho, emboscar-se na mata e deter os paraguaios, caso aparecessem.

Estes mensageiros chegaram à colônia Miranda no dia 24; ali encontraram os mercadores, que tinham retrocedido com o seu habitual vagar, tendo achado, ainda avolumados pelas chuvas, os ribeirões que nós evitáramos vindo pelo caminho da estância do Jardim. Os nossos correios, deixando atrás este comboio, foram chegar a Nioac a 27, com o officio do comandante, e contaram o que haviam visto no nosso acampamento, não esquecendo também todos os boatos ruins, de que se fizeram eco os mercadores em caminho.

Avançamos, a 23, perto de légua e meia, considerável esforço, porque os nossos soldados válidos iam quase todos carregando as padiolas

dos doentes, e destes mesmos carregadores, vários, subitamente atacados, em vez de ajudarem aumentavam a carga.

O contínuo estrebuchar dos agonizantes tornava horrivelmente penosa esta faina, a ponto dos homens extenuados se porem também, como à porfia com os coléricos, a soltar gritos selvagens de impaciência, ameaçando atirar com tudo fora e abandoná-los. Só algumas redes onde iam oficiais tinham aspecto decente; lembra-nos ter visto em uma delas o belo rosto resignado do tenente Guerra, moço exemplar e filho único de uma viúva que não tinha de tornar a vê-lo.

Ainda nesse dia veio o incêndio precedido dum ataque de atiradores; foram estes repelidos, e o fogo também cessou; mas o outro inimigo, a cólera, redobrou de violência: não poupava a ninguém. Uma família inteira desapareceu no mesmo dia: pai, mãe e filho sucumbiram dentro de poucas horas, fulminados a um tempo. Uma criança de peito morreu de inanição, tendo passado dos braços da mãe moribunda para seu marido, e deste para o de seus camaradas que também não tinham alimento algum.

Soube-se que dous dos nossos tinham enlouquecido. Explicavam-se assim os gritos ferinos, que acompanharam com suas notas agudas todos os rumores que nos afligiam habitualmente, lamentos, furores e desespero. Outro mal começou: a deserção. Desapareceram 24 soldados da linha de defesa do acampamento, não obstante só poderem esperar a morte à fome ou às mãos do inimigo. Desse dia em diante, não houve cerrado ou mato, onde se não escondesse algum fugitivo. Os nossos índios guaicurus deixaram-nos, não bastando para detê-los o temor da sorte que os aguardava, se fossem apanhados pelos paraguaios.

Tais eram os incidentes que ocorriam no meio de nós. Posto que os próprios oficiais fossem dizimados, mantinha-se calmo o espírito geral da corporação: procuravam-se uns aos outros, reuniam-se trocavam palavras de benevolência e de bom conselho. Semelhante tranqüilidade era natural em homens de temperamento especial como José Tomás Gonçalves, Pisaflores e Marques da Cruz, ou excepcionalmente fortes como Lago, Catão e José Rufino; todavia notava-se a mesma atitude de impassibilidade em outros, menos energicamente constituídos: no tenente-coronel Juvêncio ela tomava a feição melancólica, ao lembrar-se da família. O comandante,

esse fechara-se em sua dignidade e no sentimento do dever; aproximava-se a hora, em que devia dar-nos disso prova solene.

Na manhã de 24, uma chuva torrencial e contínua transformou logo em lamaçal o solo barrento em que nos achávamos acampados. O vento impetuoso e picante atirava sobre nós verdadeiras enxurradas. Nem por isso deixou de ir Pisaflores, o bravo rio-grandense, à frente de 100 homens, a um quarto de légua pela margem do Prata, abrir uma picada no lugar indicado por Lopes. Esse trabalho, que foi rapidamente executado, deu aos trabalhadores oportunidade de descobrirem palmitos em profusão: inesperado recurso que resolveu o comandante a mandar parar, até porque o solo aí também estava mais seco. A marcha não pôde continuar antes das 5 horas da tarde, e o que foi essa mudança de lugar só pode ser expresso pela palavra desolação. Os paraguaios, observando-nos de muito perto, assaltavam-nos com vaias e tiros de espingarda, a que respondíamos como podíamos; o mais cruel, porém, foi, ao atravessar um grande charco, o banho gelado em que mergulhamos até à cintura. Não houve mais possibilidade de manter formatura: nem sequer nos enxergávamos. À escuridão compacta que sobreveio, sucedeu a noite sem intervalo – uma dessas noites propícias aos desastres e aos crimes: mais de um doente foi afogado pelos que o carregavam.

Às 8 horas o grosso da coluna passara e acampara; às 10, veio a retaguarda ocupar seu posto. Pela noite adiante foram chegando retardatários, condutores de carretas que se tinham extraviado, até coléricos que haviam conseguido pôr-se de pé, depois de atirados das padiolas abaixo.

Deu-se no entanto uma cena que consola relembrar. Entre as padiolas de soldados, uma houve que ia mergulhar no brejo, por ter caído um dos carregadores e prestarem-se talvez os outros três a este acaso que os livrava da carga, nisto, um quarto apoio, o ombro de um oficial apresentou-se para salvar o infeliz que ia morrer. O tenente Clímaco dos Santos Sousa que praticou este ato caridoso teve em prêmio o aplauso se todos.

Estávamos acampados num terreno menos lodoso, mas passou-se largo tempo sem se poder atear fogo à lenha encharcada d'água, que trazíamos. Felizmente a madeira era resinosa. Com que alegria foram saudadas as primeiras chamas! Um lugar junto destas fogueiras era disputa-

do; quase todos porém se acomodaram afinal, sãos e doentes de mistura: dous coléricos até morreram ali. Arredaram os cadáveres; eram heranças a receber, lugares de calor. Trouxeram logo palmitos, que os mais ágeis dos nossos, assim que se sentiram um tanto aquecidos, tinham ido pedir aos trabalhadores do capitão Pisaflores. O alimento foi prontamente cozido sobre as brasas, na cinza, e cada qual mais ou menos teve o seu quinhão: os hábitos hospitaleiros da mesa brasileira nunca se desmentiram, nem ali nem em outros lugares, nas mais terríveis conjunturas.

.....

Capítulo XVII

CHEGADA AOS LIMITES DA PROPRIEDADE DO GUIA LOPES. –
PASSAGEM DO PRATA. – O INIMIGO ACOMPANHA SEMPRE,
MAS ATACA FROUXAMENTE.- DEVASTAÇÕES DA CÓLERA. –
HESITAÇÕES DO CORONEL CAMISÃO. – ABANDONO DOS
DOENTES. – A SEPARAÇÃO. – O TENENTE-CORONEL JUVÊNCIO
E O CORONEL CAMISÃO ATACADOS POR SUA VEZ. –
MORTE DO FILHO DE LOPES. – CONTINUA A MARCHA. –
CHEGADA À ESTÂNCIA. – LOPES MORRE
ALI DE CÓLERA. SEU TÚMULO.

APICADA que o capitão Pisaflora acabava de abrir dera já passagem ao nosso guia, o qual, vendo-se finalmente no limite das suas terras, dessa estância de que tanto gostava e tantas vezes falava, não resistira ao desejo de entrar nela o mais depressa possível; para lá seguiu com o filho e com refugiados do Paraguai. A largura da picada era bastante para a passagem da gente, mas não das carretas e das peças; cumpria também melhorar as rampas lamacentas do rio, o que requeria tempo, atenta a fraqueza em que estávamos, de moléstia e fome.

Só às 10 horas desse dia 25 começamos a nos mover para alcançarmos a margem direita do Prata, onde ocupamos uma eminência que domina todos os arredores.

O transporte tinha de ser extremamente lento, e como não ser assim? Eram 68 as padiolas que deviam transpor o rio, e cada uma empregava oito homens que se revezavam: todos eles além disso de má vontade e impacientes, mostrando os mais recalcitrantes os pés estrepados e a correr sangue. Os oficiais, de espada em punho, exigiam cumprimento deste dever, tanto mais custoso quanto dele se não podia esperar o menor resultado benéfico: estando como de antemão condenados todos os doentes, a verdade era que assim se sacrificava por amor de moribundos o que restava de vigor e futuro no corpo do exército. Tínhamos perdido muito mais de 100 homens desde a invasão da epidemia, e ainda uns 20 acabavam de ser enterrados com o tenente Guerra no acampamento que deixávamos.

Às 2 horas da tarde, e à custa de trabalho, tudo estava na margem direita; queimou-se a nossa última carreta e foram mortos os bois para serem comidos. Durante toda a tarde, multiplicaram-se os casos epidêmicos a ponto de ser impossível conceber como havíamos de avançar. Uma tentativa de novo arranjo das padiolas, feita por ordem do comandante, levou ao desespero o descontentamento dos soldados, que nisso enxergavam apenas acréscimo de carga e de fadiga. Chegamos a pressentir que entre eles surgia a idéia de debandada geral: “Metendo-nos pelo mato”, diziam, “alguns chegarão a Nioac, e ao menos deixaremos de ser escravos de agonizantes, pela mor parte enfurecidos.”

Os inimigos entretanto tinham vindo ocupar o nosso último acampamento; despacharam contra nós uma chusma de atiradores, que logo se sumiram diante de duas companhias nossas. Então, como não podíamos perseguir-los, empregaram a sua folga em revolver todos os recantos do acampamento. Vendo as sepulturas ainda frescas, abriram as covas e tiraram delas os cadáveres para saqueá-los e se apoderaram dalguns miseráveis andrajos, cuja posse violentamente disputavam uns dos outros; vários até os vestiram. Com óculo de alcance acompanhamos distintamente esse revoltante espetáculo, que nos deixou estupefatos como diante de incrível miragem; mas uma granada atirada pela peça de Napoleão Freire, apontada sobre eles quando em grande número estavam no meio das sepulturas, foi estourar-lhes exatamente sobre as cabeças, matou alguns, atirou a outros nas covas, dispersou o resto e fê-los fugir. Esta justa represália deu alguma animação à nossa gente, até ao pôr-do-sol daquele triste dia.

À noite fomos chamados pelo coronel Camisão, que já tivera várias conferências com os comandantes dos corpos. Parecia profundamente abalado, mas falou sem azedume da fatalidade que acompanhava os movimentos da coluna, e repetiu muitas vezes (o que deveras sentia), que para um chefe a morte era preferível ao espetáculo que havia algum tempo tinha debaixo dos olhos. Queixou-se em termos moderados, sem o amargor de outras ocasiões, da escolha do caminho que lhe haviam feito tomar. “E Nioac?”, exclamava. “E os nossos doentes? Eu quisera estar no lugar de um desses que morreram!...” Percebíamos bem que ele tinha mais alguma coisa a dizer, mas não se expandiu, e retiramo-nos.

Segunda vez, às 10 horas da noite, vieram de sua parte chamar-nos; estávamos deitado num couro ao lado do tenente-coronel Juvêncio. Fomos juntos. O comandante consultava o major Borges e o capitão Lago, discutindo com eles o meio de transportar os novos doentes. Tratava-se de colocá-los em metades de couro presas pelas beiras à maneira de artolas, e de pô-las nas mulas que carregavam o cartuchame. Era inexequível, quando nada só pelo peso que assim se faria recair sobre os soldados já totalmente extenuados. O coronel sustentou esta idéia insistentemente contra a opinião de todos; separamo-nos ainda sem conhecer-lhe a fundo o pensamento.

Afinal, pelo meio da noite, convocou novamente os comandantes e os médicos. Acabava de tomar uma resolução suprema, que consigo mesmo debatera nos dias precedentes como recurso derradeiro, e cuja idéia acudira a todos os espíritos como ao seu, sem que todavia ninguém ousasse manifestá-la.

Depois de expor em breves palavras a situação, a urgência em avançar, sem o que toda a gente morreria, a impossibilidade agora bem verificada e reconhecida por todos de levarmos mais longe os doentes, declarou aos comandantes que, sob sua própria responsabilidade e segundo o rigor do que considerava um dever, os coléricos, exceção feita dos convalescentes, iam ser abandonados naquele pouso!

Nem uma só voz se ergueu contra esta resolução, cuja responsabilidade inteira ele assumia generosamente; longo silêncio acolheu a ordem e consagrou-a.

O coronel convidou entretanto os médicos a apresentarem as observações, que o seu dever profissional lhes pudesse inspirar.

O dr. Gesteira, após alguma reflexão, disse que não podia tomar a liberdade de aprovar nem reprovar; conservava-se silencioso, porque neste caso parecia que estava em contradição absoluta o seu juramento de médico e a sua consciência de funcionário público ao serviço da expedição.

Então o comandante, como um desvairado, ordenou que imediatamente, à luz de archotes fossem abrir uma clareira no mato vizinho, para transportar para lá e deixar ali os coléricos. Ordem tremenda de dar e tremenda de executar, mas que, cumpre dizê-lo, não suscitou desacordo nem censura! Os soldados puseram logo mãos à obra, como se obedecessem a uma ordem vulgar, e em seguida (tanto neles desaparecera o senso moral sob o império da necessidade) puseram no mato, com a espontaneidade do egoísmo, todos aqueles inocentes condenados, os míseros coléricos, muitos deles velhos camaradas, às vezes amigos provados na comunhão dos perigos.

E, cousa que pode parecer menos extraordinária, os próprios coléricos, no primeiro momento, sem que fosse necessário recorrer a qualquer subterfúgio, aceitaram resignados esse último golpe do destino. Contribuíam provavelmente para a indiferença dos pacientes as dores da horrível moléstia, e quiçá também a idéia do repouso substituído às torturas dos solavancos da marcha, mas sobretudo esse fácil desprendimento da vida, que é próprio dos brasileiros e faz deles depressa excelentes soldados. Só pediam todos um favor: dessem-lhes água.

Debaixo de tantas impressões funestas, tínhamo-nos agrupado à roda da barraca do tenente-coronel Juvêncio, cujos gemidos despertaram a atenção de todos: a moléstia acabava de salteá-lo. Correr à barraca dos médicos foi nosso primeiro movimento, e voltávamos dali quando se ouviu perto uma detonação seguida de muitos tiros das sentinelas inimigas. Era o ordenança do quartel-general que se suicidara: sentira de súbito câibras violentas; acabava de libertar-se delas.

Todo esse barulho se produzira sem que o tenente-coronel desse mostras de percebê-lo. Sua agitação tomara a pouco e pouco a feição duma alucinação frenética: e nós mesmo, velando junto dele, mortos de cansaço e exaustos de tantos abalos, não podíamos resistir a uma como modorra pejada de visões de abandono e morticínios.

O transporte das vítimas durara toda a noite, até ao amanhecer. Nesse momento de agonia para os desgraçados que abandonávamos, Lopes, o velho guia, que na véspera voltara da excursão às suas terras e que já nos dissera que o filho estava doente, veio anunciar-nos a sua morte. Tinha a voz trêmula, mas a atitude calma. “Morreu meu filho”, disse depois ao coronel, “e eu desejo levar-lhe o corpo para o primeiro sítio das minhas terras, onde o possa enterrar: é um pequeno favor que solicito para ele e para mim; a sua vida, como a minha, pertencia à expedição. Deus, que é quem manda, salvou-o muitas vezes das mãos dos homens para o levar hoje.”

Tudo se entenebrecia a cada momento em torno de nós. Nada era mais digno de inspirar simpatia e piedade do que o aspecto do coronel, depois da ordem que dera, e que se cumpria enquanto começávamos a marchar. Pesar, remorso, perturbação de espírito no apreciar os motivos que o tinham feito obrar e que ele ainda parecia discutir no seu íntimo, quando já suas ordens haviam passado aos domínios dos fatos consumados: estava pálido como um espectro, parando a pesar seu para escutar.

Por muito silenciosos e tristes que houvessem sido os preparativos, não foi sem gritos, sem rumores estranhos cuja causa assombrava o espírito que chegou o momento da separação: nenhum de nós resistiu à emoção. Entregávamos ao inimigo mais de 130 coléricos sob a proteção de um mero apelo à sua generosidade nestas palavras traçadas em grandes letras sobre um cartaz pregado a um tronco: “Compaixão para os coléricos!”

Pouco depois de partirmos e já fora do alcance da vista, o estrépito de uma nutrida descarga de fuzilaria veio ferir-nos os corações; e que clamores indizíveis não ouvimos! Nem ousávamos olhar uns para os outros.

Segundo o que mais tarde nos contou um dos pobres abandonados, salvo por milagre, muitos doentes (ele não sabia bem se houvera, ou não, geral morticínio) levantaram-se convulsivamente e, reunindo todas as suas forças, deitaram a correr no nosso encalço: nenhum pudera alcançá-los, ou fosse por fraqueza, ou pela crueldade do inimigo. A nossa coluna entretanto, instintivamente, como se fora para esperá-los, havia demorado a marcha.

Já os nossos armões estavam atulhados de novos doentes de envolta com os convalescentes; o corpo de exército, tomado do mais sombrio desespero, tinha apesar do seu cansaço, vencido talvez duas léguas.

Deteve-o a necessidade de repouso à margem de um ribeirão, que atravessa as dependências da estância do Jardim.

O filho de Lopes, levado até ali num reparo da peça e escoltado – pelos seus antigos companheiros de cativeiro no Paraguai, foi enterrado na margem direita. O pai, que se conservara a certa distância da cova enquanto a abriam, quando lhe vieram dizer que o terreno estava encharcado, respondeu: “Agora, que importa? Deem à terra o que é dela.”

Voltou pouco depois para junto de nós, pálido e como extenuado de cansaço, mas dominando-se. Sob os nossos olhos se estendia a sua imensa propriedade, da qual nos mostrou vários pontos para ele consagrados pelas recordações da vida tranquila que levava noutro tempo. Acolá, ao longe, iam as suas vacas beber água de um terreno salitrado. Do outro lado o gado, em parte meio bravo, encontrava excelente pastagem que o detinha ou o convidava logo a voltar. Outros sítios despertavam-lhe a idéia de alguma cena patriarcal. Estava com uma expansão febril, que não podia conter.

Quando o deixamos, já inquietos tínhamos pressa em ir ter com o tenente-coronel Juvêncio; achamo-lo em estado desesperador como suspeitávamos; e indo referi-lo ao comandante, foi com o certo pavor que o vimos também atacado por sua vez. Deitado de costas no capim, com o chapéu sobre o rosto, apenas se levantou e descobriu-se para falar-nos, reputamo-lo irremediavelmente perdido: tinha o fâcies típico do colérico. Conservava todavia uma calma que a situação tornava admirável. “Também eu”, disse, “vou morrer: não podia ser senão assim. Mas salvei a expedição, o Senhor sabe e há de dizer um dia.”

Quando tornamos a marchar, ele nem tentou montar a cavalo; foi levado num armão ao lado do tenente Sílvio, já agonizante: dous cadáveres, um perto do outro. A impassibilidade do coronel era absoluta; ia com as mãos cruzadas sobre o peito e o chapéu abaixado sobre os olhos para resguardar-se dos raios do sol deslumbrante que iluminava esta triste cena. Queixando-se por sua parte Juvêncio desta vivíssima claridade, corremos a tomar o chapéu de sol que um dos nossos levava aberto; não pudemos conter um grito de angústia ao reconhecer debaixo desse abrigo um dos rapazes mais estimáveis do corpo de exército, o tenente Miró, que estava expirando entre horríveis padecimentos. De manhã tínhamo-lo vis-

to robusto e válido; posto agora sobre o seu cavalo, mal se sustinha entre os braços dum patrício e amigo, o capitão Deslandes, que daí a pouco tinha de enterrá-lo.

Havia sido designado o ponto de parada: era no meio do retiro do Lopes; chegava a seu termo a missão do velho guia, e este dever parecia ser o último laço que o prendia à vida. Dissera-nos algumas horas antes: “Olhe para aquele campo verde-escuro; é o meu retiro; não chegarei até lá. Os senhores dentro em pouco estarão em Nioac.”

Enfraquecido, curvado como um arco, ia com a cabeça deitada no arção da sela. De repente perdeu os estribos e foi ao chão; estava com a cólera. Tendo sido posto num armão, foi-se aos poucos reanimando, e dali mesmo ainda dirigia a marcha. Como seu genro Gabriel quisesse cortar por meio de um cerrado: “Rodeiem-no”, disse com voz sumida, “tem muito espinho.”

Ao cair da noite, achamo-nos diante da colina, ao pé da qual está o retiro, o antigo ponto de reunião do gado da estância, que Lopes nos mostrara de longe, Descambava o sol; na extrema do horizonte compridos raios alaranjados partiam-lhe do disco e realçavam um belíssimo panorama, tão belo que ainda o temos gravado na memória. Estes eternos esplendores da natureza tornavam ainda mais pungente o sentimento da nossa ruína próxima, e estávamos absortos na sua contemplação, quando chegou a galope um esquadrão paraguaio tentando cortar em algum ponto a nossa linha desigual e interrompida; mas fez-se alto geral, e isso nos livrou do ataque.

Acampamos ali mesmo, tendo feito quatro léguas de marcha forçada, privados de alimento e de sono: arrastara-nos a necessidade. Entramos nos cercados do retiro.

O coronel Camisão, o tenente-coronel Juvêncio e o nosso guia Lopes foram acomodados num telheiro arruinado, junto do qual se acenderam grandes fogueiras para proporcionar-lhes calor. Limões e algumas laranjas que lhes trouxeram acalmaram um tanto a sede que os abrasava. O dr. Gesteira quis ainda experimentar um medicamento no coronel: “Doutor”, disse, “vá ter com os soldados, não se canse inutilmente comigo; sou homem morto.” Sua calma não o abandonou um instante. Soltava apenas alguns gemidos surdos, sofrendo aquilo mesmo que fazia gritar e estrebuchar aos seus companheiros de dor.

Correu a noite para todos em extrema agitação. Lamentos respondiam a lamentos; às torturas da moléstia cresciam os desfalecimentos da fome.

Na manhã de 27 os inimigos ainda se aproximaram de nós, ameaçando disputar-nos a passagem do riacho a que o retiro dá o nome; contiveram-se porém diante da atitude do batalhão de voluntários nº 19, que formava a nossa retaguarda, e a marcha continuou na véspera. O coronel, já sem voz, era levado em cima dum armão, Lopes em outro, o tenente-coronel Juvêncio em rede com vários oficiais e inferiores. Três haviam morrido no pouso.

A meia légua do retiro, chegamos finalmente à margem do rio Miranda, mas tão abatidos e cheios de dor, que nem isso nos pôde dar alegria. Na margem fronteira via-se a casa do guia, o teto hospitaleiro, onde o viajante encontrava outrora agasalho e fartura de tudo. Ao chegar, o nobre velho expirou, insensível à vista de quanto amara.

Foi enterrado no meio do nosso acampamento. Seus amigos puseram-lhe sobre a sepultura uma cruz de madeira.

.....

Capítulo XVIII

CHEGADA ÀS MARGENS DO MIRANDA. – PÕE-SE O INIMIGO A DISTÂNCIA PARA EVITAR O CONTÁGIO DA EPIDEMIA. – O MIRANDA NÃO É VADEÁVEL. – ALGUNS HOMENS ATRAVESSAM-NO A NADO E TRAZEM A BOA NOTÍCIA DE UM LARANJAL CARREGADO DE LARANJAS MADURAS. – OS CAÇADORES TÊM ORDEM DE TENTAR A PASSAGEM. – CONSEGUEM-NO. – MORTE DO TENENTE-CORONEL JUVÊNCIO. – MORTE DO CORONEL CAMISÃO. – É SUBSTITUÍDO NO COMANDO POR JOSÉ T. GONÇALVES. – ARMA-SE UM VAIVÉM SOBRE O RIO. – CHEGAM LARANJAS EM ABUNDÂNCIA. – SEU EFEITO BENÉFICO SOBRE OS FAMINTOS E COLÉRICOS.

ERA desesperada a nossa situação. Os paraguaios, de observação ao redor, dir-se-ia, como declarou o *Semanário* de Assunção apenso a esta narrativa, que gozavam tranquilamente, em descanso, do espetáculo do nosso aniquilamento pela fome e pela moléstia. De fato, tínhamos em frente um grande rio a transbordar, e que nos cortava todos os meios de salvação.

A estação de abril a setembro não é de chuvas; mas, como se tudo contra nós se congregasse, os aguaceiros torrenciais haviam sido tais desde o dia 13 de maio, que o Miranda crescera de modo assustador, bramindo e espumando sobre as raízes descobertas das árvores da ribanceira, e não permitindo a esperança de se lhe achar vau senão muitos dias depois;

e todavia a coluna só tinha esse recurso para salvar-se. Não se podia pensar em fazer ponte pois que mal tínhamos válidos os homens precisos para o serviço de sentinelas: homens em verdade muito capazes ainda de ardor e energia num combate, mas não dum trabalho manual contínuo, qual o reclama uma construção de certo porte. Estávamos portanto, sob os olhos dos paraguaios, conforme uma expressão desses domadores de animais, como gado encurralado e destinado ao matadouro.

A despeito entretanto e o aspecto ameaçador do rio, alguns nadadores ousados, impelidos pela fome, atiraram-se à água e, contra toda a expectativa, após muito esforço, chegaram à outra margem; não acharam ali rasto de inimigo, O que descobriram foi a tranqüila morada do nosso valoroso guia, cercada dum belo laranjal, realização tão agradável quanto completa das promessas do velho e de todas as magnificências que ele nos contara do seu pomar.

Para logo um dos primeiros exploradores daquela terra da promessa, e que, pensando nos companheiros de infortúnio, teve a audácia e o mérito de atravessar de novo o rio, veio, pintando animadamente o que lá estava diante de nós, inflamar os que haviam conservado algum vigor de iniciativa. Como a ausência demasiado sensível do chefe deixasse a todos tal ou qual liberdade, dirigiram-se confusamente para a beira do rio a fim de tentar a passagem. Muitos tentaram-na: os mais fracos ou os mais infelizes, traídos pelas próprias forças, engoliu-os a correnteza! outros, em número maior, retrocederam e, contemplando os felizes ocupantes da margem oposta, ficaram como tomados de desespero, escapando de desaparecer o pequeno resto de disciplina que ainda sobrevivera a tantos desastres.

O comandante, do próprio couro onde jazia estendido, agonizante quase, dava ainda ordens; umas, é certo, incoerentes e inexequíveis, mas outras lúcidas e práticas. Ordenou que o corpo de caçadores a pé, o único ainda não viciado pela desorganização, transpusesse imediatamente o rio e, indo guarnecer a outra margem, impedisse o saque do pomar, até que ele próprio pudesse lá ir, dissera, e proceder à justa distribuição do que havia.

Conforme esta prudente determinação, o capitão José Rufino teve de fazer passar toda a sua gente. Pensou primeiro em construir uma jangada, mas faltavam materiais e mais que tudo operários. Ficou impaciente. Podia contar com todos os seus homens afeitos à disciplina severa,

e que só sabiam obedecer-lhe; viu-os porfiarem entre si para facilitar a passagem dos oficiais. Foi ele próprio o primeiro a meter-se num couro levantado e preso pelas quatro pontas em forma de saco (o que chamam ali pelota), que um nadador puxa por meio de uma corda presa entre os dentes. Destarte se pôs à frente de toda aquela massa tumultuosa de homens.

Não os perdíamos de vista. Quando eles chegaram ao meio da torrente, ainda os ouvíamos, entre o marulho das águas, acoroçoarem uns aos outros. Houve, segundo pareceu, um momento de luta e de hesitação que nos fez tremer pela sua vida; mas reapareceram logo, dirigindo-se para a outra margem, se bem que com grande declinação. Vimo-los afinal sãos e salvos chegando a porto da estância: era um consolo e uma esperança.

Entretanto a epidemia, longe de declinar, recrudescia violentamente. Aumentava o número de doentes, e era de recear que, quando o rio baixasse a ponto de tornar-se vadeável, não tivéssemos outro recurso senão abandonar um segundo grupo de moribundos à mercê do inimigo implacável. Só imaginar semelhante necessidade causava-nos a angústia dum pesadelo. Todo o corpo de artilharia acabava de desfazer-se. Depois dos mais débeis, que sucumbiram primeiro, chegara agora, ao contrário, a vez dos mais robustos: eram-nos arrebatados como para acabar de vez com a arma que nos salvara. Seus chefes todavia nada esqueceram do que podia pô-los em condições mais propícias para evitar ou para combater a moléstia. O tenente Nobre de Gusmão dava constante exemplo de dedicação para com os doentes: e os soldados, imitando, haviam tomado o hábito de cuidados recíprocos, que não havia nos outros corpos.

Eis a situação cada vez mais deplorável, em que veio achar-nos o dia 28. De espaço em espaço íamos examinar o nível d'água, para ver se baixava, visto que era esse o único meio de salvação. Nada havia para comer, e mal podíamos obter a peso de ouro algumas laranjas, que os andadores mais intrépidos traziam com largos intervalos. Foi este, aliás, o único alívio a que não pareceram insensíveis o coronel Camisão e o tenente-coronel Juvêncio, na sede de agonizantes que a água ainda mais exasperava.

Depois da passagem do corpo de caçadores, era cada vez maior o ajuntamento à beira do rio; todos os seus movimentos eram acompanhados com a vista e comentados, e a espaços lá se atirava um a nado, ou se arriscava num couro para ir reunir-se a eles, apesar das ordens dadas. A morte de vá-

rios, que assim se afogaram, mostrara já a necessidade de manter com maior rigor esta proibição; nem ameaças porém, nem considerações foram capazes de deter um capitão do batalhão nº 20, que todo vestido se meteu num couro puxado por dous nadadores: supunha poder fiar-se neles, mas no meio do rio, faltando a estes as forças, entregaram-no à corrente. Vimo-lo fazendo grande esforço para conservar-se à flor d'água, depois afundou e desapareceu a pouco e pouco, com gritos de desesperação, aos quais em falta de socorro se uniam os da multidão aglomerada no ponto donde ele partira.

Pouco depois, chegou da outra margem um nadador dizendo que escapara de ser levado pela força da correnteza, que era quase irresistível no meio do rio; assim perdemos certa esperança, que o súbito abaixamento das águas nos fizera alimentar. Voltou-se à idéia de que antes de muito tempo não haveria vau e o abatimento dos soldados não teve mais limites.

O susto porém era infundado, porque todos os rios, depois de terem sido retardados pela sua própria expansão quando transbordam, readquirem ao entrar no leito uma velocidade maior, mas que é apenas passageira, pois diminui logo progressivamente, se as chuvas se não repetem, até voltarem as águas ao seu regímen habitual.

Até lá, e não somente por afluírem os homens para a beira do rio, o nosso acampamento estava deserto. Houve para isso outra causa. Os doentes, à procura do fresco, tinham transposto um pequeno brejo que rodeava o nosso pouso, e ido colocar-se mais longe num mato cerrado, dos dous lados da estrada aberta de Miranda. Seus amigos e parentes acompanharam-nos, e todos ali se acomodaram como para ficar. Vários soldados se haviam metido pelo matagal à procura de alguma caça, e a espaços se ouviam tiros. Supusemos a princípio que fosse o inimigo, por não saberemos o que acontecera. Esse porém sumira-se, ou para procurar passagem que lhe permitisse tomar-nos a dianteira na outra margem, ou para livrar-se da epidemia que conosco levávamos.

Nesse mesmo dia 28 morreram algumas mulheres, mais desamparadas ainda do que os outros doentes, mais despidas de qualquer socorro e, por causa de sua natural fraqueza, mais assinaladas com o estigma da última miséria.

Já quase se não fazia sentir entre nós a autoridade; ela fora sempre, desde o começo, muito vacilante nas mãos do coronel Camisão, enquanto tinha de tomar a iniciativa de uma decisão ou escolher entre vários pareceres e alternativas diversas; tornara-se, é verdade, mais firme quando só tivemos reveses que suportar; e para o fim chegara até ao heroísmo, quando, por uma abnegação cujo esforço certamente lhe custou a vida, o comandante abandonou os nossos doentes para salvar o corpo de exército; desde porém que o cólera o atacara, ia tudo à mercê do acaso: sentia-se que era indispensável outro chefe.

A 29 não houve mais dúvida que o coronel morria. O padecimento vencera várias vezes aquela dignidade, que ele tanto prezava: “Se dizem que a água é mortal”, exclamava, “deem-ma, para que eu morra!” Caiu em estado de torpor e sonolência; cobriu-se-lhe o corpo de manchas violáceas. Às 7 e meia, fez supremo esforço, ergueu-se do couro em que estava deitado, encostou-se ao capitão Lago e perguntou-lhe onde estava a coluna, repetiu ainda uma vez que a salvara, e depois, volvendo os olhos já vidrado para o seu ordenança: “Salvador”, disse em tom de comando, “dá-me a espada e o revólver.” Tentou afivelar o talim, mas nesse mesmo momento deixou-se cair, murmurando: “Mandem seguir a força; eu vou descansar.” E expirou.

A alguns passos dali, numa barraca aberta por todos os lados, estava o tenente-coronel Juvêncio. Recobrava um pouco a voz e passara a horrível tortura das câibras; mas queixava-se de intensa dor no fígado. O tenente Catão, a quem ajudávamos quanto podíamos, fazia-lhe constantemente aplicações novas, sem conseguir aliviá-lo. A ambos nós recomendava sempre sua família. Ao meio-dia acalmou-se, caiu em modorra entrecortada de sobressaltos, e expirou às 3 horas, depois de entregar-nos, para sua mulher e seus filhos, uma bolsa de couro onde guardava algumas economias da campanha.

Foi enterrado o coronel, fardado e com suas insígnias, numa cova que se abriu debaixo duma grande árvore na mata; em outra cova, próxima e à direita, o corpo do tenente-coronel Juvêncio foi depositado pelos seus camaradas do corpo de engenharia e por alguns oficiais d'artilharia. Teremos eternamente gravada na memória aquela lúgubre cerimônia, que na escuridão da mata e da noite ainda mais lúgubre fazia. Eram quase 7 horas

quando dali voltamos. Repousam os nossos amados chefes na margem esquerda do Miranda, a pouca distância da entrada da mata, e na altura em que se acha, na margem fronteira, a estância do Jardim. Se os seus túmulos não foram profanados, esperamos que um dia uma cruz de material que resista ao tempo, com uma inscrição, indique, para que se guarde a sua memória, o lugar onde ficaram aquelas nobres vítimas do dever.

Entretanto medidas avisadamente combinadas haviam-se seguido logo à morte do comandante da expedição. Cumpria que a autoridade se não mantivesse muito tempo incerta, por qualquer rivalidade que pudesse surgir.

A questão dos postos de comissão fora, é certo, prejudgada por dous avisos do ministro da Guerra datados do ano anterior. O governo declarara não ter aprovado que o tenente-coronel em comissão Enéias Galvão, que era apenas tenente no quadro do exército, tivesse debaixo de suas ordens, como comandante interino de uma brigada, oficiais mais antigos do que ele e até capitães. O posto efetivo na linha era pois evidentemente uma condição de preferência, e o capitão mais antigo do corpo de exército era José Tomás Gonçalves, aliás major em comissão; destarte era a ele que competia, nos termos das instruções ministeriais, substituir o tenente-coronel Juvêncio, suplente nato do chefe, mas que também já falecera.

Para prevenir qualquer dissidência na eleição, os tenentes Napoleão e Marques, a pedido de todos, foram ter com o tenente-coronel em comissão Enéias e induziram-no ao acordo, nas nossas circunstâncias e para evitar delongas, de alegar uma indisposição que o forçava a passar a outro provisoriamente o comando do seu batalhão. A gentileza, com que ele sacrificou pretensões pelo menos especiosas que nos podiam criar embaraços, valeu-lhe o reconhecimento muito merecido de todos os seus companheiros d'armas.

Ao meio-dia, reuniu-se o conselho dos comandantes. O major José Tomás Gonçalves, sem o menor preâmbulo para firmar o seu direito, e com esse tom de confiança que subjuga, com esse ar de superioridade reconhecida a que se prestava a sua fisionomia animada e inteligente, anunciou a morte do coronel Camisão e a do tenente-coronel Juvêncio, seu substituto nato, do que resultava para ele, José Tomás Gonçalves, a obrigação de assumir o comando por ser dos presentes o capitão mais antigo em posto:

nada se lhe objetou. Foi então apresentada a declaração de moléstia do tenente-coronel Enéias, assim como a da entrega do comando do seu corpo ao imediato, o major em comissão José Maria Borges.

Esta sucessão no poder, regulada pela razão e pelo direito, e habilmente subtraída ao embate das paixões que podia surgir, teve completa sanção na aprovação de todo o corpo de exército.

O rio entretanto baixara e já oferecia vau contínuo, posto que ainda muito difícil por causa da correnteza. O novo comandante teve a idéia de garantir a comunicação de uma margem para a outra por meio dum cabo atado fortemente às árvores de ambas as ribanceiras. Desde que este vaivém se estabeleceu, chegaram-nos laranjas em grandes porções. A abundância delas produziu logo o efeito benéfico de distender estômagos havia muito vazios; eram às vezes devoradas, casca e tudo, tal o ardor da fome e da sede que nos acabrunhavam. Por estarem maduras e doces, abusava-se aliás; mas o princípio medicinal que reside na essência da casca obrou mais eficazmente: a epidemia diminuiu e quase cessou. Haveria nisso mera coincidência? Isso fora-nos anunciado por Lopes; e é positivo que vimos coléricos, a mor parte dos quais sararam, levar largas horas a devorar porções de laranjas, de que mal deixavam alguns restos.

Ainda nesse dia vimos chegar ao acampamento, seminu e semelhante a um cadáver, um dos míseros abandonados no dia 26, que, encontrando no próprio excesso do terror um resto de força vital que o salvou, viera à noite, arrastando-se em nosso encalço, através dos cerrados mais espessos. Nem sempre conseguira entretanto evitar os paraguaiois; mas estes, ao vê-lo no estado a que a moléstia o reduzira, contentaram-se por divertimento com espancá-lo; e quando ele lhes pedia que não o matassem, respondiam: “Nós não matamos cadáveres; queremos é o teu comandante.” E atiravam o mísero ao chão com o couro das lanças. Desta sorte foi restituído à nossa expedição, depois de sofrimentos a que poucos organismos podiam resistir.

.....

Capítulo XIX

RENASCE A CONFIANÇA. – RESTABELECE-SE A DISCIPLINA. –
PASSAGEM DO MIRANDA. – OS CANHÕES. – AINDA O INIMIGO. –
SÃO-LHE TOMADOS ALGUNS BOIS, QUE NOS TRAZEM GRANDE
RECURSO. – MARCHA FORÇADA. – ANDAMOS SETE LÉGUAS! – CANINDÉ.

APENAS investido do comando, o major José Tomás Gonçalves publicou uma ordem do dia, na qual, apelando para a coragem e para os sentimentos de honra de cada um a fim de conjurar o perigo de todos, apontava como o único meio de salvação uma marcha rápida sobre o Nioac com todo o risco e a todo custo. O tom vibrante desta proclamação produziu um abalo moral, capaz de restaurar o estado sanitário que melhorava, e de fazer suceder ao abatimento dos espíritos o feliz e costumado ardor do novo chefe. As cornetas, voltando a dar os sinais de ordem nas horas marcadas, tocaram a recolher. Muitos dias havia que já não as ouvíamos, e que apenas uma só corneta do quartel-general indicava melancolicamente a sucessão das horas. O que sobretudo causou viva e agradável surpresa foi do outro lado do rio o som dos clarins dos nossos caçadores que se puseram a responder. Protegia-nos pois ainda a regra militar; o isolamento cessara: a distribuição das nossas forças parecia havê-las duplicado, e a disciplina restabelecia por toda a parte a confiança.

Mudanças de chefe despertam sempre a atenção geral e a empolgam fortemente, à espera duma primeira manifestação sensível. O que não dissera a ordem do dia do novo comandante, disseram seus atos: ele tornara-se a personificação da ordem, era o seu órgão e fez sentir a sua força a alguns recalcitrantes que tentaram ousar desobedecer-lhe. A repressão foi imediata, o que para as turbas é sinal de legitimidade do poder.

Estávamos a 30; fora dada a ordem de transpor o rio, e tudo de antemão se dispusera. O vaivém já posto foi regularizado. Homens que tinham passado isoladamente, sem autorização, tiveram ordem de voltar da outra margem e foram reintegrados nos corpos a que pertenciam, depois de severamente admoestados por uma falta que, na guerra e diante do inimigo, facilmente degenera em crime contra a segurança geral. Um sargento, que nesta ocasião faltou ao seu dever, foi rebaixado de posto.

Bastou este ato de firmeza para reparar o dano, que os quatro dias de moléstia do comandante haviam feito à disciplina. O próprio coronel Camisão pusera sempre grande empenho em mantê-la; mas ele não possuía, como o nosso novo chefe a arte de tornar fácil e agradável o dever por maneiras comunicativas, e não obstante ser estimado e respeitado pela tropa, que nele via um militar leal, vigilante, dedicado aos interesses da justiça e da humanidade, como o seu gênio concentrado lhe desse, sobretudo ultimamente, aspecto de habitual padecimento, isso acabara de fazer crer que de fato o infortúnio o perseguia, cousa que o próprio coronel parecia recear. Ora, nada é mais funesto aos créditos da autoridade. E sejam estes os nossos últimos conceitos sobre tão dolorosa existência!

Quando, ao sinal convencionado, começamos a passagem que fora determinada, como dissemos, foi curioso o espetáculo que se nos ofereceu à vista. Verificara-se antes, por meio de bons nadadores, a força de resistência do cabo, sustentando grandes pesos. Agora homens, em número sempre crescente mas calculado, suspendiam-se nele e iam mudando as mãos, ao passo que os corpos em posição horizontal pelo empuxo da correnteza adiantavam-se lentamente e acabavam não sem esforço e perigo, por alcançar a margem oposta. Assim passou todo o batalhão nº 20. Depois dele os próprios coléricos tentaram fazer o mesmo, e não só o conseguiram, como saíram já mais fortes e alguns quase inteiramente curados.

Outros afogaram-se; a princípio procurara-se com boas palavras persuadi-los a que esperassem; mas tendo presenciado o abandono ainda tão recente dos doentes, não lhes saía da mente a previsão de igual sorte. Não houve consideração que lhes fizesse aceitar o passarem em último lugar. Teria sido mister o emprego da força para detê-los; era prudente e justo consentir que corressem o perigo, que reclamavam como favor.

Neste entrementes as armas e o cartuchame tinham sido transportados em couros, com alguns doentes quase agonizantes, a quem se não pôde recusar esta mercê no estado de agitação convulsiva, em que os punha a rapidez dos nossos preparativos e sobretudo a partida dos outros coléricos que tiveram força bastante para passar pelo cabo.

O comandante, achando que havia bastante gente do outro lado do rio, resolveu mandar passar no dia seguinte as nossas quatro peças d'artilharia; elas, no meio das calamidades por que passáramos, tinham sido para nós objeto de vivas inquietações. Deixá-las como troféus ao inimigo era inadmissível. O próprio coronel Camisão reunira outrora conselho para tratar disto, e havia uma ata autorizando o comandante, se necessário fosse, a atirá-las ao fundo de qualquer rio, à maior profundidade.

Como quer que fosse, ainda não nos era imposto semelhante sacrifício; fora especialmente para salvar os canhões que o major José Tomás Gonçalves tivera a idéia de estabelecer o vaivém, e foi com justo entusiasmo que viu o bom êxito dessa experiência. A 31, pusemo-nos em atividade com vivíssimo esforço: porfiavam todos em ajudar – estes a conduzir à baranca a primeira peça – aqueles a multiplicar os nós de amarra nos troncos das árvores – outros a fixar os moitões que deviam facilitar o transporte. Afinal moveu-se o canhão, e quando, puxado por várias juntas de bois que manobravam na outra margem, seguiu ao longo do cabo e pareceu mover-se regularmente, imensas aclamações se trocaram de uma ribanceira para outra e o acompanharam até que saiu d'água. No meio do rio fizera tanto peso no cabo que quase receamos desaparecesse de todo.

A segunda peça foi menos feliz; escapou de uma das argolas que a seguravam, arrancou todas as outras e foi ao fundo. Pouco faltou sem dúvida para arrebentar o cabo; resistindo a esta extrema tensão e livre subitamente do peso que sustentava, sacudiu-se no ar com enormes jatos de escuma, mas deixando a peça no fundo do rio. Por felicidade este acidente,

que foi acompanhado de grande agitação de gente de ambas as margens, não comprometeu a vida de ninguém.

Um soldado, cujo nome merece consignado, Damásio, ofereceu-se logo para mergulhar no ponto da imersão, e tendo reconhecido o fundo, conseguiu, depois de ter vindo à superfície duas ou três vezes para respirar, passar em torno do canhão uma corda que levava e que serviu para o tirar da água. Esta lição aproveitada para se amarrarem com mais cuidado as outras peças, apressou o resto da operação e permitiu que concluíssemos a passagem naquela noite e na manhã seguinte.

No dia 1º de junho à tarde estávamos todos afinal reunidos em torno da casa de Lopes, no seu pomar que limpamos, e logo, sem mais descanso nem alimento nos púnhamos em marcha, quando o inimigo, que passara para a margem direita, perseguiu com atiradores a nossa retaguarda. Comandava-a o valente Pisaflores, e imediatamente, com seu costumado vigor, repeliu este ataque; daí resultou o inconveniente de que tivemos de fazer alto e parar até o cair da noite, que nesta estação vem cedo. Posto que não tivesse havido contra-ordem e a marcha fosse apenas interrompida, não foi sem certo espanto que ouvimos as cornetas, depois do toque de trindades, dar o sinal de imediata partida; a impressão foi muito viva e penosa, porque a escuridão era cada vez mais profunda, e ameaçava desabar proximamente uma tremenda borrasca. Cada qual pensou logo na urgente necessidade que havia de transpor, a todo custo, o espaço que nos separava da vila Nioac, e que a menor demora de nossa parte podia trazer a destruição completa da coluna.

Recomeçou a marcha, indo à frente o capitão José Rufino, que conhecia bem o caminho. A noite, embora muito escura e tempestuosa, não nos privava de reconhecer a estrada larga e plana que se abria diante de nós. Precipitava-se o passo. Restavam-nos apenas poucos doentes, visto que nos dias precedentes morreram vários ao mesmo tempo que o tenente Moniz; entretanto os soldados, que se revezavam para carregar as padiolas, começavam a resmungar e ameaçavam atirar fora a carga.

Este princípio de insubordinação, que comprometeria tudo, não teve tempo de medrar. O comandante, avisado oportunamente, correu a todo o galope para os rebeldes, de espada desembainhada, e encontrou-os a pedir perdão.

Desde esse momento, manteve-se silêncio na coluna, segundo as ordens dadas. De repente, no meio da estrada, encontrou-se na nossa frente uma guarda de paraguaios que por causa das lufadas do vento e dos rancos da trovoada não perceberam a nossa aproximação; nem seus cães com latidos nem o mugir da sua boiada lhes haviam dado alarma. Nosso comandante, que marchava à testa da coluna, mandou fazer alto e ordenou que a força se preparasse para carregar a baioneta o acampamento dos inimigos.

Eles porém já fugiam apressadamente, deixando-nos livre a passagem: nem tempo tiveram de reunir o gado que levavam; escaparam-lhes algumas reses que apanhamos e nos foi de inestimável valor; era a própria vida. Não obstante a urgência de avançar, foi impossível recusar aos soldados o tempo precioso para carrear alguns bois e comer uma parte que apenas tiveram tempo de chamuscar.

O resto carregaram para as necessidades futuras, e, atravessando o posto abandonado, apanharam ainda alguns gêneros que ali havia, e até couros que a penúria dos dias precedentes lhes fazia considerar último e precioso recurso contra a inanição.

Outra vez em marcha, acompanhou-nos ainda a chuva sem que isso a demorasse, se bem que a espaços tivéssemos de parar à espera da artilharia. Esta estacava nos lugares piores, e com ela o batalhão da retaguarda que a vinha escoltando; disso resultava muitas vezes, na marcha, uma grande perturbação, porque as ordens não eram transmitidas ao longo da coluna senão por meio de gritos agudos sujeitos a interpretações diversas. Avançamos porém assim até às 4 horas da madrugada; dando então o sinal de alto, todos extenuados de cansaço, a morrer de sono, deixamo-nos cair no chão, já dormindo, enrolados nos nossos ponchos ensopados d'água como o capim que nos servia de leito.

Duas horas depois, às 6 horas, estávamos de pé, e graças ao que comêramos, sentindo-nos mais fortes, prosseguimos sob um céu sereno e uma agradável temperatura a nossa interminável marcha para Nioac, percebendo por toda a parte, na estrada, onde os paraguaios nos precediam, o rasto dos seus cavalos.

Desde a nossa última parada, atravessamos espessos cerrados, nos quais os soldados, sem receio do ataque da cavalaria, marchavam com

segurança mais afastados uns dos outros; sabia-se que não acharíamos planície descoberta senão do Canindé em diante. Foi às 2 horas da tarde que avistamos a mata assim chamada, assim como o rio que a atravessa, e lá chegamos às 3 horas, tendo feito sete léguas: motivo de admiração para todos, no estado de fraqueza em que nos achávamos.

Ao transpormos o rio, encontrou-se o cadáver dum capataz de carretas, por nome Apolinário, que os paraguaios acabavam de matar. Pertencia ao comboio dos mercadores que haviam parado na Machorra à espera de notícias, e que, ao saberem dos nossos combates de 8 e 9 de maio, depois dos quais nos julgaram perdidos, só pensaram em retroceder. Tinham levado 20 dias para chegar a Canindé, onde encontraram criadores de gado que nos deviam entregar uma boiada; mas, antes da nossa chegada, uns e outros tinham caído nas mãos do inimigo.

.....

Capítulo XX

MARCHA PARA NIOAC QUE ESTÁ APENAS
A DUAS LÉGUAS DE DISTÂNCIA. – O INIMIGO
RODEIA CONSTANTEMENTE A COLUNA. –
O MASCATE ITALIANO SARACO.

AOVERMOS o cadáver estendido na margem do Canindé, não houve mais dúvida sobre a perda de todo o comboio, sobre a morte dos mercadores e o saque das provisões que eles traziam, sem falar nos objetos que tencionavam vender por conta própria. Fora mister termos chegado a Canindé dous dias mais cedo: teríamos encontrado e protegido esses viajantes desarmados, que regulavam a sua marcha pela nossa, e de quem sempre dependera grande parte do nosso abastecimento; e ainda mais, teríamos livrado de um desastre a povoação de Nioac, que evidentemente ia ser totalmente destruída. Tudo isto reclamaria um pouco de diligência, se dela fôssemos capazes.

A observação, que a este respeito foi feita com malignidade, e formulada à guisa de acusação, como nunca deixa de acontecer quando a fortuna é adversa, suscitou ali mesmo, entre os oficiais, uma discussão muito animada, mas da qual não foi difícil tirar uma justificação completa dos movimentos da expedição, depois que ali se soube da chegada desse desventurado comboio à Machorra.

Não falando senão dos últimos dias, fora acaso possível uma marcha mais rápida, e não sabíamos de sobra que excessiva fadiga ela acabava de custar-nos? Não foi à obrigação de salvar os nossos canhões que se consagrara os dous dias decorridos da morte do coronel Camisão à nossa partida da estância do Jardim?

Querendo ir mais longe, até à ocasião em que foi preferido o atalho proposto por Lopes, cumpria recordar que nessa escolha se tinha em vista, entre outras vantagens, o próprio interesse dos mercadores; de fato pensamos em desviar deles o inimigo, atraindo-o sobre nós, ao passo que, se tivéssemos ido pela estrada conhecida reunir-nos a eles e protegê-los, como poderiam supor, era mais que provável que houvésemos sucumbido todos, nós e eles, sem exceção de um. A cólera, salteando-os também, não nos teria poupado mais do que na direção adotada, quer levássemos conosco o gérmen, quer no-lo tivessem comunicado os paraguaios; quanto aos ataques incessantes com que nos atormentavam, mais expostos nos veríamos ainda, tendo de transpor seguidamente tantos rios: o Feio, o Santo Antônio, o Desbarrancado, onde nos veríamos mais embaraçados pelo comboio do que em circunstâncias de defendê-lo.

Se algum erro foi cometido, aos próprios mercadores devia-se atribuir, porquanto, ao passarem pela colônia de Miranda, não aceitaram o conselho de Vieira Resende, um dos seus, a quem já vimos figurar na tomada de Bela Vista. Este, tenente da Guarda Nacional de Goiás, propusera-lhes encaminhar o comboio para a estância do Jardim, distante apenas cinco léguas da colônia, e emboscarem-se ali na mata do rio à espera da nossa coluna, que não podia deixar de lá ir ter, visto como a sua marcha para o norte era indicada no horizonte pela fumaça dos incêndios, que se repetiam diante dela sem conseguir detê-la. Em último caso, as vinte e duas carretas de mercadorias teriam formado uma excelente trincheira contra a investida, quando muito passageira, de um troço de cavalaria, visto como não podíamos tardar em vir desembaraçá-las. Debalde Resende tentava fazer valer uma consideração para eles naturalmente decisiva, a oportunidade de venderem as suas mercadorias com bom lucro, no momento em que saíamos esfomeados daqueles campos devastados pelo fogo. Nada os pudera persuadir. O lado militar deste projeto, muito conforme (diziam eles) com os gostos aventureiros de quem o propusera, aterrou-os. Cada vez mais inquietos com os boatos de catástrofe, que os nossos desertores vieram espalhando por toda a parte, insistiram em

continuar sua marcha para Nioac pelo Canindé. Os paraguaios alcançaram-nos e os dispersaram à primeira descarga; depois, já saqueadas as carretas, procuraram encontrar os donos, que vinham atrás guardando os objetos mais preciosos do carregamento que não se haviam resolvido a abandonar. Foram perseguidos implacavelmente, ao passo que um pouco de resolução os teria posto sob a nossa proteção. Quando chegamos a Canindé, só havia destroços de todo gênero, resto do saque espalhados ao longo da estrada, de um lado e doutro, alguns montes repugnantes de farinha e arroz amassados pela chuva, no meio de poças d'água.

Ninguém cuidaria decerto que semelhantes montões asquerosos de comestíveis pudessem ser objeto dum conflito sério, quase dum motim; mas tanto imperam os sofrimentos físicos, era tal o grito daqueles estômagos havia muito privados de alimento, que alguns soldados se puseram a comê-los com a avidez de feras, que devoram uma presa. Quiseram todos correr para ali; saíram das fileiras num tumulto indizível, no meio duma mistura ensurdecidora de queixas, ameaças, vociferações e risadas tolas, ao verem aquele pasto em que cada qual pretendia saciar-se. Os oficiais, querendo a princípio interpor a sua autoridade, viam-na menoscabada, quando um deles, o tenente Benfica, injuriado por esses possessos, agarrou um, atirou-o ao chão e pôs-lhe o revólver ao peito.

A surpresa produzida por este ato de vigor começou por conter a turba; depois, passado o primeiro momento, veio um apaziguamento geral, quando de súbito se ouviu um grito: “O inimigo!” Ou porque de fato se avistasse o inimigo, ou isso fosse um expediente filho de inspiração feliz para operar a diversão, o certo é que esqueceram a odiosa comida.

Não teve outra consequência esta desordem; o comandante simulou ignorá-la, atribuindo-a ao excesso das nossas misérias, e, prolongando um pouco mais aquela marcha, para que não tínhamos forças, mandou logo fazer alto e tratar de acampar.

Foram tomadas as disposições pelo novo ajudante-de-quartel-mestre, o tenente Catão, nomeado para substituir o tenente-coronel Juvenício O capitão Lago fora chamado para assistente do ajudante-general; o tenente Escragnolle Taunay para secretário militar do comando; o tenente Barbosa era o único que daí em diante representava a comissão de engenharia, que acabava de dissolver-se.

Dali a Nioac havia duas léguas, e o comandante, para dar sinal da nossa aproximação, mandou dar uma descarga com os nossos quatro canhões a um tempo, acompanhada de um fogo rolante de todos os batalhões.

Nesta ocasião os soldados reconheceram a irregularidade do seu tiro, devido a que as últimas chuvas tinham estragado as armas; de moto próprio puseram-se logo a repará-las, a experimentá-las uma e mais vezes, a disputarem no tiro ao alvo: luta improvisada que dissipou os vestígios de torpor e que, ao vir o crepúsculo, acabou tomando aspecto festivo: a esperança de um dia seguinte melhor está sempre pronta para renascer no coração dos homens.

Efetivamente deixava-se então entrever outra fase de existência, a vida acordava, e o medonho passado da véspera, a epidemia, a fome, a morte sob todas as suas faces já não nos apareciam senão como as alucinações dum pesadelo. Não, que tristes pensamentos deixassem de acudir-nos ainda, depois de tão dolorosas realidades: bastava que nos contássemos; quantos faltavam! Soavam as cornetas e era um prazer ouvi-las; mas as músicas dos batalhões, que era feito delas? Companheiras das primeiras provações da expedição nos brejos do Miranda, ainda luzidas por ocasião de invadirmos o território paraguaio, elas não tardaram a ser dizimadas pelo fogo do inimigo. Logo depois, a necessidade obrigara-nos a ir buscar nelas soldados, à proporção que rareavam as fileiras. A cólera viera ultimar a obra de destruição, levando quatorze músicos, dos que pertenceram ao batalhão de voluntários de Minas.

No dia subsequente percorremos rapidamente a distância até Nioac, observando exatamente a ordem adotada para atravessar os campos, e o inimigo, que seguia a nossa retaguarda, não ousou dar ataque; ao contrário, deu-se pressa a bater em retirada todas as vezes que lhe acontecia achar-se ao alcance das nossas armas. Costeávamos a margem esquerda do Nioac; como alguns cavaleiros paraguaios perseguissem uns bois de tiro, que os carreteiros do comboio de mercadores haviam abandonado ao fugir, despachou-se contra eles uma companhia do nosso 21º. Com uma peça de artilharia; deram logo de rédea e tão precipitadamente, que o caso excitou as risadas e as vaias de toda a nossa gente.

O vau era bom e foi transposto sem demora. Encontramos na margem direita rasto ainda fresco da passagem dum numeroso esquadrão

de cavalaria, e grande cópia de papéis rasgados, de livros, de registros sujos e dilacerados, que evidentemente provinham do saque de alguma carreta brasileira ali apanhada pelos inimigos e destruída ou levada por eles.

Certa fumaça no horizonte revelava-nos também a presença do adversário; e pelo conhecimento que a estada anterior nos dera de todos esses lugares, conjecturamos que os paraguaios houvessem deitado fogo a uma aldeia composta de palhoças, que ali construíramos. Esta suposição fez-nos apressar o passo, e logo vimos que nos não enganáramos.

Às 3 h da tarde estávamos no meio dessas ruínas em chamas que foram habitações nossas, e não sem tristeza lhes lançamos um derradeiro olhar: o soldado e o viajante tomam sempre interesse pelos sítios em que repousaram a cabeça.

Um incidente de ópera bufa veio adrede tirar-nos essa impressão melancólica: foi o reaparecimento daquele italiano, que já nos divertira no acampamento da Laguna. Dissera-se, mas sem fundamento, que ele tinha morrido com outros mercadores que, por assim dizer, haviam desertado das nossas fileiras apenas passaram o rio Miranda. Ele avisadamente os deixara, vagara de Canindé a Nioac, sem destino fixo, andando de mouta em mouta, tremendo de medo, sem achar uma que lhe parecesse de todo segura. Acabou todavia por escolher asilo, e com tanta felicidade, que nesse dia pudera dele avistar a nossa coluna que avançava. Foi tão grande o seu júbilo que quase lhe custou caro. O seu vestuário extravagante e a precipitação dos seus movimentos fizeram tomá-lo por paraguaio. A nossa gente da vanguarda fez-lhe fogo. Deixou-se cair como morto. Depois de algum tempo de prudente imobilidade, começou a erguer lentamente na ponta de uma varinha a sua manta de pescoço; depois, vendo que as balas não vinham mais, um braço primeiro, em seguida a cabeça, e afinal todo o corpo. Era o nosso amigo e conhecido Saraco, nem mais nem menos

Os soldados, reconhecendo-o imediatamente, acolheram-no com abraços, felicitações e perguntas. Não há palavras que traduzam o seu transporte ao ver-se salvo dos perigos em que supusera perder a vida, e dos quais se julgava resgatado ainda barato, à custa das suas fazendas e de tantos momentos de susto.

Quanto ao inimigo, só tínhamos de tornar a vê-lo uma vez; mas íamos ainda suportar o efeito da sua perfídia e cruel animosidade.

.....

Capítulo XXI

NIOAC. – DECEPÇÃO; FOI SAQUEADA, INCENDIADA E QUASE DESTRUÍDA PELOS PARAGUAIOS. – INFERNAL ARDIL DE GUERRA. – O INIMIGO DESAPARECE DE VEZ. – CHEGADA TRANQUILA DO CORPO DE EXÉRCITO. – ORDEM DO DIA SOBRE A CAMPANHA DE 35 DIAS.

O

OFICIAL incumbido da defesa de Nioac enquanto invadíssemos o território paraguaio, ausentara-se desta vila no dia 1º de junho, sem que aí se soubesse da aproximação dos inimigos, procedendo assim contra a ordem formal de 22 de maio, que lhe determinava defendesse a todo custo esse ponto, nossa base de operações.

Não lhe faltavam víveres: o chefe do depósito deixara-os em porção. É crível que os seus homens, seduzidos pela vizinhança do rio e dos matos, tivessem fugido uns após outros sem ficar um só? Mas todos os oficiais do nosso corpo de exército darão testemunho do espírito de disciplina dos soldados, e, ainda no caso de uma debandada geral, não deveria ele conservar-se de observação nas cercanias, onde tantos acidentes de terreno coberto de mata podiam oferecer-lhe abrigo, e esperar aí a nossa chegada? Desta forma arredaria de si a responsabilidade não só duma enorme perda de material, mas do nosso sacrifício de vítimas humanas, que veio a custar-nos tão funesto abandono. Faltou-lhe resolução; desapareceu deixando seu nome ligado à nódoa de uma deserção diante do inimigo.

Semelhante infidelidade foi tanto mais sensível e notada quanto as outras disposições do coronel Camisão, no mesmo ofício, foram observadas com a maior exaçaõ. As provisões de guerra e de boca, o arquivo, o dinheiro da caixa militar, esperavam-nos nos Morros, para onde o coronel Lima e Silva os mandara transportar, enquanto ele próprio, tendo parado a meio caminho, de acordo com as instruções, à margem do Aquidauana, tratava de mandar retirar de antemão tudo quanto podia vir na frente, doentes, mulheres, crianças, soldados desgarrados ou inválidos; ordenava aos carreiros encarregados nesse transporte que voltassem sem demora apenas desimpedidos, e ao mesmo tempo retinha junto de si a maior parte das carretas carregadas de víveres, fazendo assim um depósito volante na expectativa da nossa próxima chegada.

Nioac, assim abandonada, caíra em poder dos paraguaios; tudo saquearam e queimaram, exceto a igreja, que foi poupada, não por sentimento religioso, mas ao contrário para servir a uma cilada infernal. A infantaria inimiga, ao aproximarmo-nos, retirara-se a princípio e entrincheirara-se no cemitério; passara depois, pelo mato, para o lado de um vau do Orumbeva que a sua cavalaria reconhecera.

Sem receio pelo lado do inimigo, dirigimo-nos à pressa para onde podia ainda haver alguma cousa a salvar. Essa linda povoação, abandonada, tomada e devastada pela segunda vez durante a guerra, já não era senão um montão de destroços fumegantes. O grande telheiro, que anteriormente nos servira de armazém de víveres, e que ainda encontramos de pé sobre os esteios em chamas, mostrava pilhas de sacos que a nossa gente com certeza não tivera tempo de carregar, e que já eram presa do incêndio. O arroz e a farinha carbonizados por fora; o sal, gênero tão rato e tão precioso no sertão, estava preto e derretia-se à nossa vista: os nossos soldados tudo fizeram para salvar o que era possível.

Aqui e acolá, jaziam por terra cadáveres, todos de brasileiros. Verificou-se até que vários dentre esses desgraçados haviam militado nas nossas fileiras; desertores na ocasião do nosso maior infortúnio, e morrendo de fome pelos matos, deram-se pressa em compartilhar do saque, ainda com risco de serem reconhecidos. Um deles, de pés e mãos amarrados, fora sangrado como um porco; jazia outro, crivado de ferimentos, e uma velha ao pé deles, degolada e com ambos os seios decepados, nadava no próprio sangue.

Para passar a noite foi quase toda a coluna acampar, por trás da igreja, na vasta esplanada que já descrevemos, e onde, escalonados com as peças nos ângulos, para maior garantia contra o inimigo, nos apoiávamos na mata do rio. Ali gozamos afinal de verdadeiro repouso. Distribuiu-se ração dupla e tríplice: as circunstâncias permitiam-no, e o comandante tinha prazer em contentar quando possível a soldadesca.

Pela primeira vez, desde muito, podíamos contar com o dia seguinte. Para nos pormos a coberto de qualquer eventualidade, não nos faltavam mais do que quinze léguas, por excelente estrada, de Nioac ao Aquidauana, onde nos esperavam: tínhamos víveres de sobra para esta marcha.

A noite correra calma, como se esperava. Logo que amanheceu, fizeram os soldados derradeira visita às ruínas do povoado, donde carregaram tudo o que escapara aos paraguaios. Com esta sucessão de rapinas, desapareceu em poucos meses daquela região o pouco que o comércio nascente introduzira em artigos de máquinas e ferramentas, e tudo o que o trabalho conseguira ali amontoar em produtos e economias.

Quando da última vez estivemos em Nioac depositáramos na igreja muito objetos de toda espécie, instrumentos das bandas de música, munições de guerra, etc., etc... Não tendo havido tempo para remover tudo isso, parece que os paraguaios ainda encontraram um resto considerável do armazenamento. Havia grande reserva de cartuchame; e foi isso talvez o que lhes suscitou a idéia da horrível maquinação, que sorriu aos seus instintos perversos. Depois de tirarem o que mais lhes convinha, deixaram o resto intacto para atrair-nos e fazer-nos demorar o mais possível ao redor dum montão de objetos, debaixo dos quais colocaram um barril de pólvora com rastilho.

Não era lícito suspeitar semelhante cilada; mas, por termos de transportar cartuchame, tomamos as precauções do estilo contra a possibilidade de alguma explosão. Enquanto trabalhava a nossa gente na igreja, sentinelas vigiavam para que nenhum fogo se acendesse por ali perto.

Sucedeu porém que um infeliz soldado encontrasse um isqueiro no chão e tivesse a incompreensível fantasia de servir-se dele; imediatamente caiu uma faísca sobre alguns grãos de pólvora que estavam espalhados pelo assoalho da nave, e ter-se-ia dado uma conflagração instantânea, se não fora a extrema umidade do subsolo, ou se os rastilhos fossem contínu-

os; mas não o eram. Para mais facilmente iludir-nos, os paraguaios haviam espalhado a pólvora sóbria e desigualmente, com o metuculoso cuidado e o cálculo astuto do selvagem que aparelha as suas cruezas. A princípio viram brilhar pequenas chamas, e erguerem-se aqui e acolá sucessivamente leves espirais de fumo. Precipitavam-se já os soldados para atalhar o fogo no momento em que ele crescia, quando os oficiais ali presentes, avaliando melhor o perigo, mandaram incontínenti evacuar a igreja. Não faltou muito para que todo o edificio voasse pelos ares; as paredes ficaram abaladas mas o conjunto resistiu. A não ser isso, teriam infalivelmente morrido todos os nossos que ali se achavam, esmagados debaixo dos escombros.

O fragor e o abalo foram tremendos até no sítio apartado, onde estávamos com o comandante. Um grande grito acompanhou o estouro; seguiu-se o silêncio, depois clamores horríveis e novo silêncio. Soou o clarim; pensando-se que fosse o inimigo, formaram-se os corpos.

Já havíamos corrido à igreja: saíam dela, no meio de turbilhões de fumaça, figuras que se não reconheciam, fantasmas denegridos e avermelhados pelo fogo: uns, com as roupas flamejantes; outros, inteiramente nus e com a pele a cair em retalhos, soltando rugidos; ainda outros, rodopiando sobre si mesmos como endemoninhados e a torcerem-se nas vascas da agonia. Um soldado de cor preta perdera toda a epiderme do rosto, arrancada como uma máscara; tinha o corpo em chaga viva e ensanguentada. Um sargento, com as carnes igualmente descobertas, pedia como favor que o acabassem de matar com uma bala ou um golpe de espada. Uns quinze desses infelizes morreram ali mesmo.

Todos aqueles a quem a arte podia socorrer, já para lhes aliviar as dores, já para os salvar, tornaram-se alvo dos cuidados dos nossos médicos e da solicitude geral. Tanto nos doíamos deles quanto nos indignávamos contra os autores dessa cruel catástrofe, e não houve depois, entre as vítimas que escaparam, um só caso de cura que não fosse saudado por todos como ventura comum.

Tal foi a despedida dos paraguaios, a última obra da sua sanha contra nós. Sem deixar-nos de todo, tiveram cuidado de não aparecer senão fora de alcance.

No dia 5, antes de amanhecer, partimos da desventurada e formosa Nioac, aniquilada por fim a sua igreja. Seguíamos a estrada do Aqui-

dauana e marchávamos contristados sob a impressão do funesto acontecimento da véspera, juntando mais aquela angústia a todas as vicissitudes por que passáramos. Era muito, entretanto, era um triunfo estarmos ainda de pé e livres de um inimigo tão pérfido e encarniçado.

O Orumbeva foi transposto facilmente. Encontráramos na margem direita destroços da carretas que os paraguaios acabavam de queimar, muitos víveres e objetos de fornecimento espalhados e misturados com terra, da mesma forma que já tínhamos achado nas margens do Canindé, cadernos espatifados, folhas arrancadas, algumas das quais o autor desta narrativa reconheceu serem de seu punho, e que tornava a encontrar trunçadas e já inúteis.

A certa distância desse grande rio aguardava-nos, ao que parece, uma nova cilada, mas cujo efeito esteve longe de ser trágico. Duas pipas, daquelas em que se transporta aguardente, ocupavam o meio da estrada. O capitão José Rufino, lembrado da explosão na igreja e desconfiando de algum ardil do inimigo que não tinham escrúpulos, abriu passagem e, atirando-se para as pipas, arrombou-as com os copos da espada. À vista do líquido que jorrava abundante, alguns soldados, não podendo conter-se, punham-se de joelhos ou ditavam-se para disputar o seu quinhão: espetáculo acolhido com gargalhadas em toda a linha.

Não teve o incidente outra conseqüência; prosseguimos tranquilamente a nossa marcha até o riacho da Formiga, junto do qual acampamos, felizes ainda por encontrarmos, no meio da nossa recente abundância, um sofrível número de bois em excelente estado.

A 6 tomamos para N.N.E., seguindo uma estrada a que numerosas moutas de taquaruçus dão o nome, e que corre por dentro de uma mata cerrada, muito propícia a surpresas, mas onde nada nos inquietou em nossa marcha. A perseguição dos paraguaios, se de todo não cessara, tornava-se cada vez mais frouxa e inofensiva, à proporção que entrávamos em terreno que eles conheciam menos e que nos era familiar.

Fizemos alto nesse dia junto ao ribeirão encantador chamado das Areias. A 7, havíamos quase transposto as quatro léguas que há desse ponto ao rio Taquaruçu; alcançamo-lo no dia 8, mas como a cheia não nos permitisse atravessá-lo, acampamos na margem dele.

Noite para nós memorável! Pois foi ali que os paraguaios, que tornáramos a avistar a distância, se resolveram finalmente a desaparecer. Deram-nos aviso da sua retirada com um toque prolongado de clarins, que pareceu mais lisonjeiro para nós do que para eles próprios; as nossas cornetas, aliás, não deixaram de associar-se àquele toque com tamanho clangor, que por largo tempo ecoou nas solidões. Alguns dias mais tarde soubemos que eles se tinham dirigido para Nioac, e que, depois de reunidos todos os seus destacamentos, voltaram pelo Apa ao território da sua república.

Quanto a nós, ainda mais abastecidos com uma boiada mandada das margens do Aquidauana, depois de um ofício do nosso chefe ao coronel Lima e Silva, passamos o Taquaruçu no dia 9, e a 10 transpusemos, duas léguas adiante, um riacho denominado Dous Córregos. A 11¹⁶ chegamos ao porto do Canuto, na margem esquerda do Aquidauana.

Foi o último pouso da nossa dolorosa retirada. Aí terminou o cruel itinerário que, em expiação das nossas temeridades, nos expusera a tantas desventuras quantas pode o homem suportar sem sucumbir. Aí despimos afinal os míseros andrajos que nos cobriam, libertando-nos ao mesmo tempo dos bichos e desses insetos do campo que entram na pele e nela produzem úlceras dolorosas. O rio proporcionou-nos ótimos banhos. Todos esses lugares podem denominar-se a região das águas belas.

Uma ordem do dia do nosso intrépido chefe, José Tomás Gonçalves, baixou no dia 12 de junho, resumindo em poucas palavras os sucessos dessa tremenda campanha de trinta e cinco dias:

“A vossa retirada efetuou-se em boa ordem nas circunstâncias mais difíceis: sem cavalaria, contra um inimigo audaz que a possuía formidável; em campinas, onde o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respirável; extenuados pela fome, dizimados pela epidemia de cólera que arrebatou em dous dias o vosso comandante, seu imediato e os vossos dous guias: todos estes males,

16 No dia da invasão do território paraguaio, isto é, em abril de 1967, o efetivo da coluna era de 1.680 soldados; a 11 de junho, estava reduzida a 700 homens de combate. Havíamos portanto perdido 980 soldados, vítimas da cólera e do fogo. Além disso, morreram muito índios, mulheres, homens, mercadores ou peões que tinham acompanhado a marcha regressiva da coluna.

todos estes desastres, suportastes no meio de uma inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de borrascas, através de imensas inundações em tal desconcerto da natureza que se diria contra vós conspirada. Soldados, honra à vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras!”

ANEXO

À amizade do nosso infeliz camarada Marques da Cruz devemos este número da gazeta paraguaia *El Seminario* de Assunção, encontrado por ele, em Curupaiti, em maio de 1868, pouco antes de morrer, e que é para nós de altíssimo valor como documento contraditório. Este espelho, tão fiel que respeita à sucessão dos fatos quanto mentiroso na apreciação deles, deixa ver bem a exação da nossa narrativa e a tremenda natureza dos perigos que correu a coluna brasileira.

ASUNCION

SABADO 13 DE JULIO DE 1867 NUMERO 690

EL SEMANARIO

DE

AVISOS E CONOCIMIENTOS UTILES

Año XV.

Quarta época.

LA INVASION DEL NORTE

La presente guerra es un tejido de gloriosas coronas que formará el más precioso monumento nacional, en los anales de su historia. Donde quiera que los hermosos colores de la Republica flamean ante el trapo de los conquistadores, el triunfo es el séquito que lleva como el simbolo de la justicia y de los buenos principios.

Cuando la offensa inferida á la nacion nos obligó á la guerrá que llegó á ser el unico desagravio que podia alcanzar nuestro honor ofendido, nos dirijimos á Matto Grosso, donde los imperiales habian acumulado formidables elementos de guerra. Qué su-

cedió entonces? Coimbra fué el unico punto que ha hecho frente á nuestras armas por dos dias, para que pudiera revelarse alli por la primeira vez el temple del soldado paraguayo, que iba á luchar por la libertad americana, y la cobardia del enemigo que huyó entonces, como huye constantemente á la sola vista de nuestros guerreros.

Despejado aquel terreno, nuestras armas corrían hácia el E. y S. donde el enemigo no osó hacernos frente como en Matto Grosso. El tricolor nacional dominó entonces de Corumbá á Goya, de Miranda á Uruguayana.

La traicion de Estigarribia fué uno de aquellos accidentes dolorosos de la guerra; pero alli mismo al enemigo cargó todo el baldon de aquel acto, porque no teniendo la resolucion de vencer con las armas, tuvo el cinismo de comerciar con las intrigas y 'el oro.

No es necesario recordar las glorias que hemos recojido en nuestro territorio, pues esos recuerdos palpitantes son los que levantan nuestra frente con orgullo, los que agitan nuestro corazon de entusiasmo, y nos prestan la fé en el favorable resultado final de la lucha.

El enemigo agoviado bajo el peso de las derrotas, y de toda la clase de calamidades, véjeta tristemente en el lugar que le hemos designado, perdiendo toda esperanza de

avanzar con ventaja por esta parte en proteccion de sus fines.

Pero no por eso esos infames han depuesto sus pretensiones, y por do quiera buscan los medios de echarnos al cuello la coyunta del esclavo.

Creuyendo que nuestra atencion y nuestras fuerzas estaban concentradas en Paso Pucu', pensaron dar un golpe estratéjico atacándonos por el Norte, allá donde nuestras legiones habían hecho ya sentir á los cobardes negros del império el poder de los que enarbolan la bandera tricolor de la Republica.

Más de tres mil hombres de las tres armas se precipitaron sobre nuestro territorio con la consigna de apoderarse de la Villa de Conception, y establecer la línea divisoria entre el império y el Paraguay por el Ypané, y el Jejuy quizá. El coronel Francisco Antonio Dacosta Camisão (1) era el jefe de la columna que venía á ejecutar las ordenes imperiales; acompañábale un gran tren, y considerable numero de mujeres, con que decía venir á repoblar Conception, y todos sus movimientos, y aparatos estaban esplicando que se encaminaba á cosa hecha, y que nadie le disputaria la posesion de las nuevas tierras que venia á ocupar en nombre de su soberano.

(1) Como se vê, o nome do coronel Camisão ostá adulterado nesta notícia; chamava-se Carlos de Moraes Camisão.

Más, los cálculos militares y políticos concebidos en el Gabinete del imperio, y de que se prometía resultados de grandes consecuencias, fueron desbaratados del modo más cumplido y ignominioso en el campo de la acción por la alta prevision y acertadas disposiciones del mariscal Lopez y el valor marcial de los intrépidos soldados que vigilan aquella frontera.

No hemos tenido aún una campaña tan corta, fácil y tan gloriosa como la que acababan de hacer nuestros bravos en el Norte, aniquilando, con una serie de triunfos, la columna conquistadora que ha llevado el estupendo castigo que merecía su audaz atentado.

Los pormenores de esta campaña es la apología de la disciplina, y valor paraguayos, y la completa nulidad, y cobardía del enemigo en la guerra; es una página importante y gloriosa en la historia de la presente lucha, y explica el robusto apoyo que el hecho del Norte presta á la victoria final sobre el enemigo.

Vamos á esponer brevemente á nuestros lectores.

El enemigo con cuatro batallones de infantería, un regimiento de caballería, cuatro piezas de cañon, y muchos indios Mbayás, sus aliados, todo en numero como se ha dicho de más de tres mil hombres, invadieron nuestro territorio, y passaron el Apa en el paso de Bellavista el 28 de abril. Nuestra

fuerza al mando del mayor Urbietta se hacia perseguir del enemigo con el objeto de concentrarlo todo lo posible, para hacer mas certero el golpe que le preparaba. Camisão avanzó hasta el arroyo primero siete leguas del Apa; pero la mañana del 7 de mayo, su descubierta llegó á divisar el regimiento N. 21 de caballeria, que al mando del decidido mayor ciudadano Blaz Montiel habia llegado en proteccion el dia anterior. La descubierta fué sacudida por algunos tiros de cañon y fusileria, y volvió á incorporarse á la columna.

Sin más precedente que esto, el enemigo se detuvo, y yá al dia siguiente se disponía á emprender la fuga, volviendo sobre sus pasos.

Estaba claro, ellos venían á posesionarse tranquilamente de nuestras poblaciones, no contaban con ninguna oposición, porque creian indefensas nuestras fronteras, y por eso la vista de nuestros bizarros defensores les bastó, para emprender el camino del cobarde.

Más, para entonces, el denodado capitán ciudadano Crecencio Medina con un escuadron del regimiento N^o3; y una mitad de la compañía de cazadores del batallon N^o 18, al mando del teniente Soilo Almada se habia adelantado, y se encontraba en el camino que debía llevar el enemigo. Era el dia ocho de mayo; este marchaba en columnas compactas formando cuadro, dentro del

cual llevaba su abasto, petrechos y demas bagajes. El capitan Medina ocultó su infanteria, y él con su escadron se colocó de manera á caer sobre la columna á la primera descarga de la infanteria. Era un acto atrevido de especial arrojo, pero que podía traer consecuencias muy favorables, como realmente sucedió.

El enemigo emprendía su fuga descuidado, y muy lejos de pensar que nuestras fuerzas se encontrasen yá á su paso, así fué que la descarga de la infanteria hecha á boca de jarro, y la inmediata arremetida de la caballeria le sorprendió completamente, y la lanza y la bayoneta se empaparon en la sangre de los invasores, que se pusieron en dispersion, cubriendo el campo con sus cadáveres. Como dos batallones de una de las alas tuvo lugar de reunirse, y formar cuadro, el alferez Alejos Torres con una guerilla cargó el cuadro que encontró todavía descubierto un costado por donde entró y lo dispersó completamente. Se calcula al enemigo una pérdida de 200 hombres en esta acción, mientras de nuestra parte no alcanzó á 16. El castigo fué terrible, y las proezas de nuestro bravos son dignas de toda ponderación, pues han vencido allí a un enemigo infinitamente superior en numero y elementos. Esta prueba de intrepidez ha hecho temblar al enemigo, pensando en un ataque general de nuestras fuerzas, y así fué que no pensó un momento en ha-

cer la más leve oposición, sino en huír con la mayor presteza, pues desde entonces comenzó ya por quemar su bagajes pesados.

El 10 de mayo se encontraba otra vez repasando el Apa por el mismo paso que, encontrando á nado tuvo que hacer una puente para su pasage; pero el activo y denodado capitan Medina que habia engrosado sus fuerzas con el regimiento N^o 21 y una compañía de infanteria de Conception, al mando del teniente Zarate y álferez Roa, se encontraba otra vez yá en su camino: mientras que el resto de las fuerzas guardaban sus espaldas.

El enemigo marchaba en el mismo órden, y buscaba el lugar llamado Machorra, cuando de repente cayò sobre él, con el impetu de la carga que sabe dar nuestra caballeria, la fuerza que llevaba á su cabeza el capitan Medina. La infanteria enemiga no tuvo tiempo di hacer sino una descarga, cuando nuestra caballeria habia envuelto el cuadro, y hacia la más grande carniceria á sable y lanza: el enemigo que no pude resistir en el arroyo primero fué incapaz de hacerlo aqui acometido por mas fuerzas, y así se dispersaron sús soldados como ovejas acosadas por los lobos.

El objeto de esta carga era dar un otro golpe al enemigo y quitarle el resto del ganado que le quedaba, para desnudarlo de todo recurso. Esto fué llenado satisfactoriamente, por que despues de la gran mor-

tandad, nuestros soldados le arrebataron cerca de 300 reses, cargueros y bueyes y mulas, y no le quedaron sino los bueyes que estaban uncidos á sus carros.

Esta jornada fué espléndida para nuestras armas y muy gloriosa para los bravos soldados que en ella recogieron la palma del triunfo.

La caballeria se ha portado brillantemente y la infanteria con el denuedo que le es propio. Han habido interesantes episodios del heróico valor de nuestros soldados, que la premura de la narracion nos hace desistir de consignar aquí. Sin embargo no podemos dejar de hacer especial mérito de la bravura del soldado de caballeria Leonardo Ayala, del regimiento N^o 21 vecino de San Ignacio, que en el impetu de la carga se dirigió resueltamente sobre un cañon para tomarlo y ya habia conseguido enlazarlo, cuando cayó gloriosamente en su empeño; pero deja su nombre á la posteridad, y su ejemplo á sus compañeros de armas.

Sigamos ahora los pasos del descalabrado ejército, asi como hicieron nuestros valientes para completar su desastre.

Aliviaron mas sus bagajes quemándolos, y continuaron su camino tomando la direccion de Nioac; pero yá bajo la guardia de nuestra caballeria que á vanguardia, retaguardia, y costados les cerraba, quitándoles todo recurso y esperanza de salvacion.

Arrebatádoles sus provisiones de boca no

les quedaba sino los bueyes de sus carros: aceleraron su fuga; pero nuestros soldados cuando querian detenerlos prendían fuego á los pajonales que se encontraban en su camino.

Cada dia que pasaba, la mortandad se aumentaba en sus filas dejando 16, 20 y 30 muertos en los lugares que acampaban; registrábase al principio en casi todos los cadáveres las huellas del sable de los dias 8 y 10, pero bien pronto acosados del hambre fueron víctimas de él.

Nuestra caballeria, retirando todo recurso y cerrándoles siempre por todas partes, hacia acrecentar en ellos el padecimiento del hambre, y tuvo que recurrir á las tunas, á la raiz y corazon de los árboles, y hasta comieron perros para alimento.

Y para el colmo del desastre; Dios habia reservado á esos infames para espiar su crimen un castigo aun mayor. El cólera, esa terrible peste que habia asomado hasta poblaciones de los aliados, y arruinado el ejército enemigo del S., apareció entre ellos con todos sus horrores, haciendo el mas espantoso estrago.

Espiación justa que la providencia ha descargado sobre la cabeza de los infames que han venido á querer esclavizar á un pais cristiano y libre!

Al principio enterraban sus cadáveres; pero después ya no pudieron hacerlo por su mucho numero, abandonaban sus muertos,

entre los que se encontraron muchos oficiales y mujeres.

La mortandad fué acrecentando de dia en dia en sus filas, sin embargo marchaba constantemente, siempre conducido por nuestra caballeria que formaba un círculo de hierro á su derredor.

El enemigo que en todo su vigor y fuerza habia sido impotente para competir con nuestros soldados, enfermo y débil no tuvo la resolución de hacer la mas minima tentativa de ataque. Siguió su destino, vencido, y resignado á la merced de nuestras armas.

Nuestros soldados clamaban por llevar sobre aquellos restos un ataque, seguros de encontrar una victoria barata: sus jefes no les permitieron; no era necesario, iba á derramarse inutilmente la sangre, y cuando se puede vencer al enemigo sin ella, es mas glorioso, y mas conforme la humanidad que siempre hemos tenido en cuanto es compatible con la guerra.

El resto de la columna seguia adelante, dejando gran numero de desertores y cadáveres. Llegó sobre las orillas del Mbotetey que encontró á nado, y tuvo que permanecer allí cinco dias. Aquí fué donde la epidemia hizo en sus filas los estragos mas grandes, y aquí fué tambien donde el jefe de la expedicion Camisão murió, siguiéndole en el sepulcro su segundo, el teniente coronel Gal-

vão. (1) El mayor José Tomás quedó entonces á la cabeza de las fuerzas que pasaron el Mbotetey, y siguieron el rumbo de las cordilleras. Allí quedaron cientos de cadáveres, y hasta moribundos, armamentos de todas clases, carros, etc. Cada dia se aumentaba entre ellos el hambre y la peste; pero marchaban adelante. Nuestra caballeria los pastoreaba dia y noche.

Entraron nuestros soldados em Nioac, que estaba completamente evacuado, y sacaron de allí gran numero de fusiles, fardamento, pólvora y provisiones de boca.

Pasaron adelante, y siempre molestando al enemigo, lo llevaron hasta tirarlos, el dia 4 de junio, otro lado del Aquidaban (2) Estaba reducida entonces la columna enemiga á menos de quinientos hombres; pero eran cadáveres ambulantes, reducidos al estado más calamitoso y desesperante.

Nunca un ejército habia sufrido desastre tan terrible, y espacion mas justa. Sus padecimientos han sido inmensos, su camino está trazado por sus cadaveres. Hasta 800 victimas se han contado muertas solamente de la peste.

Dios ha auxiliado nuestras armas para

(1) Como se viu, não foi o tenente Galvão quem morreu, e sim o immediato tenente-coronel Juvencio.

(2) Aquidauana.

confundir á los osados que quieren exterminarnos.

El ejército quiere esterminar nuestra patria, el ejército enemigo del Norte ha sido deshecho. Se le han tomado 38 carretas con provisiones y municiones, armas y ropas en cantidad, ganados y mulas.

El regimiento N^o 21 que siempre se ha distinguido por el impetu en sus cargas, ha sobresalido blandiendo esta vez sus armas sobre la cabeza de los invasores del Norte, y digno es de notarse que siendo uno de los regimientos que mas ha peleado es el que menos ha sufrido. Esto advierte, que la impetuosidad de la carga sobre el enemigo es una inmensa ventaja, que deben no olvidar nuestros valientes del ejército. Pero al recomendar el regimiento N^o 21, debemos colocar en la misma escala al regimiento N^o 3, la infanteria de Concepcion, la compañía de cazadores del batallon N^o 12, que son los que mas han trabajado en esta laboriosa campaña.

El ejército que venía á apoderarse de nuestras poblaciones, esclavizar nuestras familias, y trazar su línea divisoria, despedazando nuestro pais, ha sucumbido á la aparicion de la falanje Paraguaya del Norte. Ella puede decir, como Cesar: Llegué, vi, vencí.

El desastre de ese ejército repercutirá como un golpe terrible sobre el ambicioso Emperador, que vé deshecha una de sus mas grandes esperanzas, y le llevará una con-

viccion mas de que sus esclavos jamás conquistarán la tierra de los libres.

Estamos pues de felicitaciones por el importante suceso que acaba de alcanzar el esfuerzo de nuestro brazo: es una venganza terrible que debe horrorizar al invasor y echar por tierra su espiritu abatido.

Felicitemos ardientemente á la patria por la nueva gloria, y al Jefe Supremo de la Republica, cuya prevision y tino guerrero han arrancado del enemigo tan valioso lauré.

Felicitemos á la denodada columna del Norte, castigo y terror del cobarde invasor (*sic*).

.....
Índice onomástico

A

A. d'E. T. – Ver TAUNAY, Alfredo
d'Escragnolle
ANA – 91, 94
APOLINÁRIO (capataz de carretas) – 144

B

BAGNAIA, Mariano de (fr.) – 39
BARBOSA (genro do guia Lopes) – 54
BARBOSA (tenente) – 55, 147
BARBOSAS (os) – 53
BARRIOS – 44
BATISTA, Vítor (tenente) – 85, 87, 88
BELLE-IGLE (conde de) – 34
BENFICA (tenente) – 147
BORGES, José Maria (major) – 112,
114, 126, 138
BUENO – 81

C

CAMISÃO (coronel) – ver CAMISÃO,
Carlos de Morais (coronel)
CAMISÃO, Carlos de Morais (coronel)
– 38, 40, 43, 44, 47, 49, 56, 57, 72,
76, 79, 124, 126, 130, 134, 136,
137, 140, 141, 146, 151
CANTUÁRIA, João Tomás de – 60, 62,
82, 107
CATÃO (tenente) – ver ROXO, Catão
CHAGAS, Francisco das – 118
CLAUSEL (marechal) – 34
CONDÉ – 34
COSTA PEREIRA (capitão) – 80
CUNHA, Antônio da – 80

D

DAMÁSIO (soldado) – 142
DESLANDES (capitão) – 130
DRAGO, Manuel Pedro – 37

E

ENÉIAS (tenente-coronel) – ver GAL-
VÃO, Enéias (tenente-coronel)
ESCRAGNOLLE TAUNAY – ver TAU-
NAY, Alfredo d'Escragnolle
EUGÊNIO (príncipe) – 34

F

FENIMORE COOPER – 46
FERREIRA DE PAIVA (capitão) – 67,
83, 89, 100
FERREIRA, Hipólito – 88
FERREIRA, Laurindo (soldado) – 80
FERREIRA, Manuel – 88
FERREIRAS (os) – 53, 88
FREIRE, Napoleão – 82, 90, 125, 137

G

GABRIEL – ver GABRIEL FRANCISCO
GABRIEL FRANCISCO (genro do guia
Lopes) – 64, 130
GALVÃO (coronel) – ver GALVÃO, José
Antônio da Fonseca (coronel)
GALVÃO, Enéias (tenente-coronel) – 59,
64, 89, 137
GALVÃO, José Antônio da Fonseca (co-
ronel) – 37

GESTEIRA (Dr.) – 81, 117, 127, 130
GOMES (botânico) – 41
GONÇALVES (comandante) – ver
GONÇALVES, José Tomás (major)
GONÇALVES, José T. – ver GONÇAL-
VES, José Tomás (major)
GONÇALVES, José Tomás (major) – 72,
76, 89, 121, 132, 137, 139, 141,
155
GUERRA (tenente) – 121, 125

J

JOAQUIM AUGUSTO – 63, 70
JOSÉ FRANCISCO – ver LOPES, José
Francisco
JUVÊNCIO (tenente-coronel) – 50, 52,
64, 121, 124, 126, 127, 129, 130,
131, 132, 134, 136, 137, 147

L

LAGO (capitão) – 121, 126, 132, 147
LARREY – 42, 81
LEVERGER (general) – 105
LIMA E SILVA (coronel) – 151, 155
LOMBA (capitão) – 42
LOPES, Francisco – ver LOPES, José
Francisco
LOPES, J. F. – ver LOPES, José Fran-
cisco
LOPES, João Gabriel – 58, 59
LOPES, José Francisco – 46, 47, 48, 49,
50, 52, 53, 54, 55, 58, 67, 82, 88,
94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102,
103, 104, 105, 106, 107, 108, 109,
110, 113, 114, 116, 117, 119, 120,
122, 124, 128, 129, 130, 131, 132,
138, 142, 146
LOPES (os) – 53

LÓPEZ (marechal, presidente) – 36, 44,
54, 65, 107
LORGE (marechal de) – 34

M

MARIANO (padre) – ver BAGNAIA,
Mariano de (Fr.)
MARQUES (tenente) – ver MARQUES
DA CRUZ (tenente)
MARQUES DA CRUZ (tenente) – 60,
62, 82, 90, 121, 137, 157
MARINHO (capitão) – 120
MELGAÇO (barão de) – 41
MIRÓ (tenente) – 67, 129,
MONIZ (tenente) – 142
MONTEIRO, Raimundo (tenente) –
94
MOREAU – 34

N

NAPOLEÃO (tenente) – ver FREIRE,
Napoleão
NEY (marechal) – 34
NOBRE DE GUSMÃO (tenente) – 57,
82, 134

O

OLHO-DE-FALCÃO – 46
OLIVEIRA (coronel) – 44

P

PAIVA (capitão) – ver FERREIRA DE
PAIVA (capitão)
PALESTRINA (tenente) – 94
PEDRO SEGUNDO (imperador) –
46

PEREIRA, Delfino Rodrigues (capitão) – 59

PEREIRA DO LAGO (capitão) – 71

PISAFLORES (capitão) – 59, 110, 121, 122, 123, 124, 142

PORFÍRIO – 67

Q

QUINTANA (Dr.) – 81, 117

R

RESENDE – ver VIEIRA RESENDE (tenente)

ROXO, Catão – 40, 89, 121, 136, 147

RUFINO, Pedro José (capitão) – 76, 79, 80, 121, 133, 142, 154

S

SARACO, Miguel Arcanjo (mascate) – 74, 145, 149

SALVADOR (ordenança) – 136

SENHORINHA, D. – 46, 58

SILVA ALBUQUERQUE (capitão) – 89

SÍLVIO (tenente) – 129

SOUSA, Clímaco dos Santos – 122

SOUSA SANTOS (tenente) – 116

T

TAUNAY, Alfredo d'Escragnoille (visconde) – 29, 31, 34, 40, 147

TAUNAY, Nicolau Antônio de (barão) – 25

THOMPSON, G. – 44

TURENNE – 34

U

URBIETA, Martín (major) – 54, 92, 94

V

VASSOURAS (barão de) – ver LEITE, Francisco José Teixeira (comendador)

VIEIRA RESENDE (tenente) – 146

VÍTOR (tenente) – ver BATISTA, Vítor (tenente)

W

WELLINGTON (lorde) – 34

X

XENOFONTE – 34

A Retirada da Laguna, de Alfredo d'Escagnolle Taunay,
foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia
85g/m², nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações),
do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em março de 2011,
de acordo com o programa editorial e projeto gráfico
do Conselho Editorial do Senado Federal.

O autor deste livro, Alfredo d'Escragnonle Taunay, conhecido como Visconde de Taunay, escreveu seu nome no panteão dos heróis da pátria, na academia literária, nos anais políticos e, por fim, para ser mais amplo e exato, na cultura brasileira. Essa grande figura de homem de ação e literato produziu algumas jóias da historiografia e da literatura brasileiras. Na literatura, escreveu o clássico *Inocência*, uma das expressões do mundo rural no século XIX. A maioria dos críticos é unânime em apontar *A Retirada da Laguna* como livro fundamental sobre a nossa história militar.

Estudioso, pesquisador, espírito inquieto, intelectual de formação impecável, Taunay narra com estilo envolvente a heróica retirada da região paraguaia de Laguna. O lugar fora atacado precipitadamente por tropas brasileiras. O coronel Camisão, em meio à falta de suprimentos, informações e forças de cavalaria, bateu em retirada junto com 1300 homens famintos, em terreno desfavorável, combalidos psicologicamente pela derrota.

É um relato emocionante e rigoroso, fruto da observação e do diário de campanha com as anotações feitas por Taunay no fragor da luta e na retirada honrosa que causou 700 baixas, em “35 dias de dolorosa memória”.



ISBN 978-85-7018-347-7



9 788570 183477